

# Nuvens Medrosas

Versos de  
Torquato Tapajós

Manáos  
1874

5EC-39592  
- 906 -



# PENÍNSULA

Entre "sombras n'água — o caminho. O indígena indo ao distante banho de piscina. Banho mundano dos sentidos. Mergulho nos paradoxos ecológicos, "na galanteza da Poesia" ou nas dúvidas de inteligências eruditas. Estágio em Paris. Sabe-lhe bem caviar, champagne, estética em ritmo francês e horizontes universitários. A cultura ilumina-lhe as raízes, asfaltando a província. Mas não lhe desarruma a realidade interior. O indígena continua honrando seus compromissos subjetivos com o vinho do açaí, com o sarapatel da tartaruga, com os arcaísmos de Rui e Coelho Neto. E afirma-se. Valorizaram-se, assim, os autores amazonenses Torquato TAPAJÓS, Raimundo MONTEIRO, Péricles MORAIS, Genésio CAVALCANTE. Em Manaus, viveram, multiplicaram-se e publicaram poemas, ensaios, livros. Estrutura e substâncias formais, à historiografia das letras brasileiras. Conceito filosófico e literário no rastro do "ciclo do ouro negro". Destaque na comunidade — sem descarrilamento no tempo e no espaço.

(Continua na 7a. página)

(Continuação da 1a. página)

## TORQUATO

Torquato cometeu, em 1874, *Nuvens medrosas*, versos líricos em segundo caderno. Nesse estado de graça, foi-se, em 97, acreditado, como poeta, pela Padaria Espiritual do Ceará que lhe editou *Cromos*, póstumamente. Reverso de importante obra, interpretando o Vale. Dimensão da moderna ciência do geógrafo, do sanitarista e do sociólogo. Navegou longe. Do fenômeno das pororocas à origem das lendas. Pela geografia estática ou dinâmica, física ou humana. Pelas sinuosidades do rio Purus ou pelos limites do Amazonas (Província), coordenando-os. Madrugou, em vários livros seus, através dos problemas de base da Terra Imatura. Cobriu a planície social com o rosto das pesquisas. Rosto precocemente rugado. Pelas pesquisas. O fato, aqui e acolá, represando a doutrina.

O homem do trópico, sesteando, já à vontade mas sozinho. Braços cruzados na salubridade do clima mal-sinado. Torquato armou-se polemista. Elevou a voz na defesa dos públicos serviços. No "Diário de Notícias", do Rio, e em volume de 1888, catou omissões e incorrecções no "Dicionário Geográfico do Brazil" do medalhão Alfredo Moreira Pinto. Investiu contra a benemérita Companhia de Mauá, após esta engulir a Fluvial, de Alexandre Amorim. Investiu contra o monopólio. Havia mais subvenções e menos vapores de linha. Torquato TAPAJÓS: trabalho missionário entre a razão e a quimera. A Amazônia povoada, desenvolvida.

## O POETA

1925. Concurso para príncipe dos poetas amazônenses. Raimundo MONTEIRO: entre os menos votados. Eleito, entretanto, pelos votos e intenções de Jonas da Silva e Álvaro Maia. Eleitores jovens ignoravam-lhe a legenda. Gordo, montado em cartório, naquele ano. Maneiras forradas de veludo, distintas mesmo ao sol, infundindo compreensões, estima. **Voluntas** fôra credencial às “coteries” parisienses e cariocas. Circulara o livrinho apenas entre amigos. Colette, Mendês, Bilac, Emílio, Martins Fontes, Leal de Souza, os mais íntimos. Dessa vida ilustre e boêmia fugiu o gentleman, o homem-poeta para os confins de Humaitá. Lá a família fundara cidade e explorava os melhores seringais. Capítulo perdido na crise econômica do Estado. “Humilde e casto”, isolava o fulgor do Sonho. “Morre, em surdina, a toada / de uma viola magoada...” “Redenção” congregava, na Amazônia, os espíritos em voga. MONTEIRO passou a colaborar na revista. Convívio, comício, criação. Estabelece comando, fiel às musas parnasianas e decadentes. Reanima temas surrados. Painéis com imagens vivas de civilizações mortas. Verlainiza instantâneos bela e sensivelmente perplexos (“A lembrança da côr fictícia do carmim”. O mistério em lilá). O movimento modernista ainda sem platéia nas “palustres zonas”. Narcisos cordiais no bar Fênix da rua Sete de Setembro. Ali improvisa, inspira-se. Epinícios caprichados. **Flamas, Andrômaca** — altitude em sua obra. 30 anos após nascer o simbolismo, reúne e publica sonetos, poemas, poemets, rondós, rondel, cantos reais, pastorais, baladas, trovas. A volta ao mundo (exterior e interior) em 460 páginas. Emoções na “Arte pura da Rima”. Ganha a técnica o jôgo das palavras caducas e virgens. A sintaxe botando casa para as idéias. Variados metros e símbolos que se irmanam, apurando sons e artifícios, nomeando o artista. **As Horas Lentas**. Mensagem para quem veste camisa em fantasma. Mensagem para historiador. Humberto de Campos tinha-o como “surdo, e mudo; à Natureza”. Foi grande em aguarelas, em nuances. Sim, faltou-lhe alcance visual para conquistar a paisagem, em sua plenitude. E encantou-se na Selva, O caboclo de olhos azuis nadava de costas pelos igarapés, pelos afluentes. Cúmplice à fuga das ilhas de araçás e ingaranas. O rio Madeira, fluindo-lhe “como regato macio...” Além das cachoeiras, o bosque simbolista de Baudelaire. O jardim solitário; a cataléia real, o aroma do paurosa. A imensa hospitalidade da samaumeira, acolhendo e acompanhando séres, sintonizando com o homem. Lágrimas “sacratíssimas” correm “no silêncio e na sombra em que meditas, poeta”. Correm na Poesia que fica.

**CLOVIS BARBOSA**

- Torquato TAPAJÓS (1853-1897)
- Raimundo MONTEIRO (1883-1932)
- Péricles MORAES (1882-1956)

de Santos. Anonimo offerece o amigo  
Francisco A. dos Santos.

27 de agosto 18-5-1901



Cat. de Santos

220

*[Handwritten signature]*  
*[Handwritten signature]*



Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Manaus Amazonas

1874

VERSOS DE T. TAPAJÓZ

INDICE

NUVENS MEDROSAS.

	<i>Pags.</i>
Introdução.....	VII
Carta de J. Mariano de Oliveira Junior.....	XI
Ao leitor.....	XV
Ao Exm. Sr. General Dr. José de Miranda da Silva Reis e á sua Exma. Familia.....	XVII
Alsorina.....	XXI
—	
Nuvens medrosas.....	1
Christo.....	4
Minha mãe.....	8
Adeos! adeos!.....	11
Saudades.....	13
A' meia noite.....	15
Serenata.....	17
Não sei.....	19
Castro Alves.....	21
Fatalidade.....	26
Deseseis annos.....	28
Só Deos!.....	30
O pescador.....	34
Alta noite.....	38

1874  
7172n

	<i>Pags.</i>
Tiradentes.....	40
O que é minh'alma.....	46
Ultimo instante.....	48
Amazonas.....	51
Nostalgia.....	55
A' memoria de meu padrinho.....	58
Talvez.....	61
Crepusculo.....	65
Nocturna.....	68
Supplica.....	71
Forget me not.....	73
Estrella d'alva.....	77
Solidão.....	79
Desalento.....	81
Crenças mortas.....	83
Perdão!.....	85
Uma lagrima.....	88
Passeio á Santa Rosa.....	90
Resignação.....	98
Lyrio e rosa.....	101
Tu e eu.....	106
A' Agricola E. Pinto.....	108
A Exm. Sra. D. Adelaide Julieta Martins.....	110
Não me olhes.....	113
Amor de poeta.....	115
Mimosa.....	118
Porque choras?.....	121
***.....	124
Morte de virgem.....	126
Pedi-te um beijo.....	128
Porque foges!.....	130
A' Miss Ella.....	132
Grito d'alma.....	135
Messalina.....	137
Desengano.....	140
A' interessante menina D. Maria Pontes.....	144

	<i>Pags.</i>
O maldicto.....	147
Na taberna.....	150
Walsando.....	153
Que noite!.....	159
Escuta.....	163
Seus olhos.....	165
Tres cantos.....	169
Iassê-tátá.....	171
Notas.....	181



Joaquim Xavier Monteiro Tapajós  
nasceu em Manaus a 3 de dezem-  
bro de 1853.

Filho do coronel Francisco Antônio  
Monteiro Tapajós e Recondita Rosa  
Monteiro Tapajós. Formado em  
Engenheiro Geógrafo e Bacharel  
em Matemáticas. Faleceu no Rio  
a 12 de novembro de 1897.

Obras:

Nevoeiros.

Nuvens medrosas (este volume) -  
1874  
Cromos.

Bt. Mário Ypiranga Monteiro

Registro: © 1372

Folha:

Data:

18-3-1921

*Luciano*

## INTRODUÇÃO

---

Ao susurro de uma fonte tam pobre como desconhecida li os versos do cantor inspirado do maior rio do mundo.

E achei cantos que serviram de consolação á minha alma e que balbuciados por meus labios se perderam no silencio do deserto do estreito vale, onde me escondo.

Oh como é feliz a mocidade quando ergue a fronte altiva e intelligente, e fita no céo do porvir o seu olhar soberano!

Leva nos labios ardentes o hymno da gloria; sorri-lhe nas faces a esperança; acena-lhe a patria, e ebria de entusiasmo escuta os applausos ruidosos das turbas que o victoriam.

Tudo o inspira, e elle tudo canta: a patria e a liberdade, o amor e a gloria.

Contempla a immensidade e quer encher-a de sua alma.

Tem a crença no espirito; e as suas esperanças são flôres que promettem fructos.

Como Colombo sonha um novo mundo; como Dante canta uma nova vida.

Os seus versos são como os adejos do beija-flôr, como os osculos das abelhas de ouro sobre as flôres, como os vôos das mariposas em torno das chammas.

Outras vezes semelha a abalada do condor que atravessa as ondas do espaço e váe de um vôo pairar no gremio do trovão.

Mas os annos passam, mas as esperanças morrem em flôr, e despontam as illusões antes que se toque o ultimo marco da existencia.

Fogem as crenças e o que resta?

Tornou-se a patria indifferente madrasta; a liberdade uma chimera, o amor um sonho e a gloria fumo que dissipa o vento.

O futuro é a miragem que lhe foge pelo deserto. Em vão carçado pergunta sentado á beira do tumulo, entre as flôres da primavera, como Casimiro de Abreu:—E' mui longe o porvir?

E' tarde, é muito tarde para ler os versos de quem vem do berço da esperanza e bate ás portas da gloria.

Quebrei a minha penna e nem ao menos a crença me inspira os *Cantos de além tumulo*.

Nasce o teu sol, mancebo, e o meu se recolhe ao poente.

Sepultado n'este vale, sombrio como o meu coração, mudo como meus labios; preso entre estas montanhas, vejo morrer uma a uma todas as minhas inspirações sem que um grito nobre e altivo de minha alma denuncie a agonia de um miserando poeta.

São frias as minhas palavras, gelada minha alma pela indifferença para que te possa animar em tam brilhante ascenção.

E de mais para que escreveria eu um prologo para um livro que já não é a primicia de teu talento, mas uma segunda e valiosa prova? ✕

Não poderia por certo despertar esse povo que parece dormir o somno da descrença no meio da corrupção que o acalenta nos seus braços impuros e que parece marchar porque o mundo marcha.

Mas trabalha! A lucta é gloriosa para a mecidade que sente nas vèias o fogo da gloria, a febre do enthusiasmo.

Mas trabalha! Dotou-te Deos de immenso talento e prodigo não o esperdices; cultiva com cuidado a herança sagrada, o presente do céo, o dote divino.

Encerra o teu livro cantos primorosos; são fluentes os teus

\* Quer dizer que este é o segundo livro publicado. J. Monteiro.

versos, embora o rhythmo se resinta algumas vezes da distração de tua musa.

Com o estudo, com a reflexão virão outras idéas politicas, que modificarão o pensar da mocidade, a qual perde-se quasi sempre no turbilhão desse Malstroron politico.

Sem duvida succederão ás NUVENS MEDROSAS novos cantos dignos das vagas que rola o Amazonas.

A liberdade não é um pampeiro desenfreado a galopar pelo oceano tenebroso; sel-o-ha antes a brisa que livre se ostenta pela superficie do mar azul, sob o céu dourado.

E' por isso que acho mais encanto, mais poesia nas tuas inspirações de amor; mais balsamo e consolação nos cantos por assim dizer familiares, onde a saudade filial suspira e chora tam docemente, ausente de seu lar e seus penates.

Inspira-te mais das cousas da tua risonha e magestosa provincia—esse mundo de maravilhas—pede áquellas margens de esplendida riqueza e vegetação mais intimas inspirações, e como pódes e debes, dota a patria com poemas dignos daquella natureza em que Deos se revela com toda a sua omnipotencia.

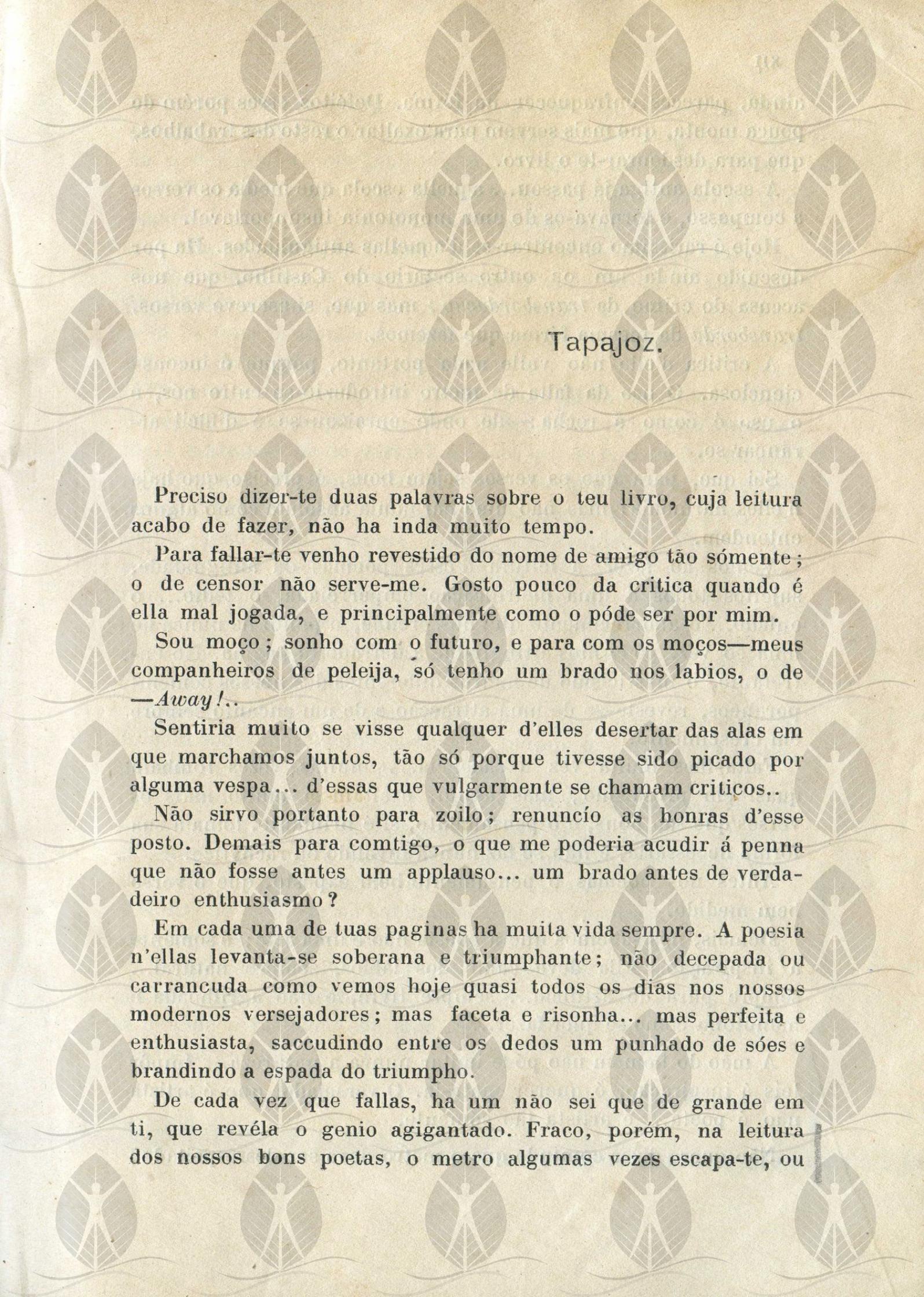
De quem tam bem madruga com tam ricas estréas, tudo se deve esperar para sua gloria e gloria de sua patria.

Avante, pois!

J. Norberto.

Agua-azul, 15 de Setembro de 1874.





## Tapajoz.

Preciso dizer-te duas palavras sobre o teu livro, cuja leitura acabo de fazer, não ha inda muito tempo.

Para fallar-te venho revestido do nome de amigo tão sómente ; o de censor não serve-me. Gosto pouco da critica quando é ella mal jogada, e principalmente como o póde ser por mim.

Sou moço ; sonho com o futuro, e para com os moços—meus companheiros de peleija, só tenho um brado nos labios, o de —*Away!*..

Sentiria muito se visse qualquer d'elles desertar das alas em que marchamos juntos, tão só porque tivesse sido picado por alguma vespa... d'essas que vulgarmente se chamam criticos..

Não sirvo portanto para zoilo ; renunció as honras d'esse posto. Demais para comtigo, o que me poderia acudir á penna que não fosse antes um applauso... um brado antes de verdadeiro enthusiasmo ?

Em cada uma de tuas paginas ha muita vida sempre. A poesia n'ellas levanta-se soberana e triumphante ; não decepada ou carrancuda como vemos hoje quasi todos os dias nos nossos modernos versejadores ; mas faceta e risonha... mas perfeita e entusiasta, saccudindo entre os dedos um punhado de sões e brandindo a espada do triumpho.

De cada vez que fallas, ha um não sei que de grande em ti, que revéla o genio agigantado. Fraco, porém, na leitura dos nossos bons poetas, o metro algumas vezes escapa-te, ou

ainda, parece enfraquecer na fórma. Defeitos esses porém de pouca monta, que mais servem para exaltar o resto dos trabalhos, que para desdourar-te o livro.

A escola antiga já passou... aquella escola que media os versos a compasso, e tornava-os de uma monotonia insupportavel.

Hoje é rarissimo encontrar-se d'aquellas antiguidades. Ha por descuido ainda um ou outro sectario do Castilho, que nos accusa do crime de *transbordação*; mas que, si escreve versos, *transborda* da mesma fórma que fazemos.

A critica d'elle não valle nada portanto, porque é inconscienciosa. O uso da falta de metro introduzio-se entre nós, e o uso é como a rocha:—de onde enraizou-se é difficil arrancar-se.

Sei que, para que os versos sejam bons, é preciso que haja n'elles harmonia; mas não uma harmonia absoluta como alguns entendem.

Vemos ao fazer a leitura d'esses poemas da antiguidade, sujeitos todos a uma metrificacão emperreitada, o tedio... o enfado... o aborrecimento que nos prende, a ponto de nunca de uma só vez, podermos attingir-lhe á derradeira pagina. No entretanto, o mysticismo de metros differentes dos nossos contemporaneos, reveste-se de uma attracção e de um encanto sempre em crescimento.

Falta-lhes muita vez a cadencia... muitas vezes tombam quasi em prosaismo; mas assim, exaltam-se muito mais os versos que são bons, e o pensamento, si é brilhante, toma a sua fórma necessaria, e não se faz nunca invalido ou rachytico.

Antes nos poemas o pensamento bem exposto, que o verso bem medido.

Demais, nós sabemos que a poesia não é uma arte; é sómente a inspiração. Ella deve cahir dos labios, sempre natural... sempre pura de artificio... sempre livre, e não agrilhoada e monótona como se quer fazer...

A mão do homem não póde imitar nunca a natureza... Impôr leis á inspiração, é querer mata-la. O versejador que é artista não é poeta... é artista tão sómente.

Não quero dizer comtudo que o metro deva ser desrespeitado;

não; eu aceito-o sempre, porque a cadencia é necessaria á poesia; mas é quando o metro é natural; se escapa as vezes eu o defendo. O que não aceito é o metro obrigatorio... essa metrificação forçada com que mata-se as idéas e estraga-se a paciencia; e é d'elle tão sómente que ora fallo.

A tua metrificação é boa,<sup>2</sup> porque é toda natural; falha as vezes, como eu já notei-te; mas quando falha é cheia de dignidade, e não se faz portanto censurada. Expressas com ella bem os teus pensamentos, sem os tornar rachyticos com a tal sujeição artificial.

Quanto aos peccados de fórma, por serem nascidos, como disse, da pouca leitura que tens feito, serão todos desculpados. Mais tarde isso ha de passar; é cousa que se corrige facilmente.

Não quero porém contradizer-me do que sustentei logo ao começo d'estas linhas, tomando o meio aspecto de censor, que tenho sustentado, embora muito sem vontade. Vou seguir adiante, para poder agora contemplar-te sobre o pedestal dos teus triumphos... sobre o pedestal feito de applausos e de louros, que já tens sabido conquistar com a tua penna... de corôas e de palmas que o mundo forja em suas officinas para offerecer-te em breve.

Amo a poesia com uma cegueira de fé, incomprehensivel. Julgo-a soberana. Tenho conhecido mesmo que é ella em facto, um dos maiores nuncios da civilisação.

Por onde espalha os seus cabellos louros, deixa após si, um sulco de vida e de enthusiasmo; cava imperios ás ambições de gloria, e o povo parece que se desperta da indifferença e da apathia que invadiam-n'o alguns minutos antes.

Gostei de ouvir-te na sublimidade de tua inspiração, juntando aos suspiros apaixonados de Lamartine, as estrophes ardentes de enthusiasmo e de fé, que te irrompiam dos labios a cada passo, já quando deslumbrava-te a magestade do Ser supremo, já quando a realidade de uma grandeza que temias, irritava-te o assombramento.

Principiaste cedo; talvez para não desmentires o povo que sustenta que—o poeta não se fórma, nasce feito.

Mesmo por esse motivo... por causa da muita mocidade que

ainda recolhe-se em teu cerebro, noto que por demais te deixas arrastar de um idealismo intransigivel diante das idéas reformistas e positivas do seculo.

Eu não amo a utopia; fallo comtudo d'ella, não por saber que sob a sua influencia, peccas para com a sociedade; mas, porque odiando as fórmãs divinas que concedes á mulher, quero implantar diante dos teus olhos o arbusto das minhas crencas realistas e ora proclamadas por toda a parte; realizando ao mesmo tempo o que de ha muito procurava:—responder a algumas linhas injustas e accusadoras que me endereçaste ha dias.

Não ensaiarei, porém, nem de leve rebater as tuas idéas; respeito muito as convicções para que ouse-me e affoutamente a um passo tão incerto como o de tentar convencer-te contra o teu espiritualismo emperreiado.

Sei que só o fogo dos teus vinte annos, mostra-te assim a mulher sob esse aspecto, muito differente d'aquelle que por traz do prisma da realidade ella apresenta.

O tempo das visões passou-se; hoje não existe mais que a realidade sólida e núa. Despertar aquellas é querer tentar tambem a loucura:—a mulher no entretanto não deixará mais nunca de ser materia.

Sou, comtudo, positivista, e não materialista, como me chamaste; ainda mais, não *materialiso o espirito*, nem sei calcar a minha consciencia para poder rasgar a tunica do immaterial. Ao espirito não arranco o nome de espirito. Salvo em Cesar o que é de Cesar, sem confundir a realidade.

Não sei prestar idolatria ás apparencias; eis o meu *materalismo unico*.

E elle exposto, só me resta agora congratular-me contigo, n'uma ultima palavra, com a apparição das tuas poesias:

*Away!*

J. Mariano de Oliveira Junior.

3 de Agosto de 74.

## AO LEITOR

Bem sei que até certo ponto parecerá desproposito esta resolução de publicar versos, e versos de sentimento, neste tempo e nesta terra!... Mas que quer? Para nós outros que temos sempre os olhos fitos no céu, e o coração cheio de Deos a poesia é um anodino necessario, uma especie de thesouro que vale, quando menos, um mundo de compensações a todos os trabalhos desta vida.

C. FERREIRA.

Ahi vão correr mundo mais alguns versos que escrevi, sem pretenções á gloria nem ao nome de poeta.

Já uma vez o disse, e hoje repito: não sou poeta, nem litterato.

Ha para mim duas épocas na vida em que o homem tem necessidade de escrever, prescindindo para isto da fórma.

A primeira—aquella em que o coração sonha o futuro rodeado de flôres, de glorias, e de perfumes; em que se vive dos olhares tremulos d'uma virgem; em que se cria o infinito da felicidade nas phantasias apaixonadas do espirito; em que se ama finalmente: é a época da mocidade; é aos dezoito annos de idade.

A segunda—quando tudo é negro nos horisontes limpidos de outr'ora; quando o vago do infinito se apresenta encarnado no impossivel da realidade; quando o coração chora sobre a lapida gelada do sepulchro, que esconde as cinzas do passado, e a

alma se debruça sobre a cruz da saudade, envolvida no crepe funerario, que traduz a morte da crença: é a época da saudade e da resignação.

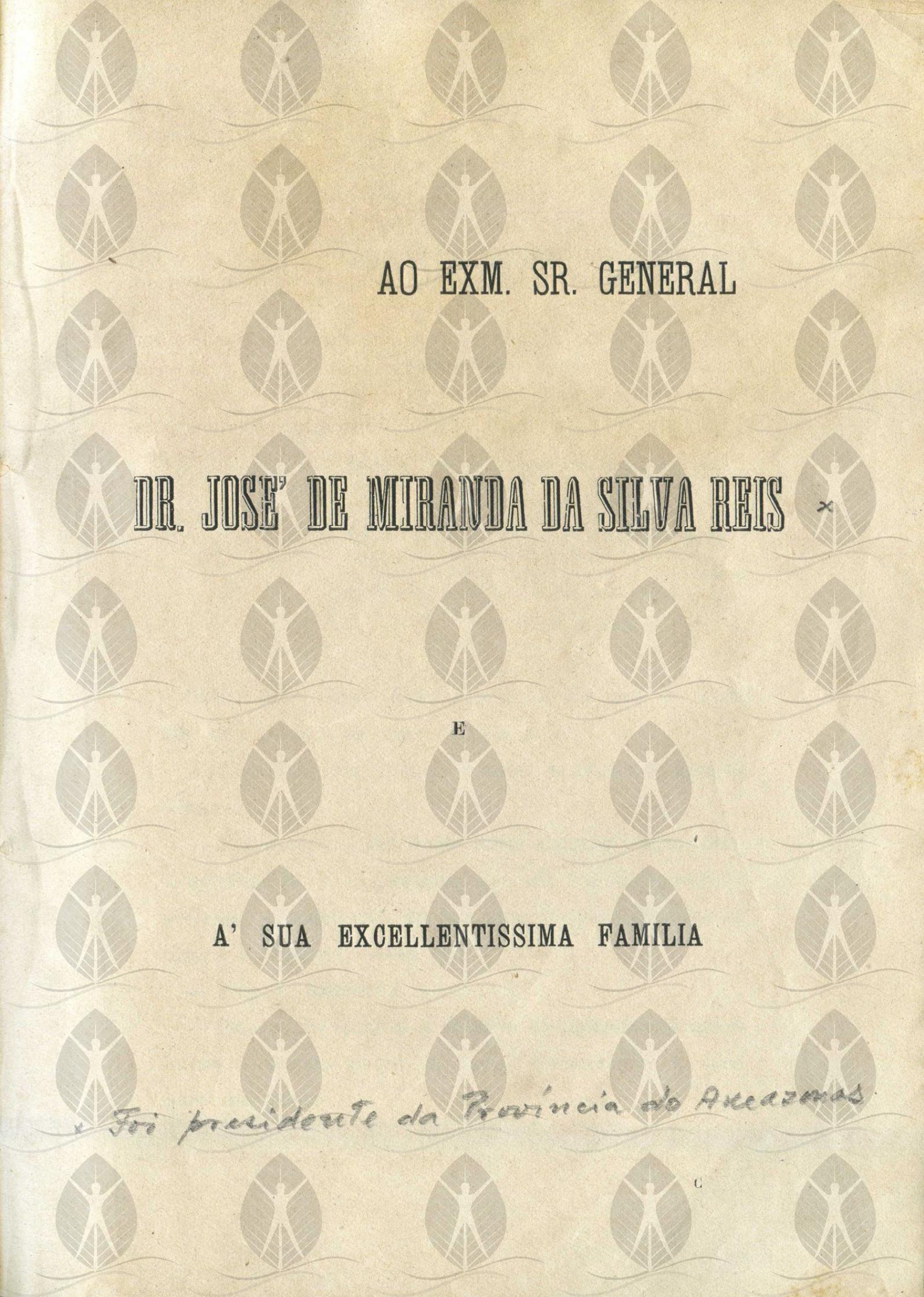
Não direi qual destas épocas me domina o espirito. Devo talvez collocar-me na da transicção.

Amo, porque um coração de moço tem necessidade de amar para equilibrio da existencia; tenho saudades porque vivo do passado....

Assim, nas **NUVENS MEDROSAS** se encontrarão cantos de amor de mistura com lagrimas de saudade. Tenho, pois, razão em dizer que estou collocado na época da transicção.

Bem sei que não venho enriquecer a litteratura do meu paiz com o meu pobre volume; mas tambem, consintam-me este pequeno orgulho, ella não ficará mais pobre.

Eia pois, meu pobre livro, boa viagem.



AO EXM. SR. GENERAL

DR. JOSE' DE MIRANDA DA SILVA REIS

E

A' SUA EXCELLENTISSIMA FAMILIA

*Foi presidente da Provincia de Acazmas.*



AO REX. SR. CANTERIAL

EXHIBITIO ANTIQVARIANA

A SUA EXHIBITIONE ANTIQVARIANA

## ALSORINA



Fallo a ti doce virgem dos meus sonhos.

C. DE ABREU.

Não os repillas, não... Por noites longas  
leveí chorando quando á sós tracei-os...  
— Guarda-os contigo... os pallidos levitas  
se recolhem ao templo de teus seios.

M. DE OLIVEIRA.

O teu nome neste livro vale mais do que se sobre  
elle se abrissem as azas de um anjo.

— Não imaginas quanto te amei, te amo, e te amarei  
sempre.

— Fallei-te um dia desse amor sagrado e puro como  
o orvalho do céu, pensaste que eu queria mentindo  
profanar o santuario de tua alma virgem e me disseste  
corada e tremula:—NÃO SEI!

— Não te lembras?

— Não sabes quanto é terrível no horisonte de nosso  
futuro a nuvem negra da duvida escondendo a face  
pura dos céos?

— Não sabes que a duvida é a morte?

— Foste cruel, muito cruel!

— Ah! mas eu não te condemno: fizeste bem.....

Quem disse ao maldicto do amor que sonhasse com a felicidade? Quem disse ao cego que sonhasse com a luz?

— Disseste-me um dia que acreditavas no destino: não te lembras?

— Pois bem: é elle quem me faz escrever teu nome nesta pagina. Não o arrancarás d'aqui como o não fizeste e nunca o farás de meu coração.

— Sabes, pois, qual é o meu destino?

— Amar-te e muito!

— Onde foi elle averbado no céu ou no inferno?

— NÃO SEI!

Côrte.—74.

**NUVENS MEDROSAS**





I

## NUVENS MEDROSAS

Qu'un autre soit jaloux d'illustrer sa memoire ;  
Moi, j'ai besoin d'aimer.

A. CHENIER.

Das pobres NUVENS MEDROSAS,  
que se lançam temerosas  
sobre as ondas marulhosas  
d'este pélogo de luz ;  
sêde o guia predestinado,  
que o batel despedaçado,  
ao porto sempre almejado,  
a salvamento conduz.

Ha neves no polo escuro....  
e onde surge o futuro  
como porto mais seguro  
ha escarcéos a vencer!...  
O nauta ama a tormenta,  
mas si a nuvem se apresenta  
como flámula sangrenta  
elle teme o combater !

Como o mendigo da praça,  
que a pobreza mais exalça  
ao passar da população  
estendendo as mãos calosas:  
tresvairadas pelos ares,  
a mingoa té de sonhos,  
buscam força á seus pezares  
as pobres NUVENS MEDROSAS.

Nas imagens descoradas,  
nas notas descompassadas,  
nas folhas despedaçadas  
têm as suas candidas gallas;  
vê-se a pobreza encarnada  
em cada linha traçada,  
mas . . . . nunca foi inspirada  
na infamia—das grandes salas.

Em luta tremenda e forte  
com as rajadas da sorte,  
que preludiam da morte  
os satanicos horrores ;  
o cantor em trova rude  
só curva a fronte á virtude,  
e nas cordas do alaúde  
offerta-lhe seus louvores.

São flôres que se fanaram,  
sonhos que se passaram,  
astros que se apagaram  
ao despontar do tufão;

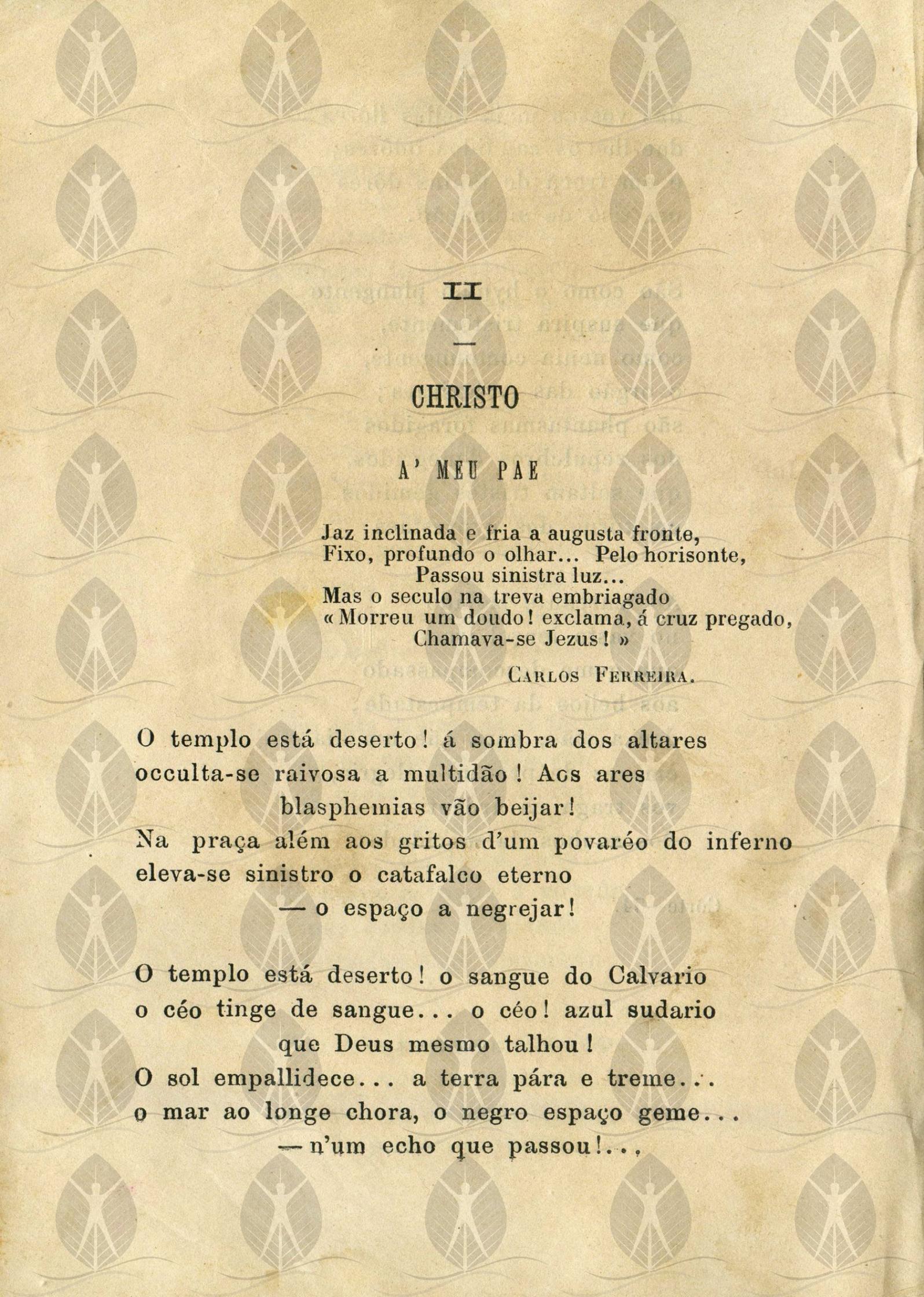
das vossas mais bellas flôres  
dae-lhe os candidos odôres;  
e em troca de tantas dôres  
um riso de animação.

São como o hymno plangente  
que suspira tristemente,  
como nenia compungente,  
o orgão das cathedraes ;  
são phantasmas foragidos  
dos sepulchros denegridos,  
que soltam tristes gemidos  
em torno dos cyprestaes.

Ao mareante izolado  
no vasto lençol irado  
que geme descompassado  
aos beijos da tempestade ;  
dae a mão, para que um dia  
em vez de pranto — alegria,  
vos traga na ardentia  
dos sonhos da mocidade.

Côrte—74.





II

—  
CHRISTO

A' MEU PAE

Jaz inclinada e fria a augusta frente,  
Fixo, profundo o olhar... Pelo horisonte,  
Passou sinistra luz...

Mas o seculo na treva embriagado  
« Morreu um doudo! exclama, á cruz pregado,  
Chamava-se Jezus! »

CARLOS FERREIRA.

O templo está deserto! á sombra dos altares  
oculta-se raivosa a multidão! Acs ares  
blasphemias vão beijar!

Na praça além aos gritos d'um povaréo do inferno  
eleva-se sinistro o catafalco eterno  
— o espaço a negrejar!

O templo está deserto! o sangue do Calvario  
o céu tinge de sangue... o céu! azul sudario  
que Deus mesmo talhou!

O sol empallidece... a terra pára e treme...  
o mar ao longe chora, o negro espaço geme...  
— n'um echo que passou!...

Além sobre o Calvario assoberbando o espaço  
o vulto do *precito* se eleva — e n'um abraço  
— unio a terra ao céu!

Quem é? pergunta a noite ao mar embravecido,  
Quem é? pergunta a briza ao céu ennegrecido  
— e o céu emmudeceu!

.....  
.....

Infrene a turba multa, aos pés da cruz erguida  
— a mesma turba multa agora redimida!  
— blasphema inconsciente!

E os gritos desse povo sedento e sanguinario  
se vão prostrar constrictos n'um echo mortuario  
aos pés d'Omnipotente!

A fé, a esp'rança, a crença—a luz da Omnipotencia  
que fortalece e atéa a luz da intelligencia  
— o homem perverteu!...

E agora como bandos *precitos*, condemnados  
se vão mudos curvar aos pés ensanguentados  
da cruz que lá se ergueu!

A multidão immensa dos astros na carreira  
suspende muda e triste o passo! — Negra esteira  
no céu se desfraldou!

A dextra do infinito aponta para o nada  
e a dextra do finito audaz e descarnada  
o eterno profanou!

O mundo estremeceu — depois sombras erguidas  
nas vastas solidões atiram-se perdidas  
em saturnal valsar !

E Deus sobre os espaços e mundos — debruçado  
no manto seu de nuvens e estrellas embuçado  
faz os mundos calar !

.....  
.....

Silencio ! o mar é calmo ; no espaço a tempestade  
as azas suspendendo parou, e a immensidade  
partio-se em dous pedaços !

Mil raios cravejando em face os céos azues  
veem oscular constrictos os braços dessa cruz  
e cahem em estilhaços...

Silencio ! a fronte augusta se curva para o peito...  
— o unico perfeito cedeu ao imperfeito  
a eterna magestade !

Cahio vencido aos pés do creado o increado...  
porém... o sangue ao longe no Golgotha espalhado  
ergueu a christandade !

Quem foi ? quem é ? responde o mundo que n'um grito  
fez despertar tremendo os echos do infinito  
saudando a nova luz !

Foi Christo, o Nazareno — a luz da humanidade,  
foi Deus, o homem Deus, a propria divindade,  
— foi o eterno Jezus !

E n'um riso de amor e dó — na cruz sangrenta  
— naquella fronte augusta serena e suarenta  
a lagrima sagrada,  
se deslisou ainda fortalecendo a crença,  
consolidando a esp'rança, a fé na recompensa  
da culpa resgatada!

E á sombra dessa cruz, e sobre esse Calvario  
— envolvido nas dobras immensas do sudario  
que Deus no céu talhou,  
repousa a fronte o mundo agora redimido  
e vai saudar no céu constricto, arrependido,  
o *homem* que matou!

Quem foi? quem é? responda o mundo que n'um grito  
foi despertar tremendo os echos do infinito  
saudando a nova luz!

Quem foi? quem é? responda o mundo ajoelhado  
aos pés do *Homem-Deus* aos ares levantado  
nos braços d'uma cruz!

15 de Agosto.—Côrte.—74.

---

III

—

MINHA MÃE

Toujours... toujours á toi...

V. HUGO.

Se mostra encapellado o mar da vida  
extorce-se o batel em convulsão !  
Brilha ao longe nos plainos d'horisonte  
a lava encandescente d'um volcão.

E' tudo confusão — soluça o nada —  
tremendo respirar da eternidade !  
Geme o mundo nos gonzos do infinito...  
Deus aperta nas mãos a humanidade !

Foge a estrella do céu e esconde o brilho  
entre as dobras do manto alvinitente.  
Ensaia a tempestade um rir sinistro,  
raios quebram-se aos pés d'Omnipotente.

Alta noite ! apparece envolta em sombras  
a diva precursora da poesia ;  
com pallidos clarões desperta a vida  
que se abraça a um sonhar todo magia.

Estremece o batel nas ondas bravas  
que o bôjo vêm beijar-lhe enraivecidas,  
e o mareante audaz contempla rindo  
vida e morte n'um élo confundidas.

Escurece-se o throno do infinito....  
reina paz e silencio n'amplidão!  
— Parece que o festim findou-se em risos...  
mas as lampadas rolam pelo chão !...

.....  
Confusa a natureza o mundo em trevas  
a humanidade em raiva s'espedaça.  
E' tudo confusão — espectro horrivel  
abre as azas sinistras da desgraça....

.....  
Oh bem longe de mim, sonho maldicto,  
que inda fito bem claro o horisonte ;  
inda tenho no mundo um seio puro  
onde deite cançada a minha fronte.

Com todo o teu cortejo de mentiras  
não podeste roubar-me esse thesouro.  
Ah nunca o roubarás ! e p'ra compra-lo  
céo e terra fundidos não dão ouro.

Minha mãe ! ah de Deus hora mais bella,  
de maior mais soberba inspiração,  
foi aquella em que deu ao pobre homem  
de santa mãe o santo coração.

Quem teme o despenhar do mundo inteiro  
do vicio na tremenda cataracta,  
quando um anjo de luz — sua mãe querida —  
entre nuvens do ether se retrata ?

Quem á mingoa de amor morrer sonhára  
quando tem junto a si, pulsando activo,  
um coração de mãe, que, nesta vida,  
é a santa e pura essencia do Deus vivo ?

Minha mãe — quando a noite me sepulta  
nas sombrias abobadas do mundo ;  
quando dormem os astros pelo espaço ;  
quando o mar no silencio é mais profundo ;

De noite, quando em sombras o infinito  
o céu e terra abraça enlanguecidos ;  
eu te rendo saudosa adoração  
tendo os olhos de pranto entumecidos.

De noite quando a briza norte beija  
minha fronte gelada e abatida,  
eu sinto que me passa pelas faces  
um beijo que me dás, ó mãe querida.

Então rio do mundo e sinto n'alma  
a coragem de novo rebentar :  
oh meu Deus consenti que eu possa ainda  
de minha bôa mãe a mão beijar.

Côrte, 73—Agosto.

---

*Adão*

IV

---

ADEOS ! ADEOS !

ABORDO DO VAPOR « MANÃOS »

SOBRE O AMAZONAS

T'escondeste afinal por entre as ondas  
d'este vasto lençol, que do oceano  
a immensidade assombra !

Minha terra natal — dá-me um abraço  
e recebe nas dobras do teu manto  
esta lagrima ardente !

Si esta dôr que ao deixar-te me lacera  
eu tivesse previsto — não sonhára  
um momento partir !

Ao ver tu t'esconderes no horisonte  
nesse leito de espumas que te abraça  
meu coração delira....

Oh distante de ti por entre as sedas  
da mais bella odalisca do serralho  
do turco americano,

recordarei saudoso os teus *cabellos* ;  
que entrelaçam-se louros em tua fronte  
de virgem amazonas.

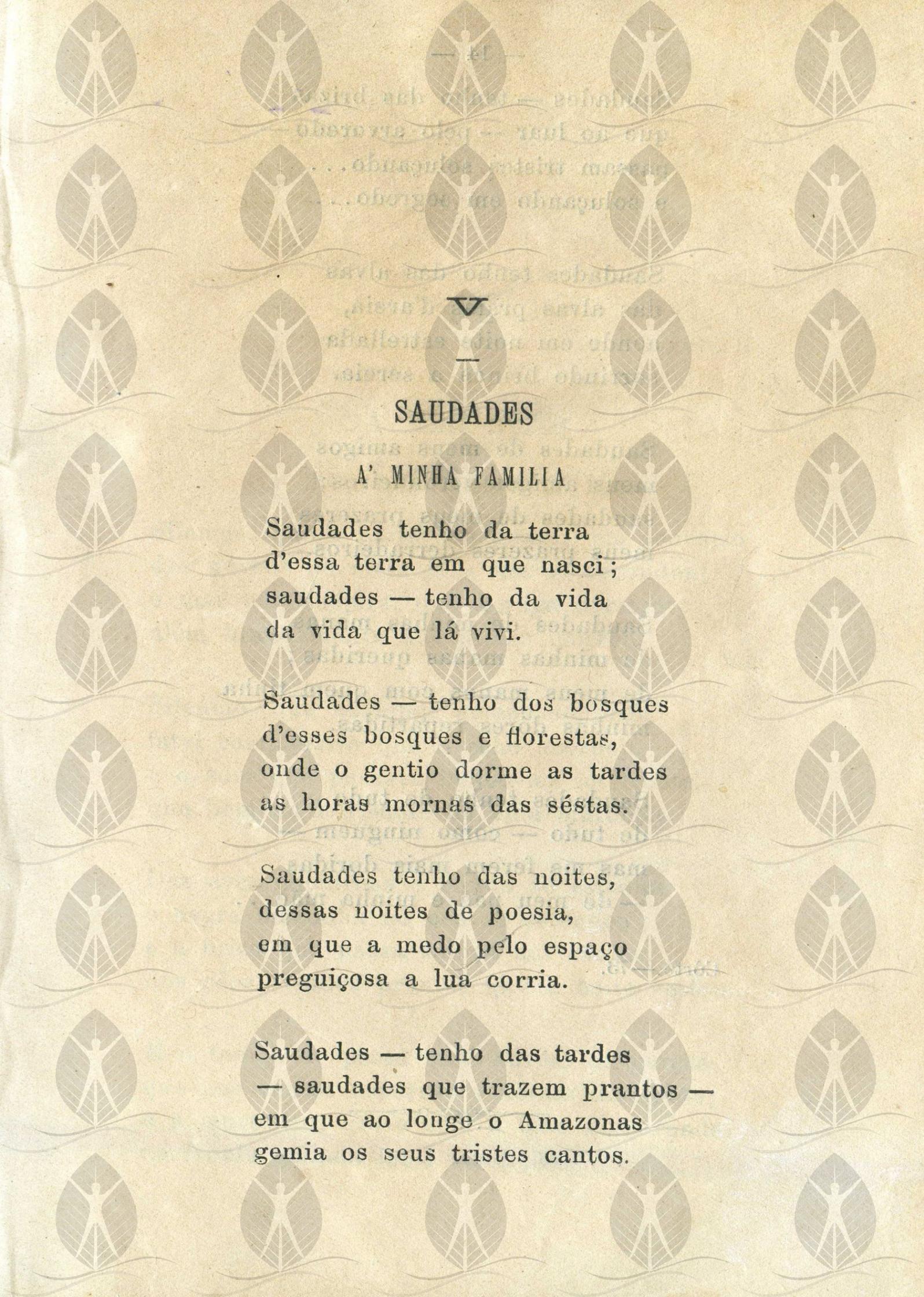
De tuas plantas beijadas pela briza  
que á tardinha teu seio argenteo envolve  
n'um ambiente puro ;  
de tua fronte virginea que adormece  
ao beijo enlanguecido que lhe imprime  
a lua enamorada.

Perdôa-me se um dia a luz que brilha  
n'um futuro que sonho, despertou-me  
a fibra d'ambição.

Perdôa; e si eu trazer na fronte louros  
ou então si trazer goivos gelados....  
recebe-os no teu seio....

Setembro — 72.

---



V

## SAUDADES

### A' MINHA FAMILIA

Saudades tenho da terra  
d'essa terra em que nasci;  
saudades — tenho da vida  
da vida que lá vivi.

Saudades — tenho dos bosques  
d'esses bosques e florestas,  
onde o gentio dorme as tardes  
as horas mornas das séstas.

Saudades tenho das noites,  
dessas noites de poesia,  
em que a medo pelo espaço  
preguiçosa a lua corria.

Saudades — tenho das tardes  
— saudades que trazem prantos —  
em que ao longe o Amazonas  
gemia os seus tristes cantos.

Saudades — tenho das brizas  
que ao luar — pelo arvoredado —  
passam tristes soluçando...  
e soluçando em segredo...

Saudades tenho das alvas  
das alvas praias d'areia,  
aonde em noite estrellada  
sorrindo brinca a sereia.

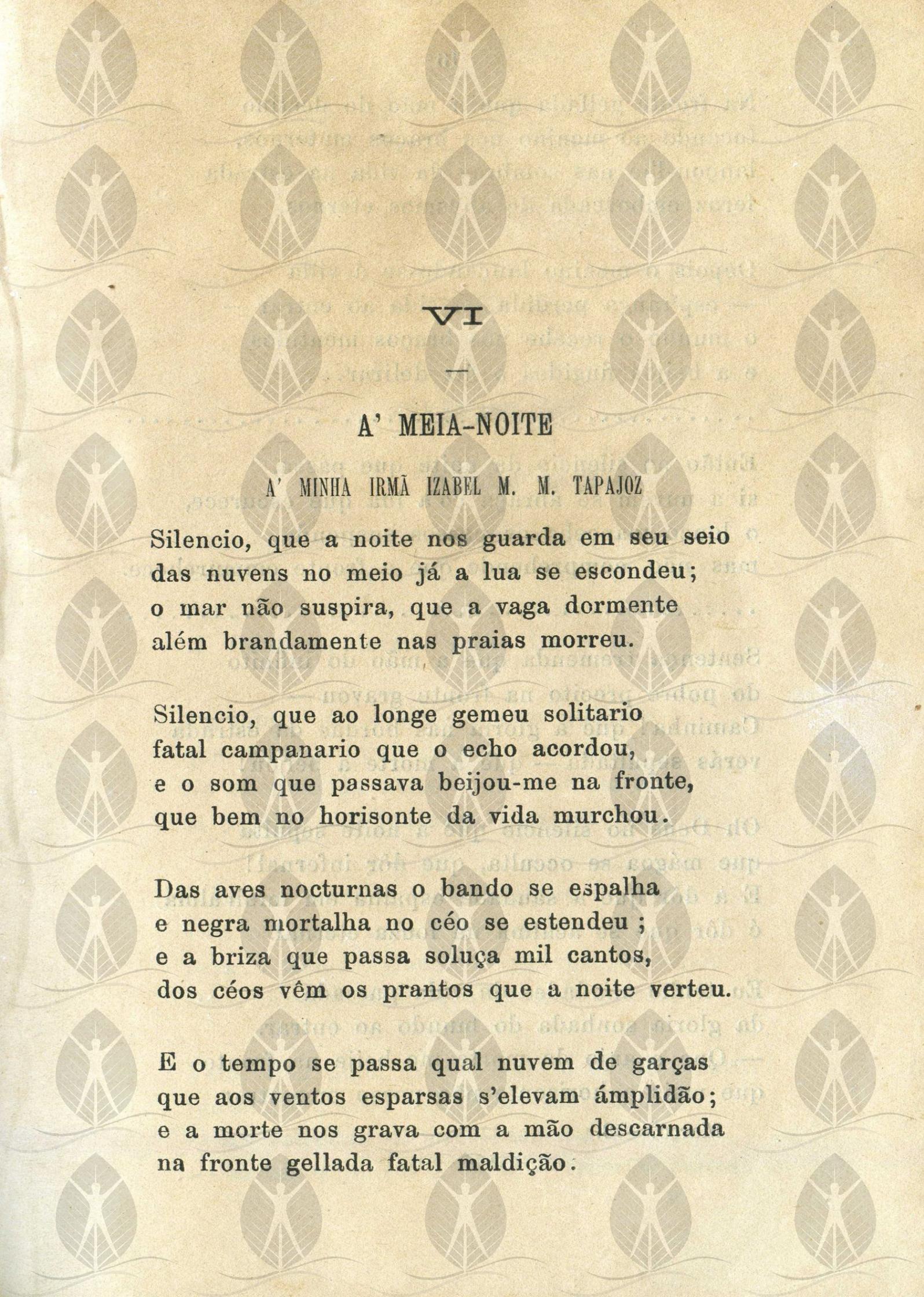
Saudades de meus amigos  
meus amigos verdadeiros;  
saudades de meus prazeres  
meus prazeres derradeiros.

Saudades de minhas manas  
de minhas manas queridas;  
de meus manos com quem tinha  
minhas dôres repartidas.

Saudades tenho de tudo  
de tudo — como ninguem —  
mas me ferem mais doridas  
— de meu pae e minha mãe...

Côrte.—73.





## VI

### A' MEIA-NOITE

A' MINHA IRMÃ IZABEL M. M. TAPAJÓZ

Silencio, que a noite nos guarda em seu seio  
das nuvens no meio já a lua se escondeu;  
o mar não suspira, que a vaga dormente  
além brandamente nas praias morreu.

Silencio, que ao longe gemeu solitario  
fatal campanario que o echo acordou,  
e o som que passava beijou-me na fronte,  
que bem no horisonte da vida murchou.

Das aves nocturnas o bando se espalha  
e negra mortalha no céu se estendeu;  
e a briza que passa soluça mil cantos,  
dos céos vêm os prantos que a noite verteu.

E o tempo se passa qual nuvem de garças  
que aos ventos esparsas s'elevam ámplidão;  
e a morte nos grava com a mão descarnada  
na fronte gellada fatal maldição.

Na fronte gellada que a mão do destino  
tocando ao menino nos braços maternos,  
lançou-lhe nas sombras da vida na estrada  
feroz emboscada de abysmos eternos.

Depois o menino lançando-se á vida  
— esp'rança perdida da vida ao entrar —  
o mundo o recebe nos braços mētidos  
e a beijos fingidos o faz delirar...

.....

Então no silencio da noite que passa,  
si a nuvem se abraça co'a lua que escurece,  
o louco mancebo os passos suspende  
mas não comprehende que a fronte emmurchece.

.....

Sentença tremenda que a mão do infinito  
do pobre precito na fronte gravou —  
Caminha! que a gloria nas bordas da estrada  
verás sepultada — que a morte a beijou!

Oh Deus no silencio que a noite sepulta  
que mágoa se occulta, que dôr infernal!  
E a dôr que a saudade espalha em minh'alma  
é dôr que se acalma na louza eternal.

Eu tenho saudades da vida passada  
da gloria sonhada do mundo ao entrar.  
— Que o anjo da morte me beije na fronte  
que mais o horisonte não posso encontrar.

Março.—73.

— 73 —

— 81 —

VII

—

SERENATA

A' ALSORINA

Alsorina do céu — a lua desmaia...  
— chegou a tanto tempo a noite a meio!  
Vem, meu anjo; a aurora além não tarda...  
ah deixa-me dormir sobre teu seio...

Ao longe não ouviste o som queixoso  
que entoava minh'alma que suspira?  
No silencio da noite — a voz d'um anjo  
tu porque não juntaste a voz da lyra?

Olha — a estrella no céu treme de susto...  
— a natureza toda é só perfumes;  
para o nosso hymeneo — perante os anjos  
Deus mesmo lá no céu accende lumes.

Vem, meu anjo, que a noite é só de amores  
juntemos nossos peitos, nossas almas...  
— As estrellas no céu — tecerão c'rôas  
— os anjos juntos a Deus — tecerão palmas...

Gondoleiros do amor — eia — voemos  
no mar placido e calmo; — adormecida  
deixa a lyra pouzar em teu regaço  
— vencedora no côlo da vencida...

.....

Alsorina do céu — a lua desmaia  
chegou a tanto tempo a noite a meio!  
Vem, meu anjo, a aurora além não tarda  
— deixa-me dormir sobre teu seio...

Côrte.—74.

---



VIII

—  
NÃO SEI!

A' ALSORINA

Por entre as flôres do festim ruidoso  
— mundo de amores que a sonhar creei,  
creança louca lhe fallei de amores  
e ella corando respondeu — não sei!

Fallei-lhe crente do futuro e glorias,  
amor eterno a soluçar jurei;  
não acreditas? perguntei tremendo,  
e ella corando respondeu — não sei!

Contei-lhe as dôres que sentia no peito  
— prantos doridos que a sorrir chorei;  
disse: consentes que te adore e muito?  
e ella corando respondeu — não sei!

Olha — não temas; meu amor é santo  
sómente á noite e á solidão contei;  
porque não queres amparar est'alma?  
— ella corando respondeu — não sei!

No mundo nunca neste peito ardente  
amor por outras a mentir jurei:  
— inda duvidas que te adore e muito?  
— ella corando respondeu — não sei!

Mostrei-lhe ao longe pelo espaço infindo  
a lua correndo e lhe perguntei:  
si eu te jurasse pela luz da lua?  
— ella corando respondeu — não sei!

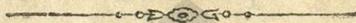
Não sei! tremendo respirar do inferno  
sobre os dictames de funesta lei!  
Não vês que é um quadro de tristonhas côres?  
— ella corando respondeu — não sei!

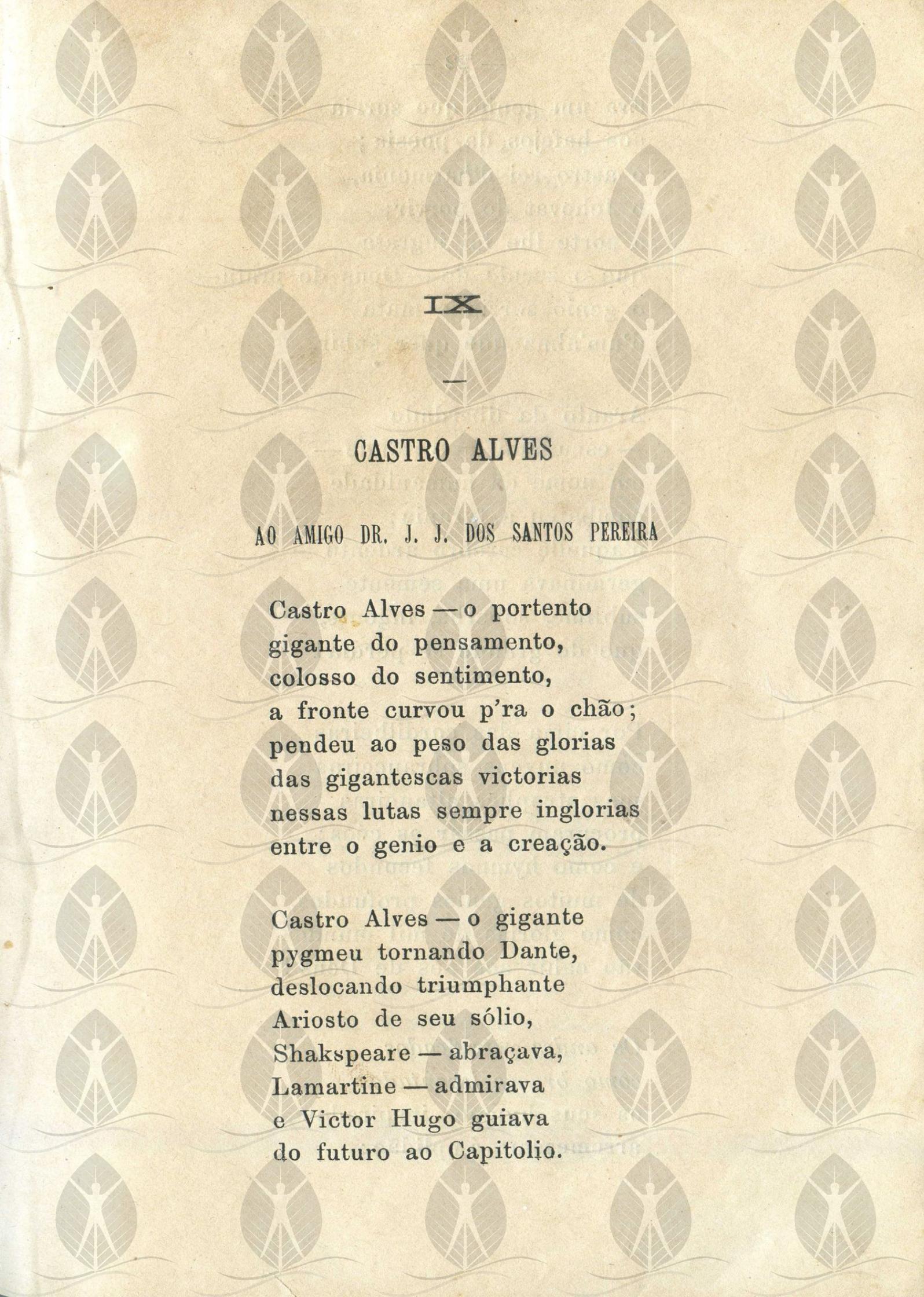
Não sei! não ouves respirar com força  
dentro dest'alma que te consagrei,  
o amor mais puro que no mundo existe?  
ella corando respondeu — não sei!

E assim as fallas que a chorar lhe disse,  
os juramentos que á seus pés lancei,  
tudo que d'alma lhe fallava crente  
ella corando respondia — não sei!

E assim gravou-me nesta fronte gelida  
fronte de moço que á seus pés curvei,  
em letra ardente que requeira e mata  
sentença horrivel que só diz — não sei!

Côrte.—Junho.—74.





IX

CASTRO ALVES

AO AMIGO DR. J. J. DOS SANTOS PEREIRA

Castro Alves — o portento  
gigante do pensamento,  
colosso do sentimento,  
a fronte curvou p'ra o chão;  
pendeu ao peso das glórias  
das gigantescas victorias  
nessas lutas sempre inglorias  
entre o genio e a criação.

Castro Alves — o gigante  
pygmeu tornando Dante,  
deslocando triumphante  
Ariosto de seu sólio,  
Shakspeare — abraçava,  
Lamartine — admirava  
e Victor Hugo guiava  
do futuro ao Capitolio.

Era um genio que sorria  
aos bafejos da poesia ;  
o astro-rei d'harmonia,  
o Jehovat do porvir ;  
a sorte lhe foi ingrata  
que o seculo do — Deus de prata —  
o genio sorrindo mata  
d'um'alma que quer subir.

Arauto da liberdade  
— escudado na verdade —  
em nome da humanidade  
combateu a tyrania ;  
n'aquelle cerebro ardente  
germinava uma semente  
sublime, soberba, ingente,  
que de grande se perdia !

Por cima das cordilheiras  
como nuvens sobranceiras  
suas strophes altaneiras  
procuram passar os céos ;  
e como hymnos fecundos  
de muitos genios profundos,  
como glorias de mil mundos  
vão cahir aos pés de Deus !

*Os andes petrificados  
como braços levantados  
os seus hymnos inspirados  
arremessam ámplidão ;*

a immensidade estremece...  
treme o sol e impallidece...  
Nos seios Deus os aquece  
dos gelos da criação!

As *Espumas Fluctuantes*  
são as perolas brilhantes,  
as estrellas scintillantes  
do céo da immortalidade;  
é um legado sublime,  
que um'alma tão grande exprime  
e o prélo do mundo imprime  
n'um livro — a posteridade.

Castro Alves — foi ousado  
das entranhas do passado  
quiz cavar entusiasmado  
o porvir, e se perdeu;  
sim; que Deus havia escripto  
co'as estrellas do infinito:  
— no porvir, que é de granito,  
eis teu poste — ó Prometheu!

Deus desceu de novo ao mundo  
e áquelle genio fecundo,  
em um gemido profundo,  
apontou mudo p'ra o chão;  
Waterloo da nova idade  
a campa; — a posteridade  
foi o lençol da igualdade  
que o levou á immensidão.

Chegado tinha o momento...  
os astros do firmamento  
ao condôr do pensamento  
traçaram um frizo de luz...  
e o sino do campanario  
do mundo no santuario  
lamentou sobre o Calvario  
o Christo da nova cruz.

Cahiu ferido de morte  
aquelle astro tão forte,  
qu'escarnecia da sorte  
sorrindo crente p'ra o céu;  
morreu legando seu vulto  
á este vasto campo inculto  
aonde vela insepulto  
o brado de — Briareo!

Da patria na historia nova,  
esse rival de Canova,  
atirou mais uma prova  
de que o genio é immortal.  
Dos Andes nas serranias  
— soerguidas penedias —  
s'eleva entre harmonias  
o seu vulto colossal.

Propheta da nova idade,  
sonhando a immortalidade,  
ás flôres da mocidade  
entregou seu coração.

Condôr — pendeu para o nada...  
e na ardentia irregelada  
d'aquella fronte inspirada  
se perdeu animação.

E o Brazil derrama prantos  
sinceros, doridos, santos,  
sobre os seus immortaes cantos  
— idolatrada memoria!  
E o pranto do brazileiro  
— como as azas do pampeiro  
vai levando ao mundo inteiro  
mais um nome para a historia.

Dorme em paz poeta ingente,  
nos braços d'Omnipotente,  
que traçou em tua mente  
os raios d'um grande genio.  
Os anjos velem-te a alma  
e o Senhor te offerte a palma  
conquistada novo Thalma  
do mundo sobre o proscenio!

Novembro, 73.—Nitherohy.

X

## FATALIDADE

(DE CASTRO ALVES)

A' FREDERICO DE A. E ALBUQUERQUE FILHO

Adeus! adeus! n'um derradeiro alento  
adeus lhe disse e se finou de dôr;  
e as santas crenças sepultou gemendo  
sob o sepulchro d'um funesto amor.

Tinha na fronte soberano orgulho,  
co'a fronte altiva atravessou a vida!  
E' que sonhava conquistar mil palmas  
— rasgando em tiras a mortalha erguida!

E assim um dia ao mergulhar no espaço  
o craneo ardente procurando — luz —  
ergueu-se altivo — borboleta argentea  
jorrando luzes pelos céos azues!

Quebrada a louza do sepulchro ingrato  
rasgado o pano da fatal mortalha,  
ergueu-se — genio — a soletrar poemas  
nesses espaços onde a luz se espalha.

Porém ao longe negreando os ares  
do genio a fronte se curvou p'ra o chão!  
— E' que ha fadarios como o crime — negros!  
— existem astros de fatal clarão!

Fatal destino! quem fugir podéra  
á lei eterna do soffrer eterno?  
Quem pôde á crença se abraçar sorrindo  
sentindo n'alma o devorar do inferno?

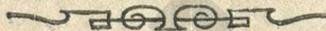
Ninguem! e a alma para os céos gravita!  
Ninguem altera o decretar dos céos!  
Se o raio quebra a eternidade e passa...  
da lei eterna o tribunal é Deos!

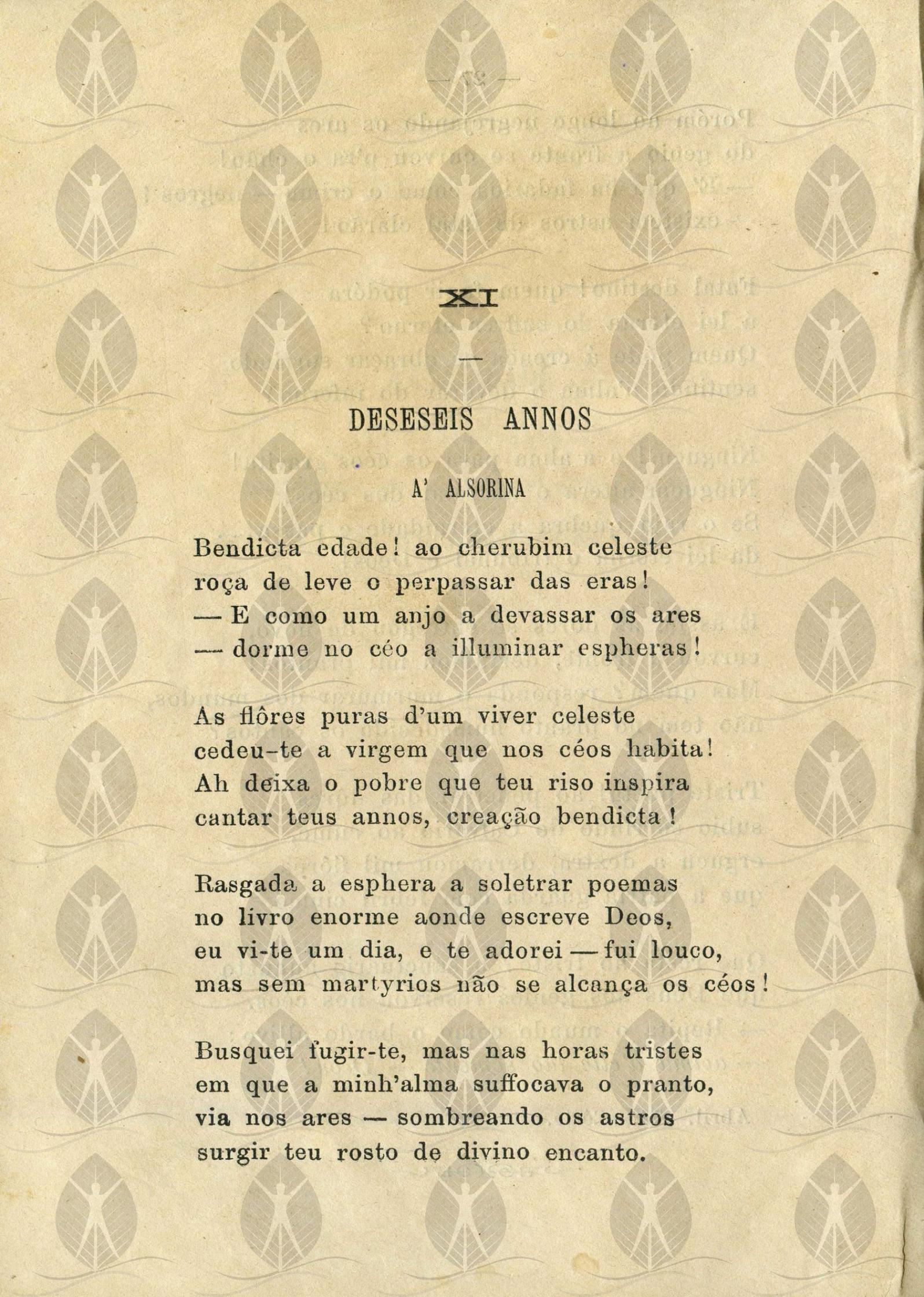
E assim ás dôres se entregou de novo,  
curvou a fronte, derramou mil prantos!  
Mas quem? responde o murmurar dos mundos,  
não tem no pranto humedecido os cantos?

Triste poeta! ao penetrar das dôres  
subio sorrindo do Calvario ao cume,  
ergueu a dextra, derramou mil flôres  
que a patria guarda com febril ciume.

Que resta ao triste? o sanctuario augusto  
que Deus aos genios reservou nos céos.  
— Repita o mundo como o bardo altivo:  
— *acima d'elle tão sómente — Deos!*

Abril.—74.—Côrte.





XI

—

DESESEIS ANNOS

A' ALSORINA

Benedicta idade! ao cherubim celeste  
roça de leve o perpassar das eras!  
— E como um anjo a devassar os ares  
— dorme no céu a illuminar esferas!

As flôres puras d'um viver celeste  
cedeu-te a virgem que nos céos habita!  
Ah deixa o pobre que teu riso inspira  
cantar teus annos, criação benedicta!

Rasgada a esphera a soletrar poemas  
no livro enorme aonde escreve Deos,  
eu vi-te um dia, e te adorei — fui louco,  
mas sem martyrios não se alcança os céos!

Busquei fugir-te, mas nas horas tristes  
em que a minh'alma suffocava o pranto,  
via nos ares — sombreando os astros  
surgir teu rosto de divino encanto.

Era debalde! A enlouquecer de amores  
pedi-te um riso... desviaste o rosto!  
— Que crime horrendo nesta fronte ardente  
a mão terrível do destino ha posto?

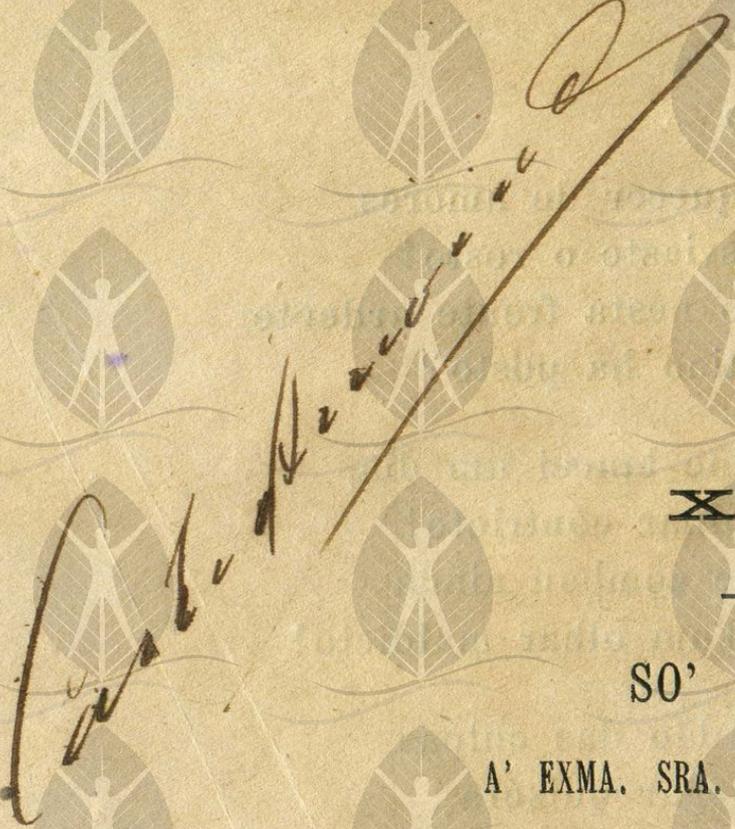
Mudo a tuas plantas me lancei um dia,  
— fallava a alma no olhar constricto!  
Foste um archanjo que zombou ainda  
das chammas negras d'um olhar maldicto!

Depois fallei-te no perdão das culpas  
que Deos tyrano me negar quizéra ;  
disseste : é sonho de mancebo louco...  
o amor — chamaste a doudejar — chiméra !

Anjo, não mates com teu riso amargo  
dest'alma as flôres que o estudo encerra.  
Se tens no céo o teu imperio enorme  
diz—que vieste procurar na terra?

Beija-me a fronte a inspiração ; precoce  
vejo-a fugir a te seguir os rastros.  
— E' o peregrino do Sinai que busca  
seguir de longe o irradiar dos astros.

.....  
Oh vem comigo, nessa idade bella  
o amor é a vida do virgineo peito.  
— Serei curvado te beijando as plantas  
anjo da guarda a te velar o leito !



XII

—

SO' DEUS

A' EXMA. SRA. D. M. J. S. F.

I

Era de noite, sombreava o espaço  
nuvem tremenda — adormecêra o nada!  
— Como destróços de mil mundos — negra  
erguia-se ao longe — pavorosa ossada!

Cabellos soltos não dissêra um crente  
a nuvem negra que lhe ornava a fronte.  
— Era o presagio d'um tormento enorme  
— tremenda estatua a se elevar n'um monte!

Quem ver podêra o scintillar dos olhos?  
Quem lhe escutára o retumbar da voz?  
— Era mais forte que o clarão dos astros,  
— lançavam chispas d'um tormento atroz!

Era de noite; a tempestade ao longe  
sobre os abraços do pampeiro horrendo,  
— semelha o echo da canção dos mortos  
nenia cantando ao Jehovat tremendo!

II

Sobre o dorso espedaçado  
d'um rochedo abandonado  
a raiva dos elementos,  
— erguera-se a voz vibrante  
d'uma harpa delirante,  
— escrava de sentimentos.

Cantava em trovas medonhas  
como os cyprestes tristonhas,  
como o mar — fortes, iradas,  
como a morte — verdadeiras  
quaes do cysne — derradeiras,  
e quaes dos anjos — sagradas.

Lançava pelos espaços  
em sanguinarios pedaços  
— como restos d'um festim —  
as crenças que inda restavam  
nesse craneo — qu'escaldavam  
as azas d um seraphim.

Dizia o canto sentido  
do pobre bardo perdido  
no dorso desse rochedo,  
palavras que via com pasmo  
a eternidade. O sarcasmo  
do peito fugia-lhe a medo!

III

„ Nas tristes horas em que tenho n'alma  
sonhos tão grandes d'um viver benedito,  
sinto roçar-me a pallidez dos labios  
seus labios quentes d'um calôr maldicto!

„ Aguia altaneira devassando os mundos  
erguido altivo sob o azul dos céos,  
senti cahir-me, enfraquecida as azas,  
sobre esta fronte a maldição de Deos.

„ Tudo esqueci, até o dever — covarde  
sonhei bem cedo da descrença o sonho!  
corri sem norte a procurar um *eden*...  
— cahi ás portas d'um soffrer medonho!

„ Desde então vago e á solidão da noite  
nas cordas roucas do alaúde amigo,  
conto chorando o soffrimento eterno,  
buscando ha muito o funeral abrigo.

„ E quando a noite a conversar co'as ondas  
neste rochedo que o pavor encerra,  
canto na harpa meu soffrer constante  
— beija-me a fronte a maldição da terra!

„ E então á noite, á solidão, ás mattas,  
ao mar, á terra, á eternidade, aos céos,  
peço um alivio que traduz a morte —  
e escuto o echo responder: — só Deos! “

IV

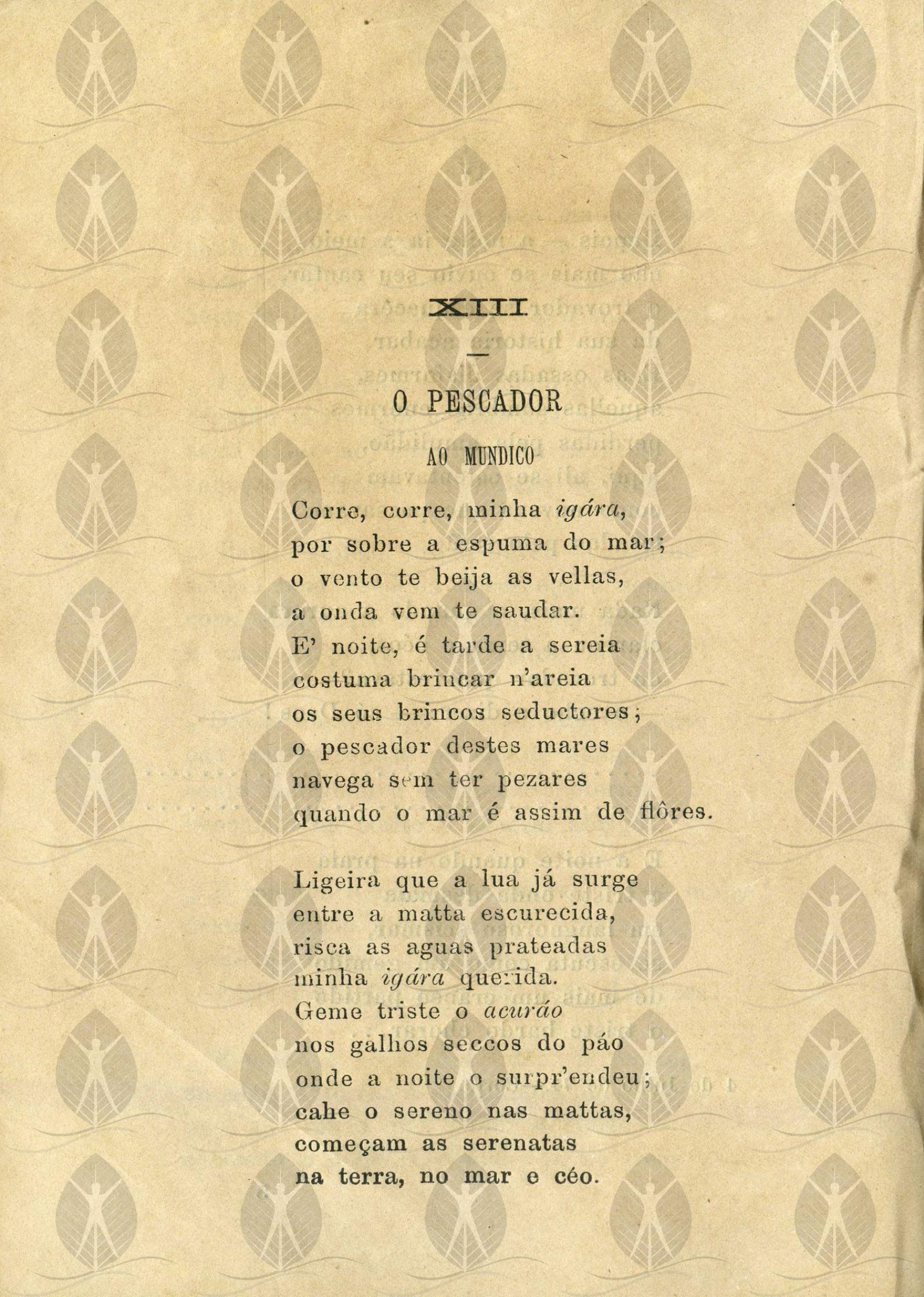
Depois — a noite ia a meio  
não mais se ouviu seu cantar,  
o trovador se esquecêra  
da sua historia acabar.  
E as ossadas disformes,  
aquellas sombras enormes  
perdidas pela amplidão,  
aqui, ali se ostentavam  
como nuvens que passavam  
levadas pelo tufão.

Nada mais, e quando a aurora  
clareou a terra e céos,  
do trovador que restava?  
— o echo a dizer: — só Deos !

.....  
.....

E a noite quando na praia  
a triste onda desmaia  
em languoroso scismar,  
se escuta como um gemido  
de mais um craneo partido  
o triste bardo chorar...

4 de Julho de 74.—Côrte.



XIII

O PESCADOR

AO MUNDICO

Corre, corre, minha *igára*,  
por sobre a espuma do mar;  
o vento te beija as vellas,  
a onda vem te saudar.  
E' noite, é tarde a sereia  
costuma brincar n'areia  
os seus brincos seductores;  
o pescador destes mares  
navega sem ter pezares  
quando o mar é assim de flôres.

Ligeira que a lua já surge  
entre a matta escurecida,  
risca as aguas prateadas  
minha *igára* querida.

Geme triste o *acuráo*  
nos galhos seccos do páo  
onde a noite o surpr'endeu;  
cahe o sereno nas mattas,  
começam as serenatas  
na terra, no mar e céu.

Já dorme a villa envolvida  
no seu lençol estrellado ;  
— a lua beija sua fronte  
— o mar o seu pé nevado.  
Como é bella a minha terra !  
Quanta belleza ella encerra  
no seu céo de poesia !  
Oh nestas mattas perdido  
eu quero ser esquecido  
do nada que o sonho cria.

Na minha *igára* voando  
sou livre como um sultão ;  
além d'aquillo que tenho  
não quero mais nada, não ;  
amo a luz dessas estrellas  
que formam lindas capellas  
na frente de minha amada ;  
tiro do mar meu sustento,  
tenho — Deos — no pensamento  
que posso querer ? mais nada.

Destas praias alvacentas  
quem não se hade captivar,  
vendo o *socó* passeando  
e o *jaburú* a scismar ?  
dessas *garças* tão airozas,  
das *colhereiras* medrosas,  
do *gavião* tão altivo ?  
emfim — de tanta belleza  
que enfeita sua natureza  
ah quem não será captivo ?

Nas noites que a lua não brilha  
quanto é bom então pescar,  
não ha peixe que se esconda  
nas frias brenhas do mar.  
E as vezes que a lua desmaia  
armado co'a minha *zagaia*  
não tremo de susto, não ;  
se o peixe á *zagaia* escapa  
se a *tarrafa* não o *tapa*  
inda tenho o meu *arpão*.

E um *suruby* na *tarrafa*  
é cousa de contentar ;  
quando a *rede* vem *pesada*  
quem não se hade entusiasmar ?  
e o prazer que a gente sente  
é do prazer que não mente  
como o prazer cortezão ;  
é prazer que sahe do peito  
e que apenas vem sujeito  
ás regras do coração.

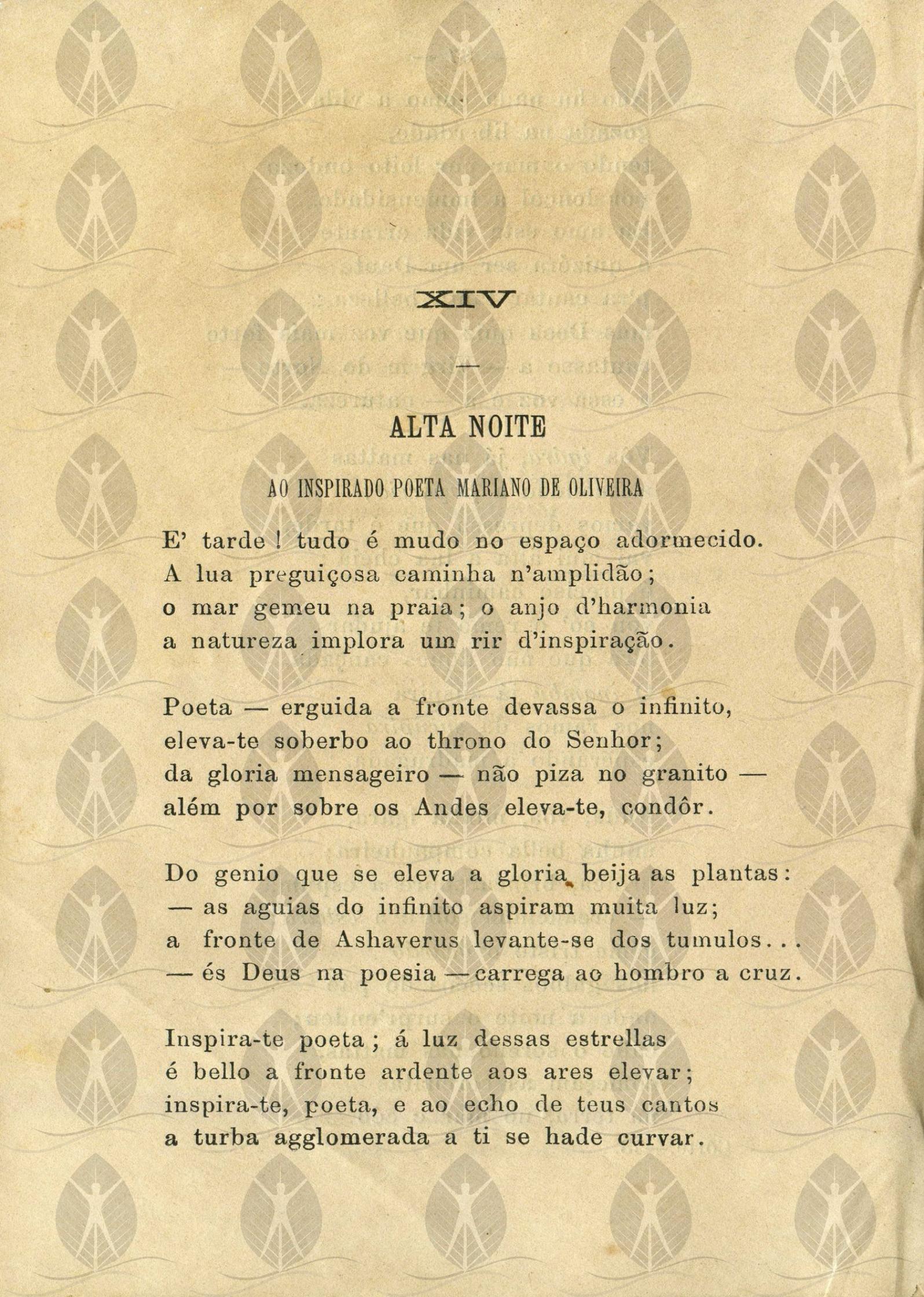
E dizem que é lá na côrte  
que deve a gente viver !  
Boas ! vão-se camaradas,  
esta é dura de roer.  
O que vive nestas margens  
contemplando estas imagens  
do perdido paraizo,  
e que as deixa sem saudade  
pela vida da cidade,  
é louco, não tem juizo.

Não ha nada como a vida  
gozada na liberdade,  
tendo o mar por leito ondozo  
por lençol a immensidade.  
Eu amo esta vida errante  
e quizéra ser um Dante  
p'ra cantar tanta belleza ;  
mas Deos quiz que voz mais forte  
cantasse a — Virgem do Norte —  
e essa voz é a — natureza.

Vôa *igára*, já nas mattas  
s'escondeu a *papaceia* ;  
vamos depressa que é tarde,  
vai mui alta a lua cheia ;  
é preciso caminhar,  
vou co' o remo te ajudar  
p'ra que não fiques cançada.

O *inambú* já suspira  
nos ramos da *sucupira*  
esperando a madrugada.

Anda, vôa, minha *igára*,  
minha bella companheira ;  
brinca, brinca sobre a espuma  
— creancinha sobre a *esteira* ;  
geme triste o *acuráo*  
nos galhos seccos do páo  
onde a noite o surpr'endeu ;  
cahe o sereno nas mattas,  
começam as serenatas  
na terra, no mar e céu.



XIV

—

ALTA NOITE

AO INSPIRADO POETA MARIANO DE OLIVEIRA

E' tarde ! tudo é mudo no espaço adormecido.  
A lua preguiçosa caminha n'amplidão ;  
o mar gemeu na praia ; o anjo d'harmonia  
a natureza implora um rir d'inspiração.

Poeta — erguida a fronte devassa o infinito,  
eleva-te soberbo ao throno do Senhor ;  
da gloria mensageiro — não piza no granito —  
além por sobre os Andes eleva-te, condôr.

Do genio que se eleva a gloria beija as plantas :  
— as aguias do infinito aspiram muita luz ;  
a fronte de Ashaverus levante-se dos tumulos...  
— és Deus na poesia — carrega ao hombro a cruz.

Inspira-te poeta ; á luz dessas estrellas  
é bello a fronte ardente aos ares elevar ;  
inspira-te, poeta, e ao echo de teus cantos  
a turba agglomerada a ti se hade curvar.

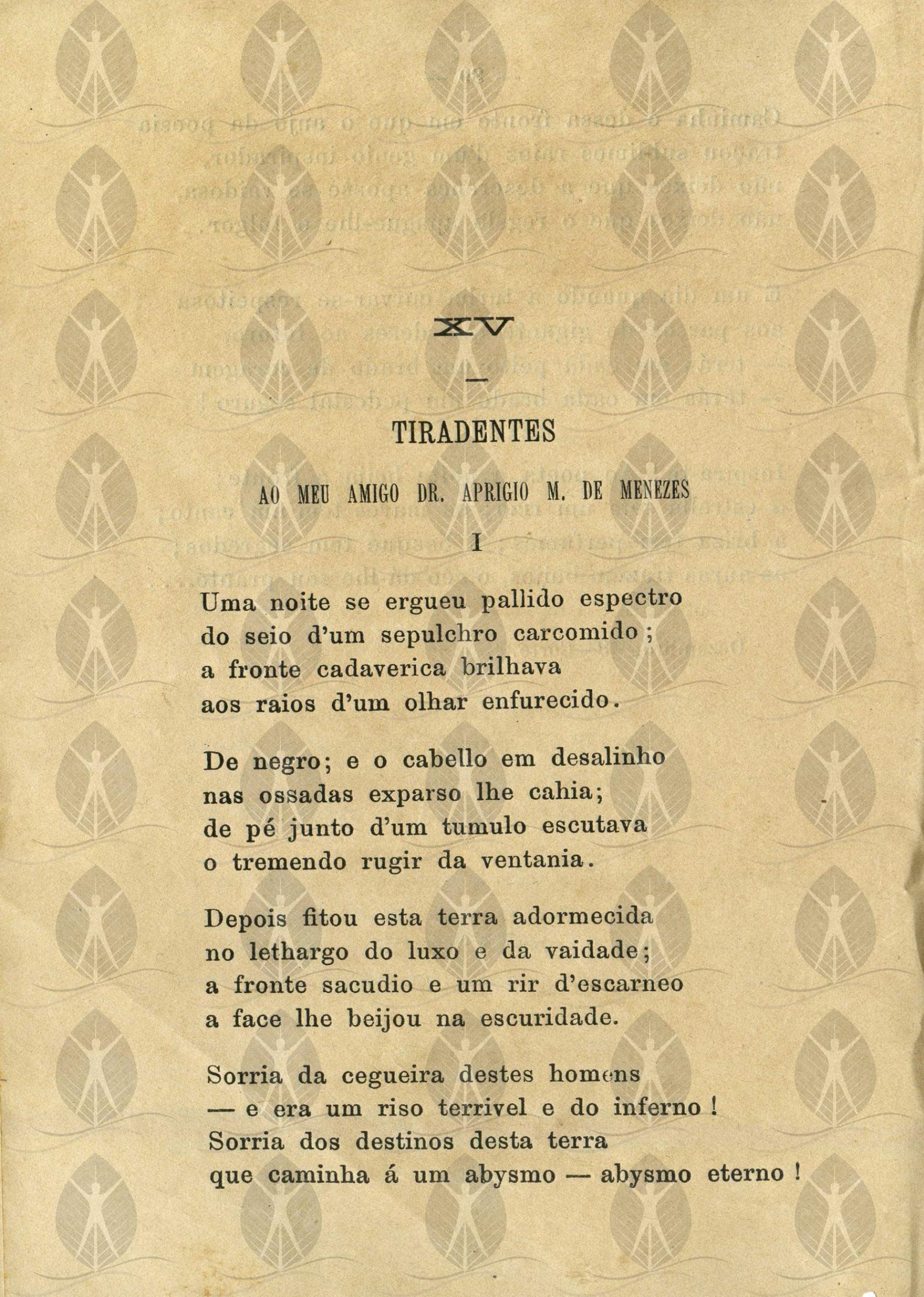
Caminha e dessa fronte em que o anjo da poesia  
traçou sublimes raios d'um genio inspirador,  
não deixes que a descrença aposse-se vaidosa,  
não deixes que o regelo apague-lhe o fulgor.

E um dia quando a turba curvar-se respeitosa  
aos passos de gigante que deres ao futuro,  
— terás em cada peito um brado de coragem  
— terás em cada brado um pedestal seguro !

Inspira-te ! Ao poeta a noite beija a fronte ;  
a estrella tem um rizo ; os mares tem um canto ;  
a briza tem perfumes ; o bosque tem segredos ;  
as auras trazem beijos, o céu dá-lhe seu pranto....

Dezembro, 73—Côrte.





XV

TIRADENTES

AO MEU AMIGO DR. APRIGIO M. DE MENEZES

I

Uma noite se ergueu pallido espectro  
do seio d'um sepulchro carcomido ;  
a fronte cadaverica brilhava  
aos raios d'um olhar enfurecido.

De negro; e o cabello em desalinho  
nas ossadas exparso lhe cahia;  
de pé junto d'um tumulo escutava  
o tremendo rugir da ventania.

Depois fitou esta terra adormecida  
no lethargo do luxo e da vaidade;  
a fronte sacudio e um rir d'escarneo  
a face lhe beijou na escuridade.

Sorria da cegueira destes homens  
— e era um riso terrivel e do inferno !  
Sorria dos destinos desta terra  
que caminha á um abysmo — abysmo eterno !

Mais de perto soprava a ventania,  
os cyprestes curvavam-se p'ra o chão,  
o vulto estremeceu, e suspirando  
os echos despertou nesta canção :

II

„ Dorme nação abatida  
nos luxos e na vaidade;  
dorme estrella desprendida  
dos antros na sumidade;  
dorme, virge' americana  
aonde um povo se ufana  
de ter um sceptro real!  
Dorme, que ao teu despertar  
tua bandeira has de encontrar  
n'uma lage sepulchral !

Os teus brilhos despresaste,  
não temes o teu futuro.  
Insensata te curvaste  
a um poder prematuro !  
O temor não te desperta,  
a gloria caminha incerta  
sem ter abrigo nem lar;  
irmã da mendicidade  
— a virgem da liberdade  
vae caminho a mendigar !

Dorme, nação abrazada  
no fogo da corrupção;  
não vês além na esplanada  
brilhar soberbo clarão?  
E' a romagem do futuro  
que marcha a passo seguro  
para ti, Jerusalém.  
E' a onda da mocidade  
que conduz a liberdade,  
quem pode a suster? — Ninguém!

Ninguém, que o grito do povo  
só o povo pôde abafar,  
e o genio do Mundo-Novo  
incita o povo a gritar.

— O anjo das tempestades  
que animou as edades  
da passada geração,  
„ gaguejando pelos ares “  
vem trazer á estes palmares  
as auras da redempção!

Abaixa a fronte covarde,  
santa terra do cruzeiro,  
já que em teus filhos não arde  
da liberdade o luzeiro;  
são elles que te preparam  
um holocausto que elevaram  
com suas mãos matrecidas;  
surgem além mil colossos  
— não tremem pois que são moços  
— legiões nunca vencidas!

Estes sim, marcham valentes  
— soldados da redempção;  
vem te quebrar as correntes,  
vem te dar a salvação;  
vem — factidica verdade!  
vem te dar a liberdade  
que um homem te ha roubado!  
Vem despedaçar um manto,  
vem quebrar cheia d'espanto  
esse sceptro ensanguentado!

Si este povo é de gigantes,  
si esta nação é de nobres,  
que se não roubem diamantes  
de tantos mizeros pobres!  
— Rasgue-se o espaço infinito  
qual colosso de granito  
de lá desça a igualdade.  
— Um povo não se abomina  
si a loucura que o domina  
é o amor da liberdade!

Mesmo aos gritos da metralha  
é preciso não tremer;  
— d'esse sangue que se espalha  
a igualdade hade nascer.  
Coragem, que a monarchia  
tem por baze a tyrania  
e tem por arma a traição;  
essas testas coroadas  
que rolem despedaçadas  
na lama, no pó do chão!

O' povo, tu que és gigante  
faz de gigante conquistas —  
filho altivo do atalante  
neste somno não persistas;  
desperta — ouve o tropel...  
é elle — o Guilherme Tell  
desta nova geração.  
O sangue que corra — embora —  
mas que surja uma outra aurora  
de liberdade e instrucção.

Vinde, vinde mocidade  
eternos filhos da luz;  
conduzi a liberdade  
á terra da Santa Cruz;  
vinde mostrar a mentira  
em que este povo delira  
de que é livre a sua nação;  
— o throno — despedaçae —  
uma outra éra encetae  
não éra de corrupção. “

.....

### III

Depois beijando a terra — da fronte carcomida  
uma lagrima cahio no chão do cemiterio;  
bem junto a ventania soprando os cyprestaes  
gemia um canto triste — um cantico funereo.

O céo então cobrio-se d'um manto só d'estrellas  
e as luzes espanicaram a horrenda escuridão ;  
o espectro estremeceu, depois, gemendo ainda,  
o eterno — Tiradentes — sumio-se n'amplidão !

Janeiro, 73.—Côrte.



XVI

O QUE É MINH'ALMA

Lyrio fanado que ao passar dos ventos  
a fronte humilde para o chão voltou —  
minh'alma vaga a desfazer-se em pranto,  
pranto dorido que ninguem chorou!

Brisa que passa a sacudir perfumes,  
luz que esclarece a escuridão das campas  
— minh'alma errante a agonisar cahira...  
— rocha quebrada por eternos pampas!

Sonho de virge' adormecida em risos  
leito de rosas lhe beijando as tranças,  
— minh'alma busca descobrir nas trevas  
a luz que outr'ora a bafejou d'esp'ranças.

Beijo de fogo em um cadaver livido,  
astro que apagam da tormenta as brumas,  
— minh'alma teme o conviver dos crentes...  
— garça que foge aos vagalhões d'espumas...

Lyra quebrada a rouquejar em threnos,  
louca das selvas pranteando amores —  
minh'alma geme a soletrar saudades  
na brisa morna que bafeja as flôres.

Louza dourada em sepulchral jazigo  
que encobre o nada d'um semblante lindo,  
meu rosto encobre n'um sorrir mentido  
a dôr que mata-me n'um soffrer infindo!

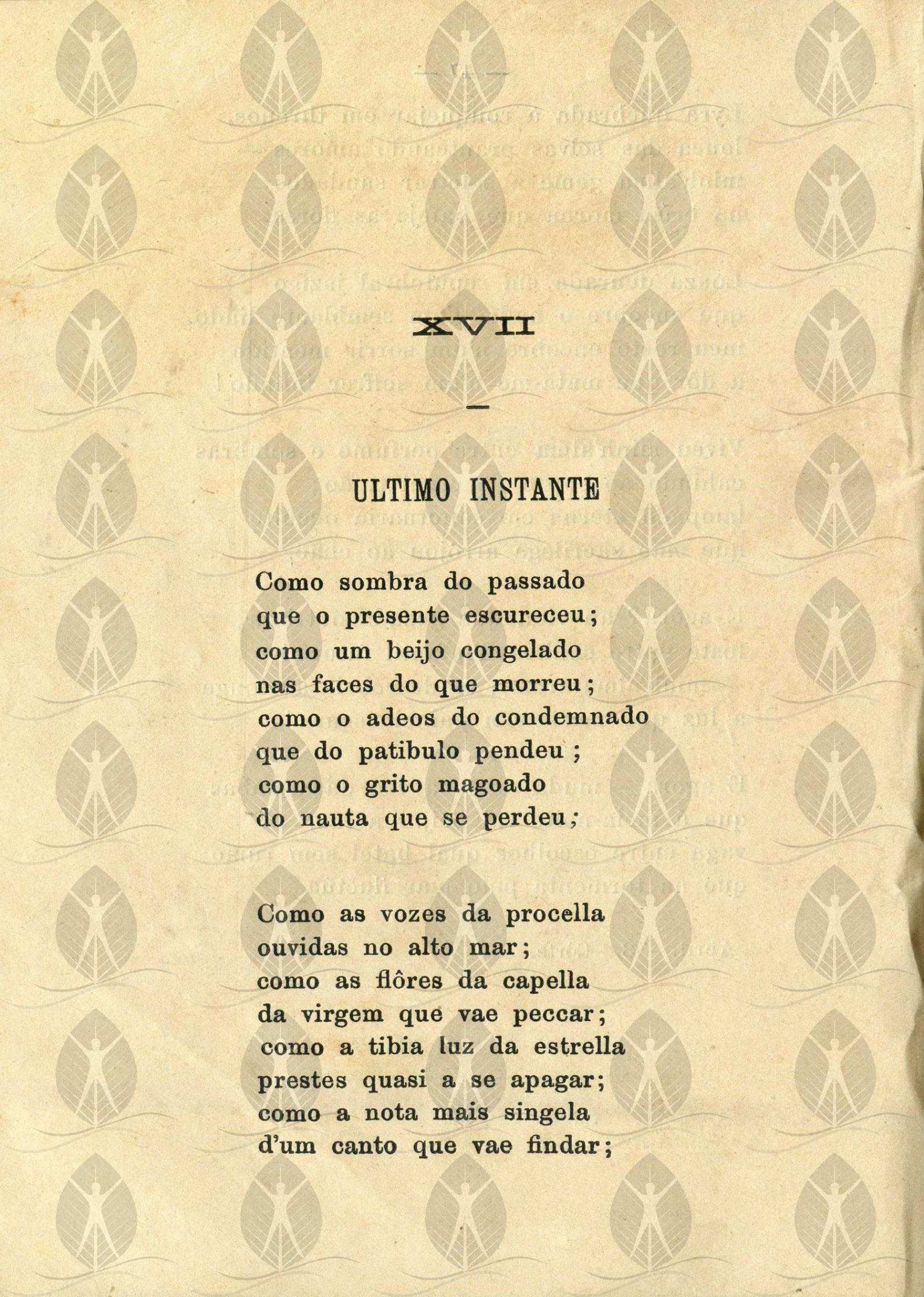
Viveu minh'alma entre perfume e sombras  
cahindo ao sopro de cruel tufão;  
lampada eterna em sanctuario occulto  
que mão sacrilega arrojou ao chão.

E agora? ah vida que gozada outr'ora  
foste entre sonhos d'infantil futuro!  
— minh'alma treme ao descobrir ao longe  
a luz que morre em painel escuro!

E agora — muda como a voz das tumbas  
que á meia-noite vai beijar a lua,  
vaga entre escolhos qual batel sem rumo  
que na tormenta pelo mar fluctúa.

Abril.—73.—Côrte.

---



## XVII

### ULTIMO INSTANTE

Como sombra do passado  
que o presente escureceu;  
como um beijo congelado  
nas faces do que morreu;  
como o adeos do condemnado  
que do patibulo pendeu;  
como o grito magoado  
do nauta que se perdeu;

Como as vozes da procella  
ouvidas no alto mar;  
como as flôres da capella  
da virgem que vae peccar;  
como a tibia luz da estrella  
prestes quasi a se apagar;  
como a nota mais singela  
d'um canto que vae findar;

Como um sonho tresloucado  
que nos enche de pavor ;  
como o rir do assassinado  
ante o ferro do traidor ;  
como o sabre ensanguentado  
do combate no furor ;  
como o riso tresvairado  
d'uma victima do amor ;

Como os ultimos harpejos  
d'um alaúde que espira ;  
como os pallidos lampejos  
da luz de sinistra pyra ;  
como os primeiros adejos  
d'uma fronte que s'inspira ;  
como os derradeiros beijos  
d'uma virgem que delira ;

Como o gemer do oceano  
nas faldas d'algum rochedo ;  
como o grito soberano  
do leão pelo arvoredó ;  
como em peito deshumano  
ter occulto algum segredo ;  
como n'um vagar insano  
tropeçar n'algum penedo ;

Como a luz das sepulturas  
que brilhando se apagou ;  
como viver nas agruras  
da vida que se evitou ;

como buscar as escuras  
um astro que se occultou;  
como morrer nas doçuras  
d'um sonho que se sonhou;

Como o adeos das desposadas  
á vida que não vem mais;  
como torres deslocadas  
de marmoreas cathedraes;  
como rochas isoladas  
tremendo dos vendavaes;  
como sombras desgarradas  
das legiões satanaes;

Como o beijo d'alvorada  
no cimo dos mausoléos;  
como a voz descompassada  
da tempestade nos cécs;  
como a fronte arrebatada  
á gloriozos trophéos;  
como a rosa abandonada  
á furia dos escarcéos:

— Assim foi o ultimo instante  
que junto de ti passei,  
sentindo o pulsar constante  
d'uns seios que profanei....

Em minha fronte delirante,  
quando a furto te abracei,  
no beijo que depozeste....  
.... não sabes que mal fizeste....

Junho 73.—Côrte.



— 83 —

XVIII

AMAZONAS  
A' AUGUSTO FERREIRA

I

Dorme a estrella no céu — pupilla languida  
adormecida aos beijos do luar.

Gargalha a tempestade — arqueja o mundo —  
rolam globos de fogo a espadanar!...

Rairoso quebra o mar caixões d'espumas  
estilhaços cravando n'amplidão.

— O batel do corsario arvera a flamula —  
abre as azas aos golpes do tufão.

Enrisa o vento as vellas enfunadas,  
vae o barco singrando a immensidade  
do oceano raivoso que esbraveja —  
barqueiro busco o mar da eternidade.

II

Bem alta vae a noite — o céu tem sombras  
gigantes de neblinas se levantam  
e brincam n'amplidão.

Bem alta vae a noite — hora de sonhos —  
hora de illusões e em que phantasmas  
povôam o coração.

Gemeu o campanario a quanto tempo?!  
e toda a humanidade já repousa  
cançada de lidar.

E' tudo solidão — aves nocturnas  
em bandos se agglomeram — preludiam  
— sinistro esvoaçar.

.....  
.....  
Distante — sob um céu que não tem nuvens  
adormece nos braços das florestas  
essa terra gigante.

As estrellas do céu por diadema —  
por pedestal o *mar* que rivalisa  
ao genio do atalante.

Amazonas soberbo — em mar d'espumas  
sacode até o pincaro dos Andes  
estilhaços de luz.

E mais ainda — aponta ao caminheiro  
o porvir borbulhando em lagos d'oiro  
que o seio seu produz.

Beija as faldas quebradas dos rochedos  
aonde a mão de Deos em letras d'ouro  
escreveu o porvir.

E no festim dos genios de seu seio  
em taças transbordantes — já saúda  
um dia que hade vir.

### III

Um dia quando o povo,  
do Deos — humanizado,  
beijar enthusiasmado  
a tunica brilhante,  
e o genio dessas mattas  
ao som de mil cascatas  
erguer no mundo novo  
o grito do — levante!

Gigante da immensidade  
perdido lá no sertão,  
embalde pede ao bretão  
que o deixe livre marchar.  
Infames — dão-lhe correntes,  
e aquelles labios frementes  
embalde por liberdade  
s'estorcem sempre a bradar.

Quebra as correntes, ó terra,  
que o Senhor tanto brindou,  
e esse *mar* que te saudou  
cahindo a teus pés prostrado,

será teu hymno de morte,  
oh! santa per'la do norte,  
— *estrella* que Deos encerra  
no diadema *estrellado*!

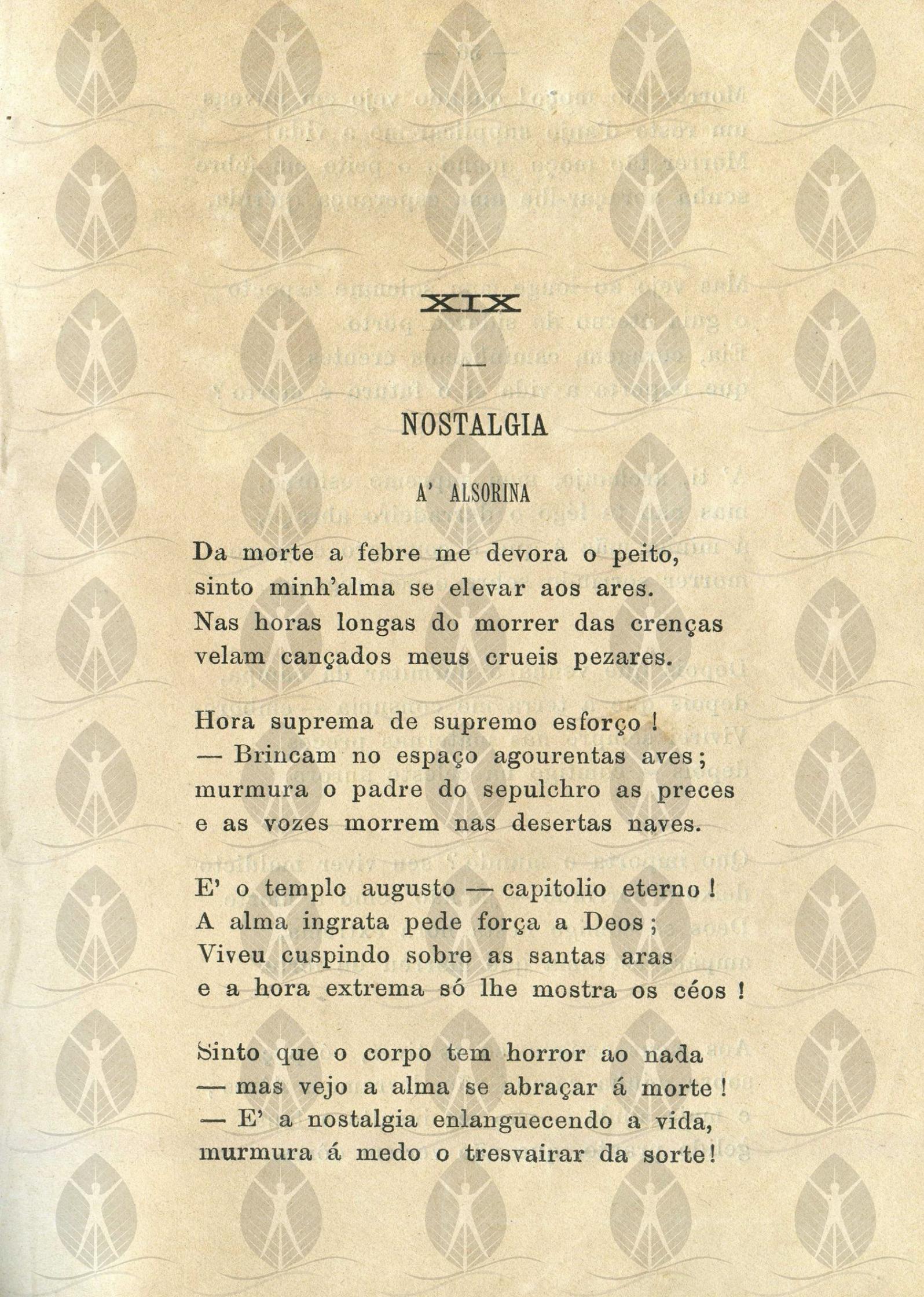
IV

E's grande e és bella — és filha das selvas  
das filhas das selvas imita o valor;  
co'as settas em punho investe os tyranos  
e crava-lhes n'alma da morte o torpor.

Sê brava e valente, valente indiana —  
meu berço, minha terra — irmã do futuro —  
— Escreve teu nome nas folhas da historia  
— não deixes teu nome perder-se no escuro.

Côrte.—74.





XIX

NOSTALGIA

A' ALSORINA

Da morte a febre me devora o peito,  
sinto minh'alma se elevar aos ares.  
Nas horas longas do morrer das crenças  
velam cançados meus crueis pezares.

Hora suprema de supremo esforço !  
— Brincam no espaço agourentas aves;  
murmura o padre do sepulchro as preces  
e as vozes morrem nas desertas naves.

E' o templo augusto — capitolio eterno !  
A alma ingrata pede força a Deos ;  
Viveu cusbindo sobre as santas aras  
e a hora extrema só lhe mostra os céos !

Sinto que o corpo tem horror ao nada  
— mas vejo a alma se abraçar á morte !  
— E' a nostalgia enlanguecendo a vida,  
murmura á medo o tresvairar da sorte !

Morrer tão moço! quando vejo em nuvens  
um rosto d'anjo supplicar-me a vida!  
Morrer tão moço quando o peito em febre  
sonha abraçar-lhe uma esperança qu'rida.

Mas vejo ao longe com solemne aspecto  
o guia eterno do sidereo porto.  
Eia, coragem, caminhemos crentes  
que importa a vida si o futuro é morto?

A' ti, archanjo, meu supremo esforço,  
mas não te légo o derradeiro abraço,  
á minha mãe é que o consagro e quero  
morrer sorrindo sobre o seu regaço.

Depois que venha o dormitar da campa,  
depois que a terra me consuma — embora.  
Viverei sempre nas maternas preces  
depois — contigo na celeste aurora.

Que importa o mundo? seu viver maldicto  
deixo-o sorrindo — já não temo a morte.  
Deos sê comigo nesta hora extrema,  
ampara est'alma que morreu de forte.

Aos meus amigos, se os tiver, só peço:  
sobre minha campa não derramem flôres;  
e mais ainda — não me insulte a lousa  
gelido pranto, que não vertem dôres.

Só quero os prantos de minha mãe querida  
— pranto sentido, verdadeiro, santo !  
E o teu ó virgem, quando a lua mostrar-se  
pallida e triste no celeste manto !

11 de Junho de 74.—Côrte.



XX

A' MEMORIA DE MEU PADRINHO

JOSÉ ANTONIO DE ANDRADA BARRA

Porque morreu ? perguntai ás aves  
de arribação porque as leva de vencida  
o tufão da tempestade !

A. DE AZEVEDO.

De par em par a immensidade abriu-se !  
No fundo — Deos — além o nada enorme,  
— por sobre a fronte d'elle — a eternidade,  
— aos pés as gerações agglomeradas.  
Erguendo a dextra santa o mundo prostra !  
Do nada enorme o livro abriu solemne,  
— um traço e o negro pendulo da morte  
parou !... e ouviu-se ao longe a eternidade  
conchegar á seu seio um corpo inerte !

.....  
Elle era justo — o vento que murmura  
da multidão em nome aos céos repete  
e o echo vae dizer a Deos — foi justo !  
.....

Da vida á eternidade é só um passo.  
Hontem loura creança o rir da infancia  
marchetava-lhe a c'rôa das esperanças.  
Hontem beijos de amor d'uns labios santos  
soletrava-lhe o mundo em trovas d'oiro.  
Creança hontem o halito do mundo  
respeitava-lhe a fronte aonde o genio  
traçára como um anjo a luz celeste.  
Creança era —ao bafejar das crenças  
e a conversar com Deos — ella era um anjo !  
Hontem galla solemne ante seus passos....  
— E o mundo a lhe traçar atroz destino  
— no livro eterno do soffrer eterno !

.....  
Hoje — gloria, illusão, sonhos doirados,  
amor ardente — o peito lhe consomem.  
Tem n'alma a immensidade d'um futuro  
na frente a caminhar — porvir ignoto !  
Hoje os risos da infancia vem saúda-lo  
como o aljofar do céu — o romper d'alva.  
Nenufar fluctuando em lagos d'oiro  
a gloria ri-se ao longe entre perfumes ;  
a vida para ella é a mocidade  
— brilhante estrella d'alva em céu escuro !  
N'uns seios de mulher — tem a ventura  
n'uns labios virginaes — o paraizo.  
Esquece a Deos — sorrindo do destino....  
e estremece aos acenos do futuro....  
De Deos no livro augusto as folhas rasga !  
Atira á multidão risos d'escarneo !  
— E' genio a soletrar poemas grandes....  
e é mendigo a pedir esmola ao genio !

— Tem n'alma a immensidade d'um futuro  
no coração um mundo d'esperanças!.....

.....  
E o mundo a lhe traçar atroz destino  
no livro eterno do soffrer eterno!

E o mundo a gargalhar infame sempre  
da flórea c'rôa as petalas myrrhando!

.....  
Amanhã! verbo ignoto! Deos e nada!

Amanhã do sepulchro a magestade  
beijando-lhe as sandalias de romeiro!

Amanhã, diz a gloria a despreza-lo!

Amanhã, diz o mundo a escarnece-lo!

Amanhã, diz o nada a consumi-lo!

E Deos no livro enorme dos destinos  
escreve: o pó, a cinza, a eternidade  
amanhã o sepulchro! e o livro enorme  
se fecha, e a eternidade sobre os gonzos  
rangendo, vem dizer ao mundo ousado:

— Amanhã para o justo a eterna gloria,  
para Deos — o porvir! E o mundo escuta  
um derradeiro alento que se esvahe  
como o dobre longinquo que despede  
solemne e triste o campanario augusto!

.....  
Elle era justo, o vento que murmura  
da multidão em nome aos céos repete  
e o echo vae dizer a Deos — foi justo!

Côrte.—74.

---

XXI

TALVEZ.....

AO MEU PARTICULAR AMIGO CARLOS DE M. DA S. REIS

A noite ia bem longe;— o pendulo do nada  
marcára meia noite — dormia o infinito !  
A noite ia bem longe ; a paz fôra alterada....  
um canto se escutava....um cantico maldicto !

O canto era de morte — palavras estampadas  
de Balthazar tyrano no lubrico salão.  
Tremera a natureza e sombras desgarradas  
formando um côro horrendo semelham furacão !

E a terra respondia n'um hymno de harmonia  
o som que descambava da horrivel bacchanal !  
Festões, grinaldas, risos, perfumes e poesia  
na terra se perdiam n'um canto divinal !....

A sala estremecêra... aos pallidos lampejos  
da lua macilenta perdida n'amplidão ;  
do céo enamorado lançaram-se mil beijos  
ao mar que entre soluços saudava o aquilão !

A noite ia bem longe: a orchestra enthusiasmada  
erguia entre harmonias seu vulto colossal !  
A orchestra delirava — Marnel embriagada  
mandava entre perfumes um hymno á saturnal !

Eu vi — era Maria, o anjo que se erguia  
nas sombras pardacentas do lubrico salão.  
Virgineo anjo de luz nas nuvens escrevia  
estrellas arrancando do seio d'amplidão !

Depois vertiginosa na walsa se engolfava  
— na walsa que dos anjos arranca as azas louras !  
— Mulher — argilla impura, na sombra que passava  
Meyerbeer te invocára se anjo inda tu fôras!....

Fallaste-me depois, nos labios teus de gelo,  
de gelo um nome ingrato quizeste murmurar.  
— Ah tu que me prendeste vencido em teu cabelo  
quizeste com teus labios sem dó me assassinar?!

Talvez! verbo maldicto nos labios do maldicto !  
Talvez! hymno de morte que o echo repetio !  
Talvez! sombra cahida do seio do infinito !  
Talvez! estallo horrendo d'um'alma que cahio !

Talvez! ah, tu não sabes, Maria doudejante,  
quanto veneno encerra palavra tão terrivel:  
nas azas dos prazeres voando delirante  
só neste verbo ergueste o throno do impossivel !

Eu vi-te assim á noite trazendo em tuas madeixas  
a rosa purpurina cahida lá do céo.

— Ah deixa que me inspire, Maria, e estas endeixas  
consente que derrame por sobre o leito teu.

Esquece essa palavra terrivel que disseste,  
recebe nos teus seios meus hymnos de harmonia !

— Fui louco, oh, não condemnes o pobre que perdeste,  
perdôa a minha culpa por Deos, por ti, Maria!

E nunca dos teus labios eu quero ouvir um dia  
palavra tão terrivel que o inferno em si gerou !  
Que noite foi aquella! meu Deos, quanto eu soffria! ?  
e tu? tu não soffreste na dôr que me matou! ?

Talvez! grito de morte do nauta que sossobra !  
Talvez! flôr desfolhada ao murmurar da orgia !  
Talvez! nuvem de sangue que ao longe se desdobra !  
Talvez! punhal agudo que agudo me feria !

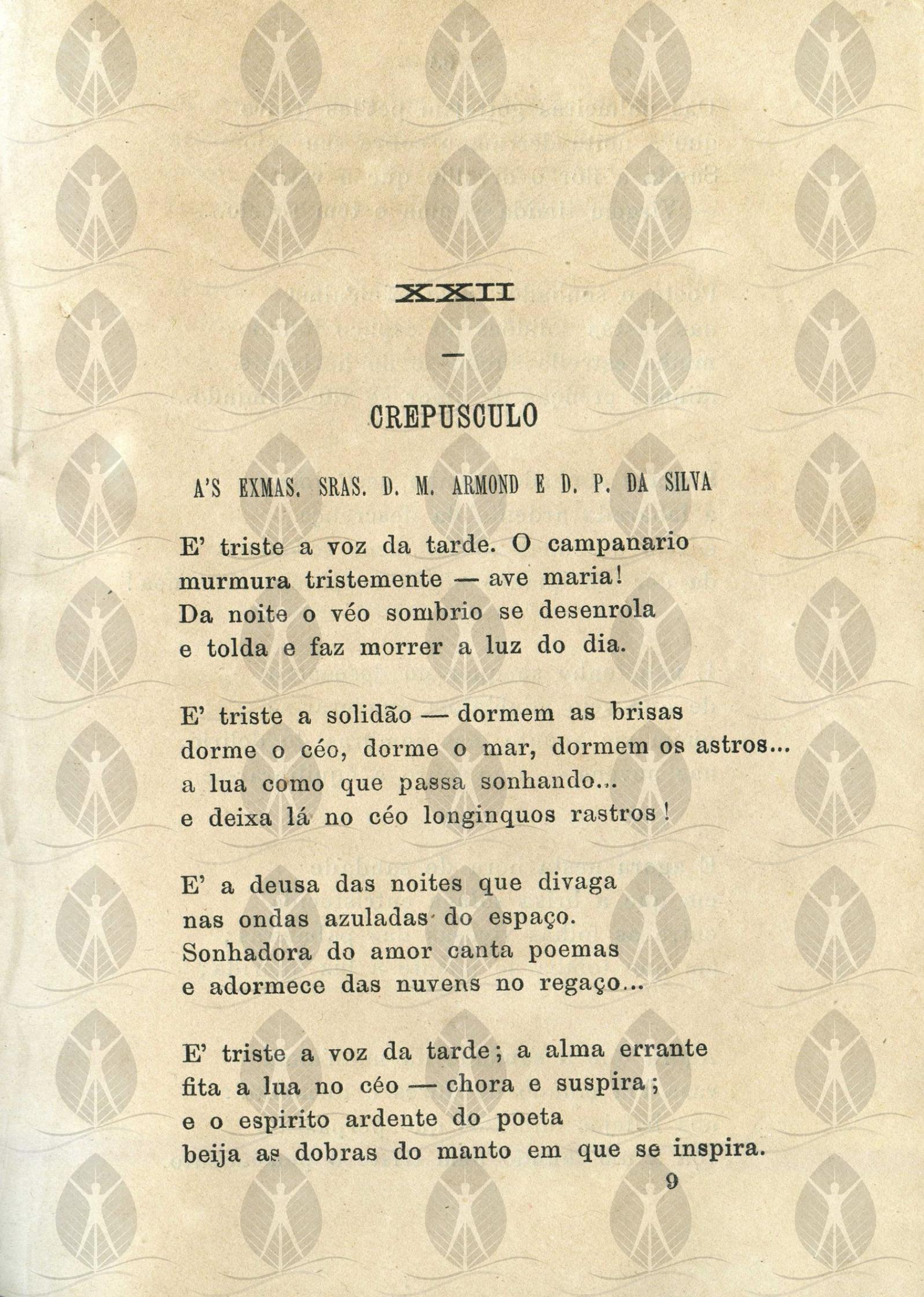
E tu, Maria, escuta: passando junto á campa  
que os ossos meus guardar, não mais do que uma vez  
eu peço — essa palavra co'a mão tremula estampa  
que o tumulto quebrando eu vivirei — *talvez* !

Eu vivirei e então *talvez* que possa ainda  
riscar de minha mente a morte que me déste.  
Por Deos, tu que és um anjo, oh sim tu que és tão linda  
não mais repitas nunca o mal que me fizeste !

Talvez ! astro perdido que o espaço regeitára !  
Talvez ! nuvem tremenda que o vento desfraldou !  
Talvez ! preludio horrendo que o inferno dedilhára !  
Talvez ! resto do nada no cahos que se formou !

Nitherohy.—74.





XXII

—  
CREPUSCULO

A'S EXMAS. SRAS. D. M. ARMOND E D. P. DA SILVA

E' triste a voz da tarde. O campanario  
murmura tristemente — ave maria!  
Da noite o véo sombrio se desenrola  
e tolda e faz morrer a luz do dia.

E' triste a solidão — dormem as brisas  
dorme o céu, dorme o mar, dormem os astros...  
a lua como que passa sonhando...  
e deixa lá no céu longinquos rastros!

E' a deusa das noites que divaga  
nas ondas azuladas do espaço.  
Sonhadora do amor canta poemas  
e adormece das nuvens no regaço...

E' triste a voz da tarde; a alma errante  
fita a lua no céu — chora e suspira;  
e o espirito ardente do poeta  
beija as dobras do manto em que se inspira.

Das palmeiras gottejam pet'las d'oiro  
que a noite derramou sobre seu seio.  
Saúda a flôr o orvalho que a revive  
— Virgem timida — ama e tem receio....

Poeta e sonhador, vive minh'alma  
nas vastas solidões do espaço infindo;  
minha estrella sumio-se no horisonte....  
minhas crenças de amor se vão sumindo....

Poeta e sonhador, tenho nest'alma  
a labareda ardente da descrença;  
e vejo desenhar-se em meus scismares  
da dôr em quadro negro — sphinge immensa!

E não tenho se quer no desespero  
de que vejo minh'alma apoderar-se,  
quem me aponte, nas sombras do delirio,  
nas nuvens — anjo louro a equilibrar-se....

E agora nesta hora de saudade  
em que a brisa soluça entristecida  
entre as folhas viçosas das palmeiras;  
em que tomba ao poente a luz querida;

Agora que a saudade na minh'alma  
vasa um mundo de dôres e tormento:  
nos bafejos mimosos que perpassam  
vôa á um mundo bem triste o pensamento.

Eu sinto reviver dentro em minh'alma  
mundo immenso de crenças e de amores;  
rasgando o véo que encobre as minhas magoas  
escarneo arrogante destas dôres!

Já tive muita vida no passado  
muita fé, muita esp'rança no futuro.  
Hoje resta-me apenas da saudade  
„ o passamento triste e prematuro! “

.....  
.....

Minha infancia, recebe nas tuas aras  
estas lagrimas tristes, verdadeiras,  
vertidas em silencio e á luz da lua  
que se infiltra nas folhas das palmeiras.

Côrte.—74.

---

**XXIII**

**NOCTURNA**

A' ERNESTO DINIZ DO AMARAL

(A' ???)

Dormes talvez ; e ás bordas de teu leito  
a virgindade prostra-se humilhada.

Dormes talvez ; teu peito não se abala  
— tu'alma adormeceu.....

Tu'alma adormeceu, brilha no espaço,  
foi um astro de mais para as esferas.....

Dormes talvez agora e a paz do somno  
— té os anjos respeitam.

Té os anjos respeitam o pulsar manso  
de teu seio virgineo — o oceano  
tambem na face é calmo e a tempestade  
lhe despedaça o seio !

Lhe despedaça o seio e ruge irada !  
Mas navegante audaz passa o corsario  
sorrindo dessas iras mentirosas  
e passa e ri da morte !

.....  
.....

Mulher foste um momento o ideal puro  
de meus sonhos gentis, de meus amores;  
foste a candida estrella de meus dias;  
foste o balsamo santo ás minhas dôres.

Roubaste-me a esperança no futuro,  
— mataste esta esperança abençoada !  
Já não tenho mais crença, já não posso  
supportar esta vida amargurada !

Oh não sejas cruel; deixa um instante  
adormecer a fronte em teu regaço.  
Consente que conchegue-te a meu peito,  
será talvez meu derradeiro abraço !...

Virgem candida e bella eu dei-te a vida  
— que te vale perder um rir sómente ?  
Pois bem — lança ao espaço um riso amigo  
e o mundo me verá sorrindo e crente !

Quando á noite — alta noite — a lua dorme  
no vasto gabinete ennuveado;  
quando a brisa suspira entre os cyprestes,  
quando o mar beija a praia enamorado;

Quando tudo é silencio, em meus altares  
nas sacrosantas aras da amizade,  
eu te elevo sorrindo a um mundo ignoto  
sómente além de ti a Divindade !

E' nessa hora augusta que em meu peito  
borbulha o pranto ardente, amargurado ;  
é nessa hora augusta que perpassa  
em minha frente um halito malvado !

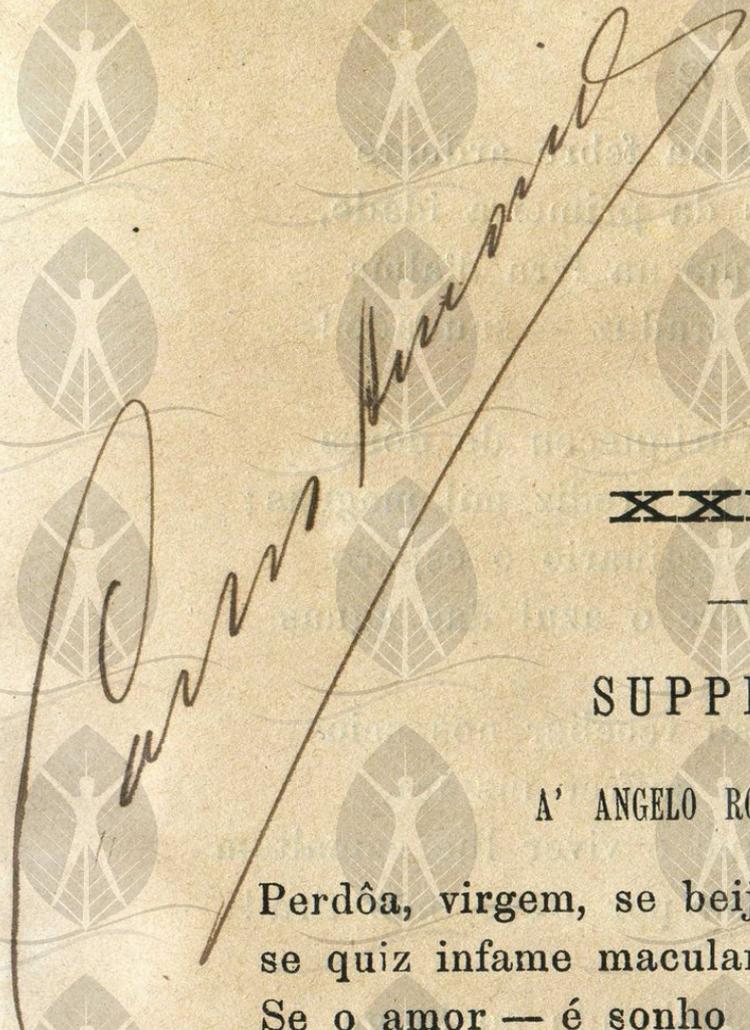
E' que foges de mim e me abandona  
o teu anjo da guarda que eu sonhava  
junto a mim nessas noites em que alegre  
a minh'alma á tu'alma se abraçava....

.....  
.....

Ah não sejas ingrata, vem ao menos  
um momento fallar-me de ventura.  
Bem perto já me acena a vida eterna  
ajuda-me a cahir na sepultura !

Março.—74.—Nitherohy.





XXIV

—  
SUPPLICA

A' ANGELO ROSA JUNIOR

Perdôa, virgem, se beijei-te a trança  
se quiz infame macular-te em flôr.  
Se o amor — é sonho de mancebo louco  
eu por ti — temo enlouquecer de amor!

Perdôa, virgem, pelo azul dos astros,  
pelas estrellas, pela luz querida;  
— perdôa — um'alma que a pureza adorna  
nunca vencendo se chamou vencida!

Assim que importa que meu labio impuro  
— vampiro infame predizendo a morte,  
quizesse ousado te oscular as faces,  
tingir de negro teu doirado norte?

Que importa, virgem, que olvidando a sina,  
que atroz destino me traçou na terra,  
quizesse aos labios conchegar tuas tranças  
— manto que a noite pelo céu descerra?

Perdôa o louco que na febre ardente  
dos sonhos grandes da primeira idade,  
triste esqueceu-se que na lyra d'alma  
seu pobre canto só traduz — saudade !

Mizero — a vida o enriqueceu de dôres  
o mundo ao longe lhe prediz mil maguas ;  
é negro o céo, é sanguinario o espaço  
sangue lançando sobre o azul das aguas.

Perdôa o louco, e ao receber nos seios  
o triste canto que o soffrer inspira,  
das dôres d'alma que o viver lhe esmaltam  
teus negros olhos, oh por Deos, não tira !

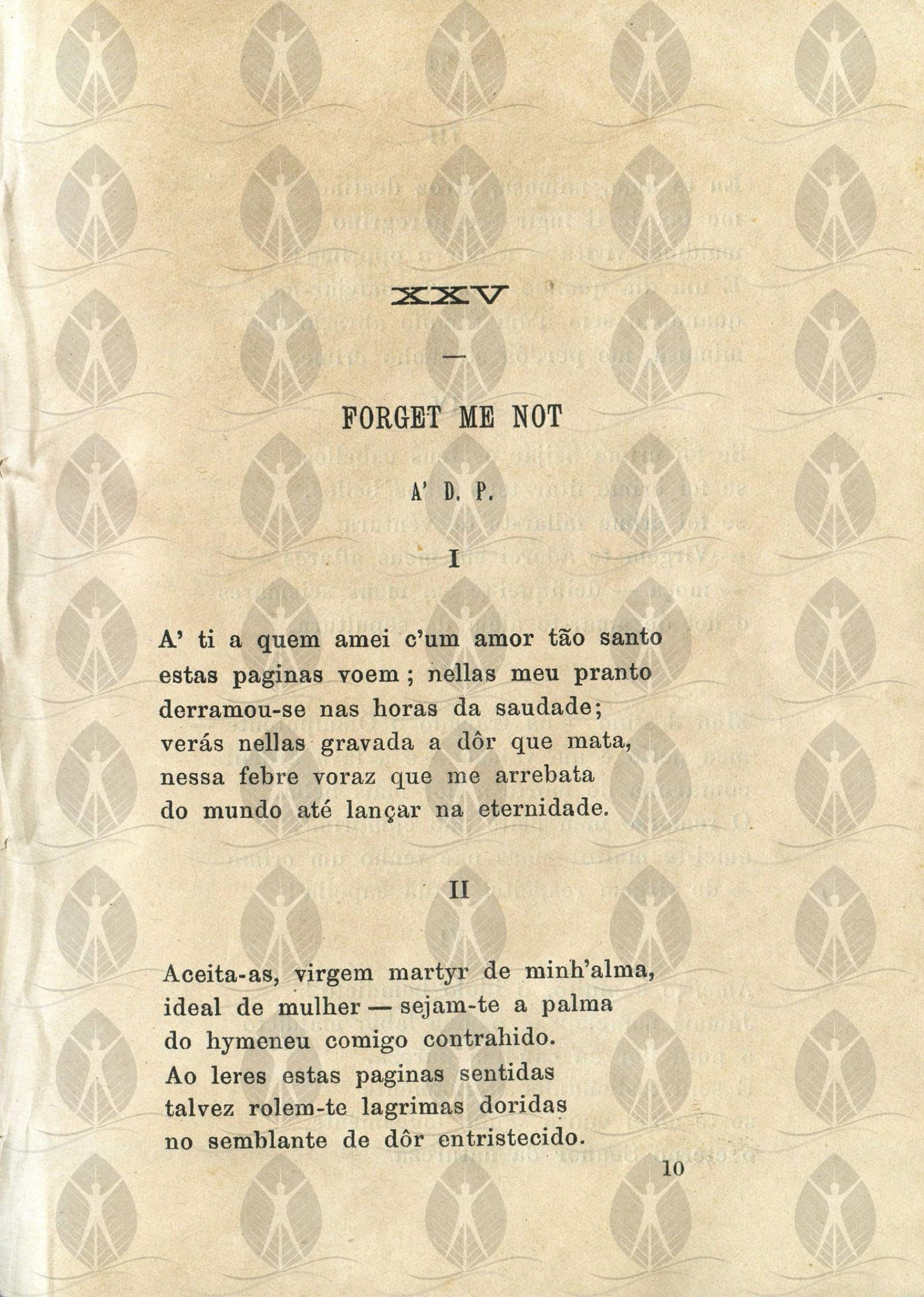
Solta a madeixa semelhando ao longe  
immensa nuvem sobre o azul dos céos,  
— mulher não pôde appellidar-te o bardo  
anjo tão puro como o olhar de Deos,

Perdão te peço e ao recebe-lo quero  
beijar.... não digo, te apertar a mão.  
Depois — espera — si beijar-te as plantas,  
virgem, ao pobre negarás perdão ?

Não ; eu não quero profanar a virgem !  
Não quero o anjo desviar dos céos  
dá-me o perdão que te supplico em prantos  
— unico anhelos dos sonhos meus !

17 de Maio de 74.—Côrte.

---



XXV

—

FORGET ME NOT

A' D. P.

I

A' ti a quem amei c'um amor tão santo  
estas paginas voem ; nellas meu pranto  
derramou-se nas horas da saudade ;  
verás nellas gravada a dôr que mata,  
nessa febre voraz que me arrebatá  
do mundo até lançar na eternidade.

II

Aceita-as, virgem martyr de minh'alma,  
ideal de mulher — sejam-te a palma  
do hymeneu comigo contrahido.  
Ao leres estas paginas sentidas  
talvez rolem-te lagrimas doridas  
no semblante de dôr entristecido.

III

Eu te amo, mimosa, atroz destino  
me faz de ti fugir — o peregrino  
maldicto vivirá — a dôr o opprime!  
E um dia quando a morte bafejar-me,  
quando o seio d'um tumulo abraçar-me,  
mimosa, me perdôa se tenho crime.

IV

Se foi crime beijar os teus cabellos,  
se foi crime fitar teus olhos bellos,  
se foi crime fallar-te de ventura.  
— Virgem te adorei em meus altares —  
— moça — deifiquei-te em meus scismares —  
e hei de amar-te além da sepultura.

V

Meu destino — ha traçado o Omnipotente —  
meu peito é um volcão — e a lava ardente  
contamina de morte a flôr mais bella.  
O remorso meu peito não comprime,  
amei-te muito — mas não tenho um crime  
— de virgem respeitei a tua capella!

VI

Amei-te e muito, ó idolo bemdicto!  
Jámais manchou-te o meu labio maldicto  
a pura flôr da candida pureza.  
E será testemunha eternamente  
se te amei muito santa, loucamente,  
o eterno Senhor da natureza.

VII

Perdôa, virgem martyr, no delirio  
que lançou-me nos braços do martyrio  
eu quiz de Deos zombar !... oh maldição !  
— Morte, morte conchega-me a teu seio !  
Gladiador ouzado — no torneio  
cahio — oh ! foi vencido o coração !

VIII

E' que eu te amava muito, e a minha sorte  
era em breve passar da vida á morte  
mas á morte que a campa não abraça.  
Fui creança creando mil castellos....  
sonhei viver contigo e meus anhelos  
da sorte a mão tyrana despedaça !

IX

Não te esqueças de mim quando em tua fronte  
mais bella do que o sol lá no horisonte  
collocares um lyrio da campina ;  
quando á noite, sozinha e a scismar,  
passeando nas sombras do luar,  
beijar-te a lua candida e divina.

X

Não te esqueças de mim nas noites bellas  
em que o céo adornando-se d'estrellas  
projectar-se no mar beijando a praia ;  
quando a deusa das noites corre lenta  
nesse plaino azulado, e somnolenta  
a estrella da manhã frouxa desmaia.

XI

Te recorda das noites que a teu lado  
teu braço ao braço meu entrelaçado  
nossas preces de amor só Deos ouvia,  
e então — se uma estrella descambava,  
ou correndo de medo se occultava,  
teu seio virginal estremecia.

XII

Oh não te esqueças, não; por piedade !  
Acceita da minha c'rôa de mocidade  
estas pallidas rosas desfolhadas ;  
e na brisa que passa em teu semblante  
manda um beijo de amor ao delirante  
que por ti verte lagrimas sagradas !

20 de Janeiro de 74.—Nitherohy.

~~~~~

XXVI

ESTRELLA D'ALVA

CANÇÃO

(PEDIDA)

Scintillante estrella d'alva  
que divagas n'amplidão,  
vem dar alivio á est'alma  
alentar meu coração.

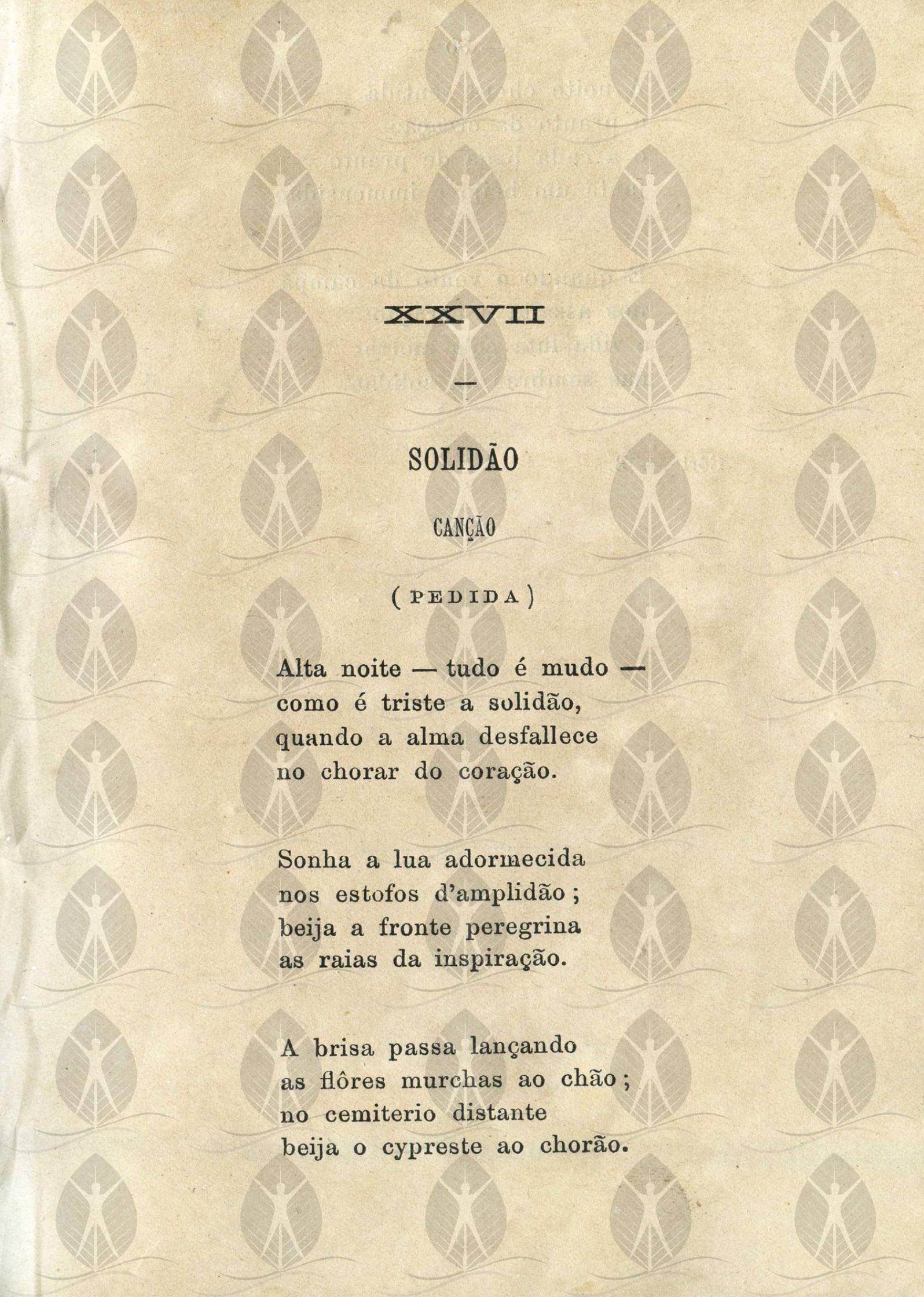
Muitas vezes com teu brilho  
vi brilharem os olhos seus,  
traduzindo mil venturas  
no vasto espelho dos céos.

Se poderes ir em busca  
d'aquelle que adoro tanto,  
diz-lhe que se não esqueça  
deste amor tão puro e santo.

Vae dizer-lhe que meu peito  
só por elle é que suspira,  
que nas ancias da saudade  
o meu coração delira.

Vae, estrella peregrina,  
vae beijar aquella fronte,  
astro puro que t'escondes  
nas fimbrias do horisonte.

Côrte.—73.



XXVII

SOLIDÃO

CANÇÃO

( PEDIDA )

Alta noite — tudo é mudo —  
como é triste a solidão,  
quando a alma desfallece  
no chorar do coração.

Sonha a lua adormecida  
nos estofos d'amplidão;  
beija a fronte peregrina  
as raias da inspiração.

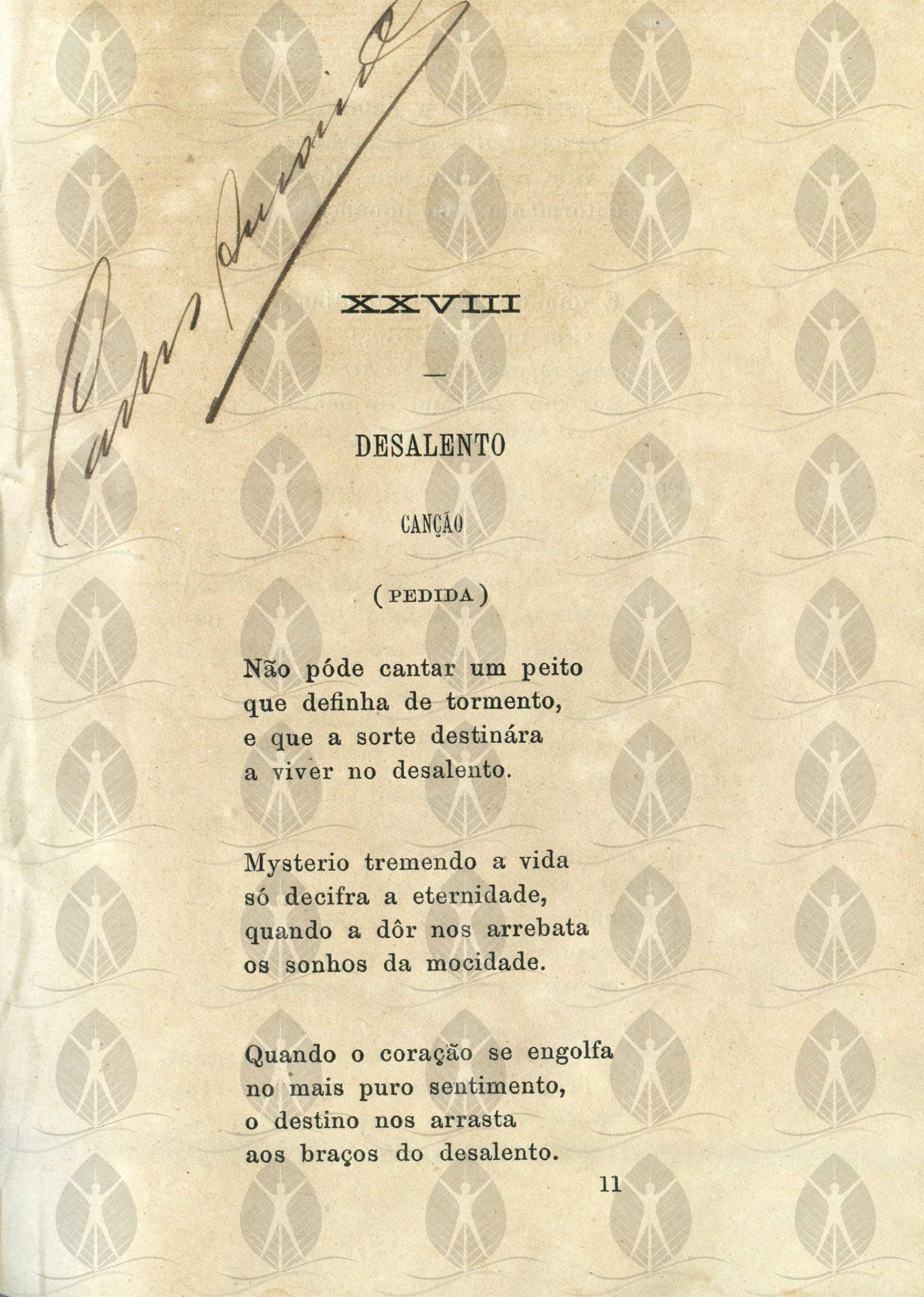
A brisa passa lançando  
as flôres murchas ao chão;  
no cemiterio distante  
beija o cypreste ao chorão.

A noite chora sentida  
o pranto da criação,  
e a cada baga de pranto  
junta um beijo a immensidão.

E quando o vento da campa  
nos assalta o coração  
a vida luta co'a morte  
nas sombras da solidão.

Côrte.—73.





XXVIII

—

DESALENTO

CANÇÃO

( PEDIDA )

Não pôde cantar um peito  
que definha de tormento,  
e que a sorte destinára  
a viver no desalento.

Mysterio tremendo a vida  
só decifra a eternidade,  
quando a dôr nos arreбата  
os sonhos da mocidade.

Quando o coração se engolfa  
no mais puro sentimento,  
o destino nos arrasta  
aos braços do desalento.

E assim sem ter amores,  
sem crença, sem esperança,  
a vida é jardim sem flôres,  
é tormenta sem bonança.

E quando a sorte destina  
a vida no desalento,  
nossos prazeres se trocam  
por um continuo tormento.

Côrte.—73.



## XXIX

### CRENÇAS MORTAS

NO ALBUM DE MINHA IRMÃ FELISMINA L. M. CHEEKS NINA

Cantar quem póde quando a luz d'um cyrio  
brilha-lhe n'alma que gemeu de amores ?  
cantar quem póde quando a fronte ardente  
róla gellada por um chão de horrores ?

Queres que eu gema nesta hora augusta  
um threno ao menos d'um cantar sonóro ?  
pois bem ; que importa que esse threno encerre  
laivos doridos d'um viver que choro ?

Já tive crenças — as amei — fui louco —  
— candidas virgens d'um futuro immenso —  
Depois um dia procurei-as — murchas  
vi se elevarem n'um deserto extenso.

Deserto ! e a alma se perdendo em trevas  
vagava errante procurando a luz ;  
por entre sombras caminhou debalde  
vergada ao peso de tremenda cruz....

Assim quem póde se elevar cantando  
quando seu canto faz nascer a dôr ?  
quando a saudade lhe consome a vida  
e a vida morre mendigando amor ?

Oh tende pena d'um viver tão triste !  
Sim, tende pena de quem sofre tanto !  
Ungi-lhe a vida c'um sorrir d'esp'rança  
juntae-lhe as tiras do rasgado manto.

E quando a morte me beijar nas faces,  
e quando a vida me deixar alfim,  
hoje vos peço — desprezae-me a campa,  
um pranto ao menos não vertaes por mim....

3 de Dezembro de 72.—Côrte.

XXX

—

PERDÃO !

A' R.

Adormeceste talvez em mim pensando !

Quem sabe, anjo dos ceos ?  
Talvez que nessa hora te esquecesses  
de pae, de mãe, de Deos !

Talvez que nessa hora abstraisses  
de tudo quanto é santo,  
só para concentrar teu pensamento  
em quem te adora tanto !

E' que sabes amar, é que comprehendes  
que o amor do céu nos vem,  
e que vindo de lá por Deos mandado  
elle é santo tambem.

Oh sim, e este amor que me inspiraste,  
amor que me domina,  
despreza a ingratição, despreza o vicio,  
a mentira abomina,

E' puro como é puro o rir da estrella  
na penumbra do céu;  
como é puro o sorrir da virgem noiva  
entre as dobras do véo.

Amei-te ao ver-te pallida e em silencio  
talvez em Deos pensar;  
e quem assim ao ver-te melancolica  
não te havia de amar ?

Depois p'ra mim olhaste e mais ainda  
a pallidez mortal  
offuscou teu semblante!... e eu — curvei-me  
ao teu olhar fatal !

Fatal porque por Deos estava escripto  
no livro do futuro,  
que minha fronte havia de irregelar-se  
á um golpe premáturo !

Fatal porque se á noite em ti pensava  
e em nosso amor eterno,  
quebravam-se no céu mil tempestades  
n'um gargalhar do inferno !

Eu sabia que os olhos do maldicto  
não te podiam fitar....  
eu sabia... por Deos hoje te juro  
mas quiz de Deos zombar !...

Agora irás comigo ao infinito  
pedir, pedir, perdão ?  
Irás, pois que disseste: é teu sómente  
meu virgem coração.

---

Agora que sonhando te elevaste  
às regiões dos céos,  
implora do Senhor com quem te abraças  
perdão aos crimes meos.

Em que pequei, Senhor ? — amo a virtude  
a meus paes e a vós;  
porque pois o destino reservou-me  
este soffrer atroz ?

Perdão, Senhor ! Perdão por ella ao menos  
que deu-me o coração.  
Talvez eu não mereça, mas por ella  
— perdão, perdão, perdão !...

Maio 73.—Côrte.

---

**XXXI**

—

**UMA LAGRIMA**

Commet elle court ! voyez....

V. HUGO.

Uma lagrima ainda minha lyra  
é preciso verter. Amargo pranto  
humedeça-te as cordas resequidas  
sacudindo a poeira de teu manto.

Uma lagrima assim á meia noite  
quando tudo é silente n'amplidão,  
é mais bella que o rir dessas estrellas,  
mais pura que o sorrir da criação.

Suspirar e gemer ! perdida a mente  
nas floridas manhãs de meu passado,  
eu sinto que minha fronte se remoça  
e meu peito é d'esp'ranças bafejado.

Não te assuste do mundo o riso stulto,  
deixa-o louco perder-se em gargalhada;  
a turba desprezando — no sepulchro —  
beija a palma da gloria amortalhada.

Sim! a vida da infancia irregelou-se  
aos beijos deste mundo corrompido;  
a fronte emmudeceu com ella os risos  
e o coração morreu adormecido....

Que ruja a tempestade enfurecida  
nos eternos desertos d'amplidão:  
de tudo zombarei, que n'alma tenho  
mais tormento, mais dôr, mais afflicção.

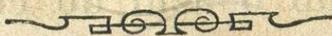
Qual apostolo eterno abandonado  
no oceano da vasta iniquidade,  
trazendo por amparo a esperança  
e por bussola a luz da eternidade:

Eu caminho co'as turbas confundido  
no vasto lodaçal da sociedade;  
a descrença é meu guia, e meu amparo  
— uma lagrima eterna de saudade!...

.....

Basta lyra, t'esconde; não mais prantos,  
não mais gemas de dôr e de afflicção;  
— quando a lagrima é quente — o pranto escalda  
e emmudece o chorar do coração.

Dezembro 24.—72.—Côrte.





XXXII

PASSEIO A' SANTA ROSA

A' MANOEL VICTOR REBELLO

I

Caminhando sem rumo pelas ruas  
desta terra tão pobre de aventuras,  
uma noite, eu e tu nos encontramos,  
ambos dando expansão ás amarguras.

Era bella essa noite; a lua em pino  
dardejava seus raios mortuarios;  
gemia o mar nas faldas dos rochedos,  
tristes mochos piavam solitarios.

As espumas do mar beijavam a praia,  
as estrellas tremiam no infinito;  
além buscando o azul do céu infindo  
se ostentava um gigante de granito.

E' o gigante de pedra—o Corcovado  
maravilha soberba da natura;  
Ararat do Brazil talvez que um dia  
carregue com a arca da escriptura.

Era bella ness'hora a natureza  
que de gallas ornava-se vaidosa.  
Cheguei-me a ti, depois juntos tomamos  
um *bond* e fomos dar em Santa Rosa.

## II

Ao clarão do luar n'uma janella  
á dez-horas um vulto se ostentava;  
sonhadora talvez a fronte ardente  
em phantasia de amores engolfava.

Senti que estremecias ao fitar  
aquelle anjo de luz, de inspiração;  
senti gellar-te o sangue nas artérias  
e pulsar mais depressa o coração.

Fitei-te admirado, e de repente  
um suspiro morreu nos labios teus;  
— dobrava o *bond* a esquina d'uma rua —  
— oh para que me olhaste, anjo dos céos!....

Repetiste de manso e distraindo  
o fogo que queimava a tua mente,  
me quizeste fallar da natureza  
que dormia em seu leito molemente,

Mas foi debalde; a alma estava preza  
á essa maga visão que lá ficava...  
Chegando ao fim da linha só descemos  
a tomar outro *bond* que voltava.

(Pobres burros — cansados do trabalho  
não mais forças dispunhão para andar;  
do boleeiro o *arreio* deshumano  
os fazia de manso caminhar.)

Voltando a esquina os olhos teus fitaste  
na seductora e magica *janella*;  
não mais estava lá a poetisa...  
uma nuvem encobrio aquella estrella.

### III

Chegamos a Nitherohy  
te despediste de mim,  
co'a alma triste ou roubada  
por aquelle cherubim. —  
Scismando na brincadeira  
conclui que era uma asneira  
de meninas se occupar,  
qualquer rapaz que, podendo  
passar a vida em folias  
despresava as alegrias  
entre dôres se moendo.

Eu que sempre fui avêso  
a estas cousas de namoro,  
não posso ouvir choradeiras  
d'um qualquer senhor calouro;

pois um homem que bem pensa,  
que a verdade tem por crença  
póde a *moças* namorar?  
sendo o namoro uma farça  
onde a verdade é comparsa  
p'ra mentira figurar?

Eu que sou apologista  
do cazorio temporario,  
e não sei para que serve  
a tal benção do vigario;  
eu que amo a pagodeira  
e que passo a noite inteira  
a gozar tanto prazer....  
hei de dar eternamente  
minha mão a uma serpente  
que nós chamamos — mulher?

Não senhor, que a liberdade  
é cousa que se não vende;  
e depois.... lá vão pontinhos  
eu fallo com quem me entende...  
Assim vivo mais *folgado*  
me jurando apaixonado  
quando encontro occasião;  
isto assim faz só quem póde,  
pois se a vida é um pagóde  
viva a pandega e o — *pifão*.

Mas emfim callei-me e quedo  
me deixei ficar pasmado!  
Pois devéras n'um momento  
fica um homem apaixonado?

São cousas e nesta idade  
já não é mais novidade  
encontrar moços assim;  
se apaixonam n'um momento  
rendem culto ao soffrimento  
e enlouquecem por fim!

IV

O tempo passou-se, julguei-te curado  
do mal encontrado no nosso passeio;  
mas hoje t'encontro d'aspecto tristonho....  
vivendo d'um sonho do qual.... té receio....

Amigo — inda és tolo; quem póde occupar-se,  
quem póde curvar-se d'uns olhos á luz?  
E's tolo — acredita, senão me responde:  
caminhas p'ra onde levando essa cruz?

Escuta: estas moças não gostam que a gente  
lhes diga o que sente; palavra que não.  
Se o homem se mostra de amores vencido  
lhes chamam mentido, lhes chamam — *babão*!

Eu cá as entendo: em junto das ditas  
que cousas bonitas lhes digo amoroso....  
mas longe — essa é bôa! o mesmo faço  
que além de ser masso eu sou caprichoso.

V

Mas emfim vamos á historia  
que apesar de não dar gloria  
é divertida !

Em teus labios me parece  
âlegria desaparece  
intristecida....

Vives triste, cabisbaixo  
e não sei o que em ti acho  
que amedronta....  
Cazáste?... não me respondes ?  
és assignante dos *bonds* ?  
anda, conta.

VI

Não cazei-me, me respondes.  
Sou assignante dos *bonds*  
e passeio á Santa Rosa;  
desde aquella noite bella  
ando atraz d'aquella estrella  
tão brilhante, tão formosa.

Ella é *candida* e é tão santa....  
o seu rosto té supplanta  
ao mais lindo anjo do céo ;  
vivo louco, apaixonado  
d'aquelle anjo adorado  
que ao luar me appareceu.

Tu a viste, meu amigo,  
pois foste junto comigo  
n'aquella noite saudosa;  
é a moça mais bonita,  
mais dengosa, mais catita  
do arrabalde — Santa Rosa —

— Ora, Manduca, ou és tolo  
— ou não tens nem um miolo  
— nessa cabeça esquentada.

Basta, amigo, hoje te peço,  
de conselhos não careço,  
nem gosto de cassoada.

— Pois bem, callo, camarada,  
— lamentando a namorada  
— que *emprestou-te* o coração;  
— pois si hoje estás rendido  
— amanhã altivo, erguido,  
— não mais lhe dás atenção.

## VII

E assim foi que n'um passeio  
de *bonds* á Santa Rosa,  
reventou n'aquelle peito  
sympathia tão calorosa.

E eu que hoje vivo  
sem ser captivo  
das taes meninas,  
pensando a fundo  
digo á este mundo:  
— quanto me ensinas !?...

VIII

Quando leres estes versos, esta historia  
que em memoria me ficou p'ra toda a vida,  
te recorda de mim que hoje t'a conto  
a *gozar* nesta vida aborrecida.

Eu que sempre hei lutado p'ra vencer-me,  
pois tenho vocação p'ra namorado,  
felizmente hoje tenho um só namoro  
e este mesmo está quasi terminado.

Emfim vae já chegando a *invernada*  
e o coração de gelo se reveste;  
não mais quero namoro, fujo d'elle  
como foge qualquer de qualquer peste.

Casar — diz o ditado — é muito bom,  
mas é melhor — diz elle — não casar.  
O boi que vive solto dá marradas....  
sem disso vir-lhe alguém contas tomar.

Uma vez um segeiro... não, não conto,  
que já vae mui comprida a minha historia.  
Vou pôr ponto final e dar-lhe vista  
ao *chafariz do largo da Memoria*.

E tu, meu bom Manduca, não te esqueças  
de quem vive a gozar no isolamento,  
me convida á comer boas *torradas*  
em o dia feliz do casamento.

Nitherohy.—73.

XXXIII

RESIGNAÇÃO

A' MEU IRMÃO E AMIGO MENANDRO LEANDRO M. TAPAJOZ

Quanto tenho soffrido ! ah quantas vezes  
sinto a alma gemer desfallecida !

Quantas vezes o vento do infortunio  
ha esfolhado o jardim de minha vida !

E vejo o mundo em riso; vejo as flôres  
orvalhadas de amor terem perfume !  
Vejo o louco mancebo achar prazeres  
ardendo em chammas de voráz ciume !....

Vejo a noite estrellada; vejo as gallas  
que veste a natureza á madrugada ;  
— ninguem soffre ! só eu ! só eu que trago  
a mente de soffrer atribulada !

E não temo o viver — odío o mundo  
mas não quero deixal-o vencedor.  
Dá-me espinhos crueis — eu dou-lhe flôres...  
tenho risos p'ra dar-lhe até na dôr.

Assim hei de vencel-o, e o labio ardente  
não beijará a lama de seu seio.  
Valente zombarei da omnipotencia  
de seu mando cruel — que não receio.

Resignada a fronte se não curva  
a seus caprichos — não ! tenho coragem !  
a sanha hei de avivar-lhe até vencel-o....  
— tigre horrivel sedento de voragem !

Mundo ingrato e cruel — as minhas crenças  
uma a uma levaste nos teus braços —  
não ficaste contente, vens agora  
quebrar-me o coração em mil pedaços !

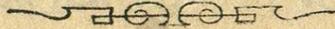
Não ouvirás meu pranto, que não chora  
o coração que a crença embalsamára ;  
não ouvirás lamentos de quem sempre  
soberano desprezo te votára !

Embora tu me apertes nos teus braços  
na mais féra e cruel ingratidão ;  
embora que sorrindo tu contemples  
morrer gemendo em pranto o coração ;

Embora, quando as fibras de minh'alma  
estallarem de dôr, dês gargalhadas :  
te cuspirei nas faces — tuas entranhas  
debaixo de meus pés serão calcadas !

Não temo o teu viver — hei de arrostal-o,  
embora que na luta encontre a morte !  
Morrer antes lutando que, covarde,  
curvar a fronte ao manejar da sorte !

Agosto.—73.—Côrte.



XXXIV

—  
LYRIO E ROSA

A'S EXMAS. SRAS. D. MARIA RICHARD E D. JULIA RICHARD

O lyrio dizia á rosa :

„ vaidosa  
porque desdenhas de mim?  
não vês que tenho nas côres  
os primores  
das azas d'um seraphim?

Não vês que sou desejado,  
procurado

para ornato da donzella?  
que os poetas me equiparam,  
se comparam,  
á pallida luz da estrella?

Diz — porque és tão vaidosa,  
bella rosa,  
no teu sólio de rainha;

és grande — tua grandeza  
na pureza  
não será irmã da minha?

Como tu aqueço a fronte  
no horisonte,  
quando nelle o sol levanta;  
como tu tenho perfume...  
— e sem ciume:  
meu e teu — qual mais encanta?

Como tu sirvo de galla,  
n'uma sala,  
as madeixas da deidade;  
respirando odôr tão santo  
com que tanto  
se embriaga a humanidade.

Como tu sou sempre virgem;  
minha origem,  
como a tua, nasce do céu.  
Não sejas, pois, vaidosa,  
bella rosa,  
daquillo que Deos te deo. “

„ Meigo lyrio, disse a rosa  
lacrimosa,  
porque me fallas assim?  
me dize que só o delirio,  
lindo lyrio,  
faz-te assim julgar de mim.

Se tenho na face bella,  
    não da estrella  
como tu, candida irmã,  
a pallida côr mimosa  
    — ser vaidosa  
da rósea côr da manhã ?

Como tu orno os cabellos  
    negros bellos  
da virgem, que é meu encanto.  
Com ella entro curvada  
    e humilhada  
ás portas do templo santo.

Se as vezes brisa de morte  
    do meu norte  
quer-me ousada desviar,  
sei regeitar o martyrio....  
    bello lyrio,  
sei assim a ti imitar.

Sejamos, pois, sempre unidos  
    e queridos  
bello lyrio da campina.  
Deixemos nossas capellas  
    sempre bellas  
bafejar brisa divina.

Na terra, irmã querida,  
    nossa vida  
seja sempre virtuosa;

sigamos no vasto templo  
o exemplo  
de nossa mãe amorosa.

E um dia quando nos céos  
junto a Deos  
tivermos de nos prostrar,  
eu e tu, sempre louças,  
bôas irmãs,  
Deos hade nos abraçar. “

.....  
.....  
.....

Assim o lyrio e a rosa  
vaidosa  
e rainha d'um jardim,  
ternamente conversavam  
e fallavam  
da vida que não tem fim.

Adoro a santa candura,  
que a natura,  
ao lyrio quiz offerar;  
mas amo tambem a rosa  
setinosa  
perfumes a derramar.

Ambas são filhas amadas  
e guardadas  
pela virgem mãe de Deos;  
ambas tem tanto perfume  
que ciume  
provocam até nos céos !

15 de Agosto de 74.—Côrte.

XXXV

TU E EU

A' ALSORINA

Tu és a estrella a doudejar no espaço,  
tu és o iris de eternal bonança:  
— eu sou o espaço te guardando os rastros...  
— sou o lampejo de teu rir, creança.

Tu és a esp'rança a delirar sorrindo,  
tu és a limpha a murmurar medrosa:  
— eu sou a descrença a suspirar tristonha,  
— eu sou a concha a lamentar saudosa.

Tu és a per'la a scintillar nas ondas,  
tu és a rosa a derramar perfume:  
— eu sou cypreste desfolhando os ramos,  
— sou lampadario que não tem mais lume.

Tu és a aurora d'um viver bemdito,  
tu és a brisa alimentando as flôres:  
— eu sou a tarde a descambar morrendo....  
— eu sou o lyrio que morreu de amores.

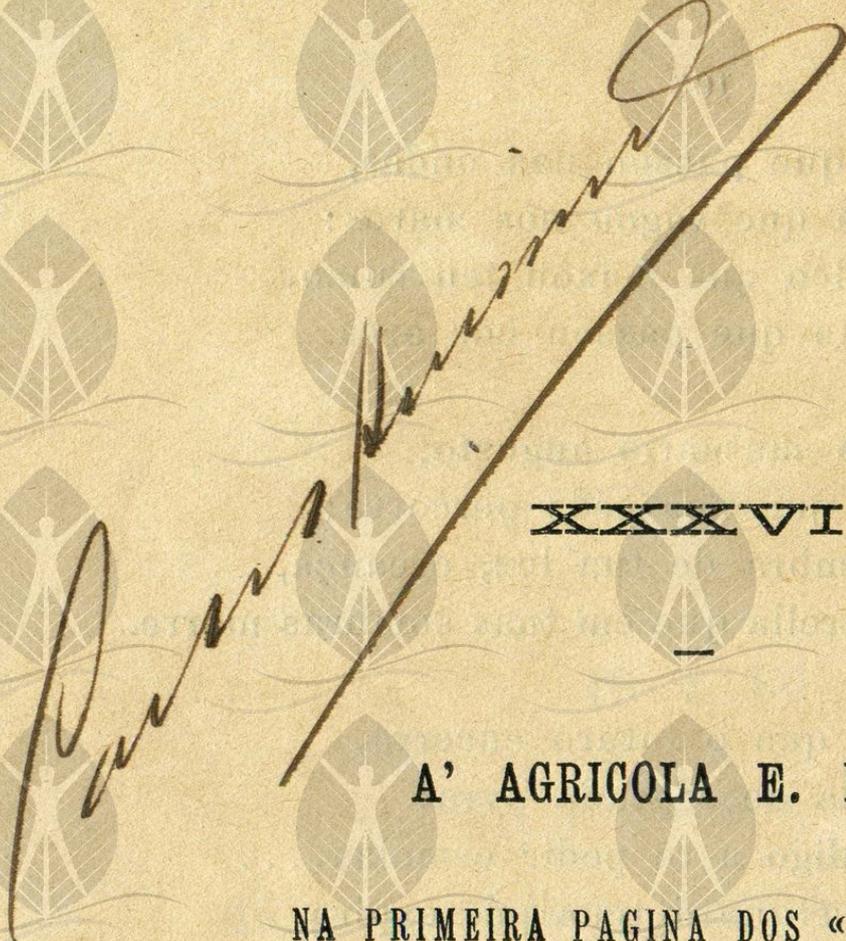
Tu és a garça que passou nas ondas,  
tu és a espuma que vagou nos mares:  
— eu sou o sulco que deixou teu rumo,  
— ave agourenta que passou nos ares.

Tu és a luz de santuario augusto,  
tu és a nuvem que nos céos percorre:  
— eu sou a sombra de tua luz, creança,  
— eu sou a estrella que em tuas sombras morre.

Tu és a gloria que o futuro encerra,  
tu és a chamma de sagrada pyra:  
— eu sou mendigo a te pedir esmolas....  
— sou mariposa que á teus pés expira.

Côrte.—74.

---



XXXVI

A' AGRICOLA E. PINTO

NA PRIMEIRA PAGINA DOS «NEVOEIROS»

Não te rias se vires nestas folhas  
algum pingo de lagrima cahido,  
ampara-o, coitadinho, que faz parte  
dos muitos que minh'alma tem vertido.

Conheceste-me outr'ora respirando  
os ares sempre puros do *sertão*,  
sob um plaino de anil fitando á noite  
a lua adormecida n'amplidão?

Pcis bem; desse viver nada me resta  
a minh'alma perdeu-se em noite escura;  
a gloria para mim tornou-se fumo,  
o futuro me aponta a sepultura.

Neste livro verás as minhas crenças,  
meu futuro, presente e meu passado;  
em suas folhas verás quanto hei perdido  
*„ e o muito que também tenho chorado. “*

Côrte.—Dezembro.—72.



XXXVII

A' EXMA. SRA. D. ADELAIDE JULIETA MARTINS

NO DIA DE SEUS ANNOS

Eu que nunca curvei-me humildemente  
aos pés da mais soberba potestade;  
que na terra só beijo as mãos paternas  
e no espaço admiro a divindade;

Eu que trago na fronte bem impressas  
as tremendas lufadas da desgraça;  
que escarneço se ruge a tempestade,  
que desdenho do mar que se espedaça;

Eu que fito o porvir entre sepulchros...  
que traduzo na vida o rir da morte;  
eu que vejo nas brumas do horisonte  
a pouco e pouco se perder meu norte;

Eu que tenho na lyra enrouquecida  
tantas vezes mil prantos derramado;  
que enlouqueço nas ancias da saudade  
d'um anjo de que a sorte me ha apartado;

Venho hoje, senhora, humildemente,  
de meu pobre jardim de murchas flôres  
trazer-vos a mais bella, a mais virente  
que inda pude roubar do espinho ás dôres.

Venho hoje curvar-me reverente  
ao mais bello e mais puro sentimento,  
que em voss'alma, senhora, derramára  
o eterno Senhor do firmamento.

As minhas saudações trazer vos venho  
na voz descompassada do alaúde;  
saudar-vos, sim, que em vós se identifica  
a caridade ao amor da sã virtude.

Perdoae-me, senhora, se enrouqueço  
quando quero cantar graças tão grandes;  
sou Icaro que a sorte os vôos impede,  
— ave morta cahida aos pés dos Andes.

Aceitae este canto que vos trago  
em homenagem ao vosso natalicio;  
quem lê-o encontrará que n'elle existe  
da saudação a par um sacrificio.

Sacrificio, senhora, que a saudade  
de ha muito emmudeceu meu coração;  
sacrificio tremendo pois que nunca  
a fronte bafeijou-me a inspiração.

**Sacrificio, senhora, que compensa  
a vossa sempre prodiga bondade.**

**— Que o Senhor multiplique os vossos annos  
— como as bagas de luz da immensidade.**

**30 de Junho de 73.—Côrte.**



— III —

XXXVIII

—

NÃO ME OLHES

Mimosa, não me olhes — attende-me piedosa;  
as chammas de teus olhos me fazem delirar;  
escuta a voz do bardo — te peço que me esqueças,  
oh deixa-me, mimosa, que eu não te posso amar!

Rasguei e para sempre, n'uma hora de delirio  
a pagina da vida em que se lia — amor.  
Por ella o que se encontra no livro de minh'alma?  
a palma do martyrio n'um pedestal de dôr!

Já é tarde! A' voz do mundo o espirito estremece  
e o coração se eleva em nuvens de poesia;  
depois — pobre mendigo envolto em mil farrapos  
o coração desperta aos brados d'agonia.

O espirito se aballa nas trevas isolado  
— palmeira exposta ás furias do vendaval do norte!  
Foi louco — a voz do mundo correu a mil conquistas  
e em busca das conquistas esbarra alfim co'a morte.

A luz desses teus olhos tem chammas que m'escaldam  
o cerebro de moço, que a febre enlouqueceu ;  
não olhes-me, mimosa, á muito a voz da campa  
alenta-me a esperança de só viver no céo.

Janeiro.—73.—Côrte.

**XXXIX**

**AMOR DE POETA**

AO MEU AMIGO EDUARDO F. BANKS JUNIOR

O que amas poeta? — Amo as estrellas  
a morrerem sem luz no firmamento;  
amo os vagos clarões que a lua derrama  
em sombras abysmando o pensamento;

Amo o som da procella que rebrame;  
amo a sêde que mata no deserto;  
amo a angustia do nauta que sossobra  
quando um porto o olhar procuro incerto.

Amo as trevas e a luz; amo o terrivel,  
que o terrivel me apraz ao coração;  
amo o vento a quebrar-se nas montanhas;  
amo a furia cruel do furacão.

Amo tudo que aviva meu tormento,  
que traduz a meu ver a sepultura;  
— minha vida é de morte — amo o sepulchro....  
durmo crente aos pés da desventura.

— Oh tu amas, poeta, a desventura  
quando a vida sorri cheia d'encantos?  
quando crente deveras ter sorrisos  
té mesmo para a dôr — e só tens prantos ?

Quem ama a confusão, poeta, és louco ?  
a febre te devora o pensamento ?  
quem pôde amar o horrivel, oh quem ama  
aquillo que revive o seu tormento ?

— Tu não sabes mancebo — a vida é sonho,  
é tremenda illusão, falso dilemma:  
o poeta tem dôres por aureola,  
e bem crueis espinhos por estemma.

Já senti no meu peito muita crença,  
cri na vida — adorei um'alma virgem.  
Foi momento febril — quando desperto  
era tudo illusão — cruel vertigem.

Ergui-me até os céos pedindo affectos,  
lancei-me pelo chão buscando amores ;  
comprei muito sorriso, mas, em breve,  
senti o coração morrer de dôres.

Não creio mais no amor — tudo é mentira  
na mulher o amor é impossivel.  
Ella ri-se e o punhal nos vara o peito....  
— a alma da mulher é bem terrivel !...

Foge, foge mancebo; é tempo ainda,  
desperta desse somno que te mata;  
não respires o odôr das tranças loiras  
da virgem que nos sonhos te arreбата.—

Não poeta, tu vives do passado,  
e o passado p'ra mim foi de creança;  
eu sinto se atear dentro em minh'alma  
muita fé, muito amor, muita esperança.

E a virgem loura em nuvens de perfume  
os sonhos me transforma em realidade.  
Sou moço — não desprezo o mundo em flôres —  
quero as flôres fanar da mocidade.

— Não te illudas, mancebo, o mundo é falso —  
a mulher nos perdeu — lançou ao crime.  
Sê poeta, também — descrê de tudo  
não supportes um jugo que te opprime.

15 de Agosto de 73.—Côrte.





**XL**

**MIMOSA**

A' \* \*

Como eram de fogo os teus olhares!  
Quanto amor, quanta luz, quanta expressão!  
Oh que noite de febre em que eu sentia  
borbulhar-me no craneo a inspiração!

Não devêra dizer-te, pois que sinto  
que devora-me a alma um fogo lento;  
sinto a crença abraçar-me em despedida,  
sinto o peito morrer no desalento...

Não devêra dizer-te; que o proscripto  
não pôde entrar na patria d'amizade;  
o maldicto não pôde orar nos templos  
— curva a fronte ao poder da divindade.

Não devêra dizer-te; que os espinhos  
minhas carnes cançadas dilaceram;  
— como Tantalo á mingoa de esperanças  
minhas crenças de moço envelheceram...

Não devêra dizer-te; que a sina  
do poeta é viver na desventura;  
não devêra dizer-te mas... escuta,  
inda posso gozar muita ventura.

Inda posso, mimosa, se quizeres  
„ refflorir-me o jardim da mocidade; “  
se quizeres me dar um instante mesmo  
de teus labios um rir de piedade.

E assim o que serás? a minha crença  
serás o meu poema d'esperança;  
serão os teus olhares meus santélmos  
os teus risos—prenuncio de bonança.

Sou bem moço e nos threnos melancolicos  
em que as vezes a pobre alma delira,  
não sei porque se prendem confundidas  
doces lagrimas de amor á voz da lyra.

Eu bem quero fugir dos cemiterios  
onde a vida se abraça á eternidade;  
onde a brisa que passa entre os cyprestes  
canta em prantos a nenia da saudade;

Eu bem quero sorrir cheio de crença  
como a flôr aos bafejos da manhã,  
mas... a minha esperança desfallece...  
— brisa morna a crestar a flôr louçã...

.....

Oh não sabes, mimosa, quanta vida  
tu me déste de novo ao coração;  
foste o anjo da fé que me disseste  
que a morte preludia a salvação

Tu te abraças com Deos na magestade,  
foste o molde de Deos na perfeição;  
és a estrella do céu do pobre louco,  
és a virgem de minha adoração.

30 de Junho de 73.—Côrte.

XLI

PORQUE CHORAS ?

AO HARMONIOSO POETA ALFREDO AZAMOR

Eu tambem sei chorar; em minha  
fronte o sello do infortunio em la-  
grimas se estampa.

A.

Porque choras, poeta, porque deixas  
pender de moço a fronte envelhecida?  
porque trazes o rosto em dôr immerso,  
o coração em pranto — alma descrida ?

Tu que outr'ora saudavas o futuro,  
que encaravas a luz em seus fulgores;  
tu que tinhas um hymno para a gloria,  
um dythirambo ardente p'ra os amores;

Tu que foste uma vez entusiasta  
do sublime, do grande, do pathetico;  
que cantavas sorrindo as crenças fidas,  
que fallavas do amor em tom prophetico;

Tu que sempre fitaste allucinado  
um anjo que ao futuro te conduz;  
que — poeta inspirado — tens na fronte  
do genio o traço e do escolhido a luz :

Hoje deixas a fronte irregelar-se  
ante os fracos bafejos deste mundo;  
a crença abandonar-te intristecida  
e o coração sem fé — chorar profundo....

Oh não ames assim a dôr, o pranto  
que em partilha cedeu-me a Divindade;  
ciozo sou do mimo; não m'ó roubes  
é elle que me alenta a mocidade.

Só eu posso chorar, que Deos fadou-me  
para o pranto e a dôr — para o tormento.  
Tenho sombras por luz e por amores  
— um cyrio a vacillar no firmamento !

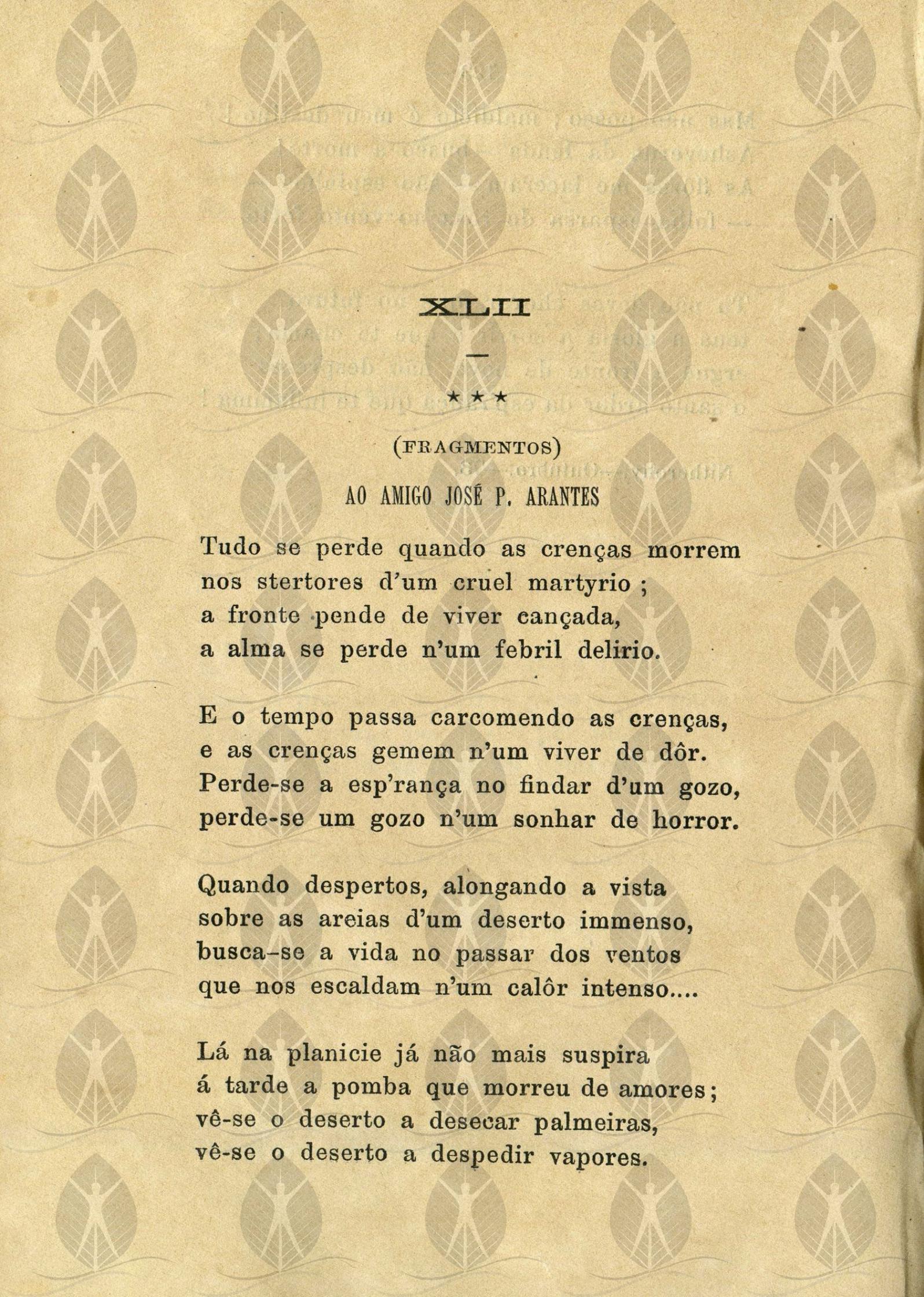
Tu não deves chorar; a dôr consome  
e tu deves seguir para o futuro.  
Tu não deves chorar; a flôr da esp'rança  
não cedas ao destino prematuro.

Porque choras ? não tens um peito virgem  
que te offerta no mundo o paraiso ?  
podesse eu como tu viver contente  
ter d'uns labios de virgem um sorriso....

Mas não posso ; maldicto é meu destino !  
Asheverus da lenda — busco a morte !  
As flôres me laceram — são espinhos —  
— folha esparsa de rosa ao vento forte.

Tu não deves chorar, que no futuro  
tens a gloria a sorrir e que te chama ;  
ergue a fronte de novo, não desprezes  
o santo ardor da esp'rança que te inflamma !

Nitherohy.—Outubro.—73.



XLII

—  
\*\*\*

(FRAGMENTOS)

AO AMIGO JOSÉ P. ARANTES

Tudo se perde quando as crenças morrem  
nos stertores d'um cruel martyrio ;  
a fronte pende de viver cançada,  
a alma se perde n'um febril delirio.

E o tempo passa carcomendo as crenças,  
e as crenças gemem n'um viver de dôr.  
Perde-se a esp'rança no findar d'um gozo,  
perde-se um gozo n'um sonhar de horror.

Quando despertos, alongando a vista  
sobre as areias d'um deserto immenso,  
busca-se a vida no passar dos ventos  
que nos escaldam n'um calôr intenso....

Lá na planicie já não mais suspira  
á tarde a pomba que morreu de amores ;  
vê-se o deserto a desecar palmeiras,  
vê-se o deserto a despedir vapores.

Então descrente se nos curva a fronte  
á lei suprema d'um martyrio eterno.  
Buscamos agua—aridez que mata!  
Buscamos brisas—callidez do inferno!

A crença é morta! quem viveu nos sonhos  
um dia ao menos foi feliz então!  
— Flôr que crestou-se quando pura e bella  
aos raios fortes d'um cruel verão.

.....

E a esperança se perdeu nas trevas,  
as santas crenças n'um vagar incerto.  
Negros abutres esvoaçam mudos  
sobre as areias do infeliz deserto....

.....

Janeiro.—73.—Côrte.

---

## XLIIII

### MORTE DE VIRGEM

A'.....

E' tarde, é tarde--a viração que passa  
beija-te as tranças, divinal donzella.  
E' tarde e as lagrimas que derrama a noite  
veem orvalhar-te a virginal capella.

Dormes á sombra d'um cypreste erguido,  
á cabeceira d'um sepulchro escuro.  
Ao fogo fatuo que esclarece as campas  
o mocho pia em funeral agouro.

Oh não despertes—te avivente o somno  
a paz que n'alma derramou-te Deos.  
Seja teu leito—este lençol de rosas,  
cortinas puras—este azul dos céos.

E' tarde—ao longe estremeceu nas trevas  
lapida branca de funerea campá;  
— á luz sinistra se alevantam mortos  
— á face negra que o sepulchro estampa.

Eil-os em roda do teu leito virgem...  
eil-os beijando a virginal capella...  
oh não despertes—vae fugindo a lua,  
treme de medo a derradeira estrella.

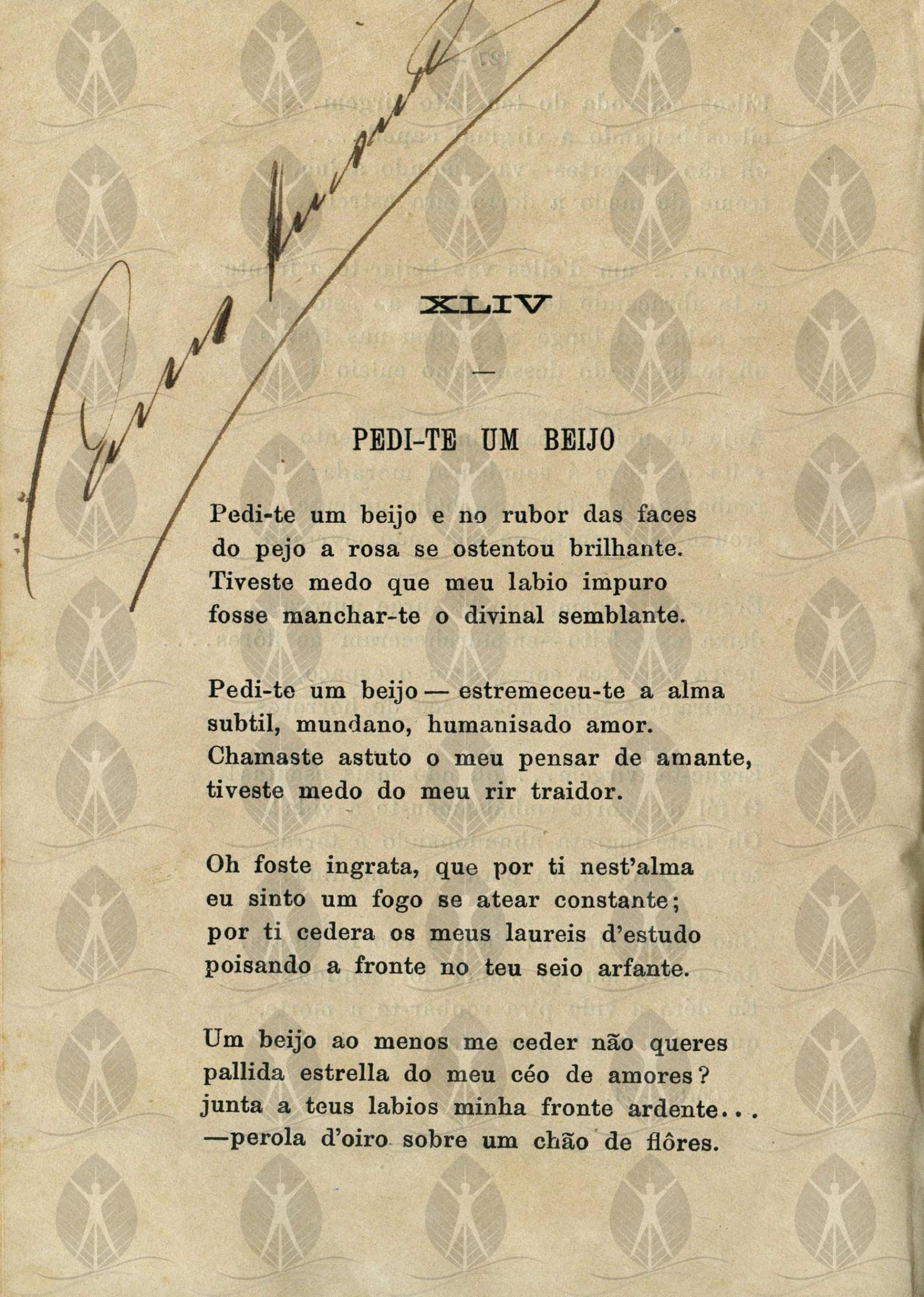
Agora... um d'elles vae beijar-te a fronte  
e te abraçando te conchega ao seio...  
— a lua ao longe se perdeu nas trevas...  
oh tenho medo desse terno enleio !!

Anjo da noite a caminhar bem lento  
volta de novo á sepulchral morada;  
roubou-te a vida nesse beijo ardente,  
trouxe-te a morte na sua mão myrrada.

Ergue-te, virgem, que lá surge aurora,  
deixa esse leito—emmurhecera as flôres....  
negra borrasca ennegreceu o espaço,  
quebram-se raios nesse céu de horrores.

Ergue-te, virgem... oh não mais escutas!  
O fél da morte embalsamou-te a vida!  
Oh foste ingrata abandonando a terra,  
terra de ha muito para mim perdida!

Não fujas, virgem! Para o céu te elevas..  
deixaste o mundo n'uma dôr sentida!  
Eu déra a vida p'ra roubar-te a morte,  
quizera a morte para dar-te a vida!



**XLIV**

**PEDI-TE UM BEIJO**

Pedi-te um beijo e no rubor das faces  
do pejo a rosa se ostentou brilhante.  
Tiveste medo que meu labio impuro  
fosse manchar-te o divinal semblante.

Pedi-te um beijo — estremeceu-te a alma  
subtil, mundano, humanizado amor.  
Chamaste astuto o meu pensar de amante,  
tiveste medo do meu rir traidor.

Oh foste ingrata, que por ti nest'alma  
eu sinto um fogo se atear constante;  
por ti cedera os meus laureis d'estudo  
poisando a fronte no teu seio arfante.

Um beijo ao menos me ceder não queres  
pallida estrella do meu céu de amores?  
junta a teus labios minha fronte ardente...  
—perola d'ouro sobre um chão de flôres.

Oh não; não temas que o poeta ingrato  
faça-te n'alma penetrar a dôr.

Sim, dá-me um beijo apaixonado, ardente  
— pranto da aurora a reviver a flôr.

.....

Perdôa, donzella — se labios impuros  
beijaram-te as tranças — na febre do amor.  
Perdôa, donzella — a lua beija a terra,  
o mar beija a praia, o sol beija a flôr.

Côrte.—73.

## XLV

### PORQUE FOGES ?

Morena, porque foges? t'escondes do mancebo?  
porque? oh não me fallas? não sabes que tua voz  
é canto que emmudece os sons de minha lyra,  
é balsamo que acalma a dôr a mais atroz?

Escondes-te? és ingrata. Apoz de haver prendido  
a vida do mancebo ás tranças perfumadas,  
arrastasl-o coitado, por sobre um chão d'espinhos  
e o louco a ti sorrisse co'as as carnes laceradas!

Morena—oh não te escondas que eu vivo de tua vida;  
na chamma de teus olhos eu bebo inspiração;  
se tens o meu futuro, se tens a minha gloria  
não roubes-me tambem a eterna salvação.

Se eu leio nos teus labios do amor o verbo ardente,  
se vejo nos teus risos um raio d'esperança,  
porque desta tormenta que embate a minha vida  
não vens ser, ó morena, o anjo de bonança?

Tu podes n'um momento, sorrindo entre prazeres,  
queimando o seio ardente na chamma da ventura,  
lançar da gloria ao nada o louco que te adora,  
mostrar ao morto a vida, ao vivo a sepultura.

Attende-me; debalde os risos de desprezo  
acordam-me na mente as vozes da razão;  
debalde, assim não fujas—teus olhos me atearam  
no peito uma esperança, no cerebro um volcão.

Côrte.—74.

**XLVI**

**A' MISS ELLA**

**INIMITAVEL CAVALLEIRA DA REAL COMPANHIA EQUESTRE ITALIANA**

Eil-a veloz que passa; nas ancas do ginete  
o pé — mimoso pé ! se prende e o equilibrio  
o corpo seu sustenta !

Veloz como o areólitho além sobre os espaços,  
veloz como o estampido estridulo do raio  
nas ancias da tormenta !

Calcando aos pés os vôos das aguias soberanas  
quem vê-a sonha espasmo a volição etherea  
nas azas do corsel !

Quem ouve o sibilar altivo dos arnezes  
suppõe a tempestade voando enfurecida  
dos pampas no tropel !

Mazeppa ergueu a fronte da tumba irregelada . . .  
— da tumba em que o poder da morte o tem buscado  
embalde conservar,

ergueu a fronte altiva — fitou — olhos brilhantes  
depois — saudou o arrojo da cavalleira altiva  
a gloria a lhe mostrar ! . . . .

.....

Lá vae — cabellos louros exparsos nas espaduas,  
— nos labios purpurinos o riso envolto em nuvens  
de nitido carmim . . . .

Soberbo e arrogante — narinas dilatadas  
o audaz corsel — atira aos ares — com as patas  
um poeirar sem fim ! . . . .

Lá vae — pisa de leve nas ancas velludadas . . . .  
e presa, e sôlta atira-se ao ar como em delirio  
em ancias de voar !

Nas nuvens perfumadas de seus cabellos loiros  
o vento da corrida — n'um oscillar eterno  
irrompe á sibilar !

Audaz e destemida ! Valente na carreira  
parece equilibrar-se nas azas vaporosas  
do zephiro que passa !

As plantas do ginete mal tocam sobre a terra . . .  
e o anjo das conquistas beijando-lhe o semblante  
aos seus pés s'espedaça !

Veloz como a corrida phantastica que outr'ora  
Mazeppaprehendêra, voando no ginete  
que o Eterno fez tombar,

lá vae a cavalleira — nas azas de seu nome  
voando como em busca dos pincaros da fama  
que a seus pés vem beijar !

Oh corre, e corre muito ! que apoz a tua carreira  
alcançarás um dia — além no Pharthenon  
aonde existe a gloria,  
não só a palma augusta que a fama te reserva  
mas a immortalidade n'um nome que ao futuro  
hade levar a historia

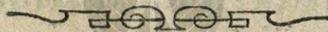
A fama é tua; — aos pés — que fallam, que seduzem  
— que dizem que os anima um'alma abençoada —  
a tens ajoelhada !

A gloria do teu nome esmalta mil cabeças,  
tua fronte hoje se aquece á luz de muita gloria  
por ti divinizada !

Oh vôa, cavalleira ! Mazeppa que renasce !  
Sim, vôa, vae além — do azul do firmamento  
arranca ignea estrella !

Depois orna com ella tua fronte illuminada  
e a Deos — se perguntar quem foi o genio ousado —  
o céu dirá — foi *Ella* !

Julho de 74.—Côrte.



— 88 —  
Nos trabalhos d'arte não se trata de  
nos fazer por nos fazer magétores  
os trabalhos feitos—falta a forma  
a natureza genérica de se trabalhar

Quando não se tem um Alho—curryado  
o trabalho não se faz  
o trabalho se faz  
a natureza genérica de se trabalhar

## XLVII

—  
GRITO D'ALMA

AO AMAZONAS

Dorme, estrella do norte, que a procella  
que brame além nas nuvens do futuro,  
aponta-te um lugar que de imponente  
excede esse de Roma outr'ora altivo!

De Nero esse governo pervertido,  
que agrilhôa, que mata, que estassalha,  
um dia findará, que surgem moços  
santélmos d'um futuro grandioso.

Esquecem-te nas honras que se espalham  
e chamam-te depois—mizera e pobre!...  
Infames que se vestem de tuas gallas  
e deixam-te sandalias.... miseraveis!

Mas não; essas sandalias que te deixam  
orgulhosa tu lanças á teus pés.  
Envolvida nas dobras de teu manto  
és maior que o desprezo que te lançam.

Nos vagalhões d'espuma que espanejas  
aos fortes pés dos Andes magestosos,  
os futuros lerão—infamia eterna  
á ingrata geração que te despreza.

Quando além na Albion ennuveada  
o echo de tuas vozes se admira,  
o Brasil te despreza porque és grande  
e tua grandeza teme que o abata!

Eleva-te por ti, que Deos fadára  
das glorias e riquezas o thesouro ;  
eleva-te por ti té que teus filhos  
ajudem-te a calcar os potentados!

Abril.—73.—Côrte.

---

**XLVIII**

**MESSALINA**

Pallida argilla que moldára o escopro  
Do estatuário; que estendida vê-se  
Na mesa da officina.

P. DE CALAZANS.

Mulher — á quem sorris? á mim? coitada!  
Não mais tens nessa face descorada  
um resto de pudor!

Se tens não vês que o moço teme a morte?  
se não tens — segue a senda de tua sorte,  
essa senda de horror!

Messalina das praças, te abjuro!  
Insensata manchaste o teu futuro  
na lama dos paues!

Ha muito os seios puros engolfaste  
no lascivo viver em que embaçaste  
os teus olhos azues!

Te aborreço, mulher, astro sem brilho!  
Quem na infancia perdeu da honra o trilho  
o que almeja? uma cruz!

Teu corpo é hoje presa do dinheiro,  
tua alma a quem se entrega? a quem primeiro  
á infamia te conduz!

Te aborreço, mulher — mulher perdida,  
já que a fronte curvaste envilecida  
á voz da bachanal!

Sou moço e és dos moços a desdita,  
foge, foge de mim sombra maldicta  
de infame saturnal!

Não me olhes, mulher, que a tua capella  
já murcha se esfolhou, quando a procella  
ferio teu coração.

Teu halito é de morte — é envenenado,  
teu viver se resume em um punhado  
de crime e perdição!

Caminhas pelo mundo acompanhada  
da voz da maldição descompassada  
que te brada — vendida!

Nas faces descoradas a — luxuria,  
nas vestes decompostas a — penuria,  
e na fronte — perdida!

Esqueceste a virtude e agora o crime  
é o pesadello horrivel que te opprime  
o coração fatal.

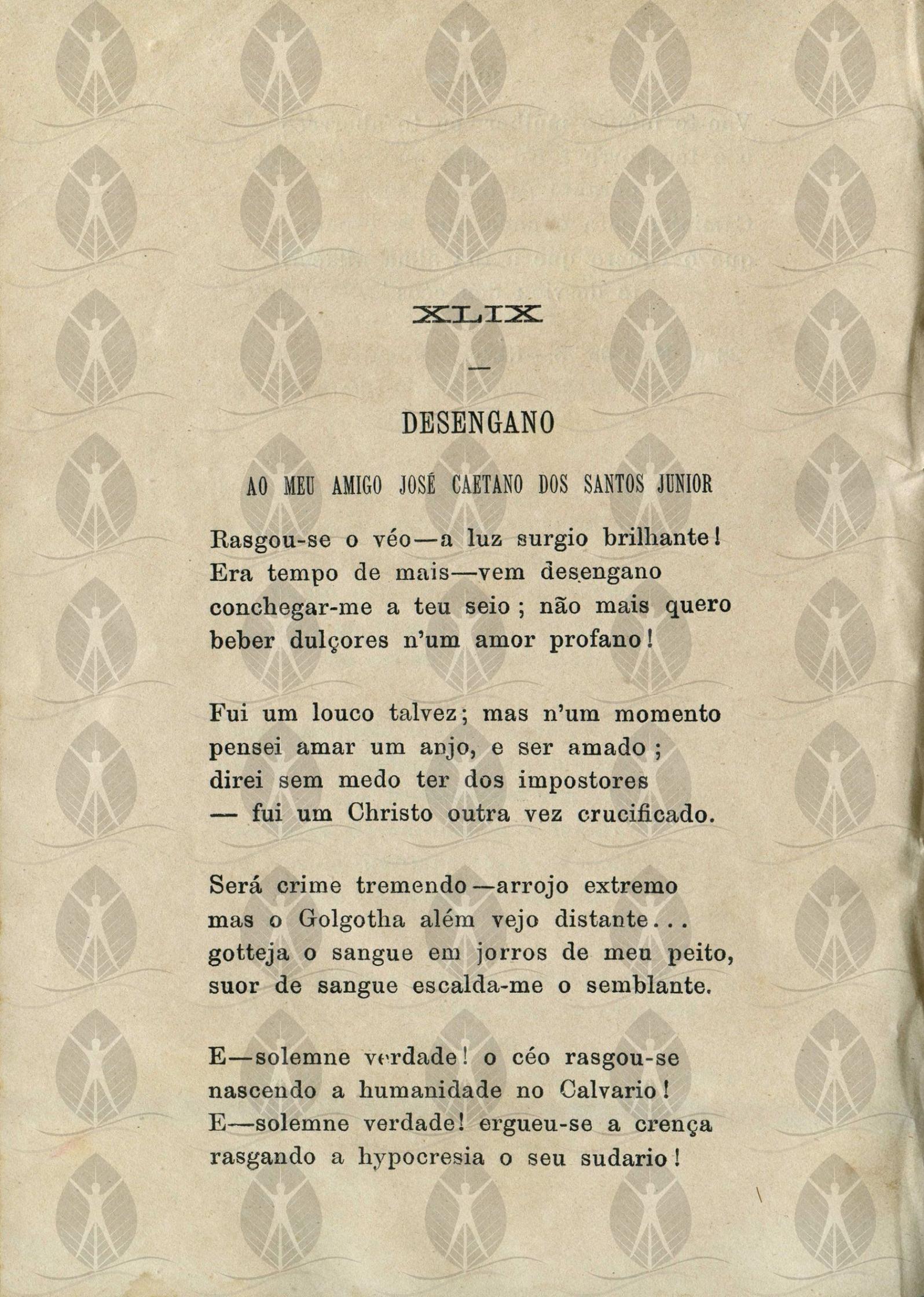
Quem quer o teu amor, mulher mentida?  
quem quer beijar-te a face corrompida  
e o teu seio venal?!

Vae-te infame mulher, eu te aborreço  
e o teu sorrir ! Eu sinto que estremeço  
perante os olhos teus.

Caminha para o nada que te espera,  
que o cancro que a tua alma dilacera  
te desviou dos céos !...

28 de Maio de 73.—Côrte.

~~SECRET~~



XLIX

—

DESENGANO

AO MEU AMIGO JOSÉ CAETANO DOS SANTOS JUNIOR

Rasgou-se o véo—a luz surgiu brilhante!  
Era tempo de mais—vem desengano  
conchegar-me a teu seio; não mais quero  
beber dulçores n'um amor profano!

Fui um louco talvez; mas n'um momento  
pensei amar um anjo, e ser amado;  
darei sem medo ter dos impostores  
— fui um Christo outra vez crucificado.

Será crime tremendo—arrojo extremo  
mas o Golgotha além vejo distante...  
gotteja o sangue em jorros de meu peito,  
suor de sangue escalda-me o semblante.

E—solemne verdade! o céu rasgou-se  
nascendo a humanidade no Calvario!  
E—solemne verdade! ergueu-se a crença  
rasgando a hypocresia o seu sudario!

Amei; e como Christo —a vida, o sangue  
sacrifiquei sorrindo a uma... mentira!  
Eu não te amei que um'alma de poeta  
não profana o altar em que se inspira!

Julguei-te um anjo, um astro peregrino  
que brilhava nas trevas do futuro,  
desengano cruel! hoje t'escondes  
nas sombras d'um occaso prematuro.

.....  
Tu és mulher—pois vejo nos teus risos  
o sarcasmo do mundo—a falsidade;  
tu és mulher vampiro que alimenta  
a vida do morrer da humanidade!

Tu és mulher—pois vejo no teu rosto  
os traços negrejantes do peccado;  
tu és mulher—em nome do futuro  
sacrificas sorrindo o teu passado!..

Tu és mulher—pois tens veneno horrivel  
nesses seios que o crime profanára!  
Oh momento maldicto em que tu'alma  
a minha alma de moço tresvairára!

Por que foste mentida? que responda  
a morte que na infancia nos legaste!  
P'ra que foste mentida? que responda  
esse amor que tão santo—profanaste.

E julgar-te eu um anjo! tu que sempre  
me fallaste de amor mysteriosa!  
Que nem palavras tinhas p'ra enganar-me  
quando á força mostravas-te amorosa!

E julgar-te eu um anjo! tu que em risos  
de minha fronte as flôres machucaste!  
Que disseste-me puro o seio virgem  
quando á muito a pureza abonaste!

Fizeste bem, mulher! e agora em premio  
dessas noites de febre e de afflicção,  
te lanço sobre a fronte embaciada  
de dentro d'alma eterna maldição!

Maldição sobre ti, que me inspiraste  
um momento no peito o amor mundano;  
maldição sobre ti e que a tua alma  
devore sem cessar um fogo insano!

Maldição sobre ti, que emmudeceste  
as cordas de minha lyra irregelada;  
maldição sobre ti, que me chegaste  
aos labios a cicuta envenenada!

Foi um sonho terrivel! crer-te um anjo!  
— Um momento pensei na eternidade!..  
E suppliquei a morte p'ra buscar-te  
abraçada com Deos na immensidade!

Oh foi um sonho sim, que *ella* não pôde  
respirar o perfume deste mundo ;  
mancharia seus pés sobre estas flôres...  
... e o coração da terra é tão immundo...

E pensei encontral-a revestida  
das fôrmas da mulher! Cruel engano ;  
eis-me agora de novo em teus altares  
oh imagem fatal do desengano!...

Outubro de '73.—Nitherohy.

L

A' INTERESSANTE MENINA D. MARIA PONTES

(NENÉ)

Ainda te emballam da innocencia as gallas,  
e o pó das sallas não manchou teu rosto ;  
ainda nas faces que o prazer encanta  
um rir supplanta o infantil desgosto.

Ainda respiras perfumada essencia  
que a omnipotencia derramou-te n'alma ;  
e só teu seio virginal — palpita,  
mas não se agíta na perenne calma.

Vives ainda; e ao receber-te o mundo  
geme profundo a segredar-te cantos ;  
e á quadra linda que prediz amores  
junca de flôres qu'emmurhecem prantos.

O mundo é falso; seu sorrir mentido  
— astro perdido que a amplidão regeita ;  
por entre as sombras do brilhar da vida  
— féra escondida — o viajor espreita.

Grava-lhe n'alma o mais feróz tormento,  
zomba cruento das mais santas crenças ;  
— volta-lhe o rosto de teu ser vaidosa  
flôr perfumosa que o Senhor insensas.

Oh tu não sabes, virginal creança,  
quanta esperança nos offerta o mundo !  
Não ; não apertes em tua mão nevada  
a mão myrrada d'esqueleto immundo !....

.....  
.....

Moço, e bem moço, a caminhar na vida  
— barca perdida a se quebrar nos mares —  
senti um dia enfraquecer-me a crença....  
mortalha immensa avassalando os ares !....

Gemi sentido, e ao murmurar dos ventos  
crueis tormentos m'escaldaram o craneo.  
Em balde em raiva eu invoquei coragem  
— pallida imagem d'um viver titaneo !

Tudo era morto ! e ao perpassar do pampa  
abriu-se a campa e levantou-se a morte !  
Ainda a fronte quiz erguer morrendo....  
— nuvem correndo ao temporal do norte.

.....  
.....

Oh tu não sabes, divinal creança  
quanta esperança nos offerta o mundo !...  
Não; não apertes em tua mão nevada  
dextra myrrada d'esqueleto immundo !

Côrte.—73.



LI

O MALDICTO

.....  
Contre moi l'univers appelle la vengeance  
et la tombe elle-même a rompu son silence!  
..... la mort, la mort m'attend.

LEGOUVÉ.

Não me olhes, mulher, trago na fronte  
da maldição o stigma cruel!

— Espectro sanguinario que levanta  
a dextra a supplicar sangue ao bordel!

Escuta—tu já viste á noite a meio,  
— quando morre sem luz lampada ardente,  
no cemiterio ao longe erguer-se a morte  
beijar de Deos a dextra omnipotente?

Já viste sobre o tumulo esquecido  
do condemnado a sombra condemnada  
erguer-se e maldições lançar aos homens,  
— chorando a eternidade apavorada?

Já viste o Prometheu, que a humanidade  
ressuscita das cinzas do passado,  
morrer de sede á mingoa—em desespero  
nas faldas d'um rochedo alcantilado?

E' mais feróz ainda a minha vida  
nos instantes febrís do desalento;  
quando vejo perdido o meu futuro...  
— reliquia sanguinaria exposta ao vento!...

Oh mais feróz ainda tenho a alma,  
— condemnada do céo á maldição!  
Tenho em sangue meu peito mergulhado,  
na lama dos paues o coração!

Eu não te posso amar—vampiro infame,  
meu halito de vida—a morte alenta;  
minha estrella é de morte—é lampadario  
que sómente de sangue se alimenta!

Não me olhes—sinistra a luz dos olhos  
póde n'alma infiltrar-te a perdição;  
não; não deixes tocar-te dextra impura...  
—linda per'la das aguas do Jordão.

Maldição sobre mim! por Deos não posso  
entrar de Deos na habitação bemdita.  
O sangue e não o pranto hade apagar-me  
essa mancha fatal, mancha maldicta!

Vai-te, vai-te mulher—reprobo eterno  
eterno hei de viver—morto em tormento;  
— vampiro infame a macular o espaço  
de sangue hei de tingir o firmamento.

E Deos é grande e justo, mas lançou-me  
na fronte—de maldicto atróz baldão!  
Pois bem—hei de comprar o céu a crimes  
ou lançarei no céu a perdição!

A' meus pés curvarei a humanidade,  
às crenças erguerei novo calvario.  
Morrendo heide calcar aos pés os templos  
— será a immensidade o meu sudario!

.....

Sou maldicto? pois bem! oh tenho orgulho!  
Tremenda luta vou travar com Deos!  
— Ou hade o crime embaciar-me a alma,  
— ou heide o crime introduzir nos céos!...

9 Janeiro de 74.—Nitherohy.





LII

NA TABERNA

A' ALBERTO VICTOR GONÇALVES DA FONSECA

Eil-o além—na taberna—taça em punho!  
Dos vapores do vinho nas camadas  
a fronte mergulhou!

Das bocas espumantes das garrafas  
se derrama o champagne humedecendo  
o chão em que tombou!

„ Vinho, vinho mulher! arde-me o craneo!  
Quero a sêde matar dest'alma negra,  
que o crime aprisionou!

Dá-me vinho, mulher! mulher maldicta!  
Não vês que á muito a luz enfumaçada  
nas trévas me deixou?

„ Dá-me vinho, mulher, e dá-me luzes!  
Quero em luzes banhar a fronte ardente  
e ainda me inspirar!

Um dia fui poeta... tive crenças....  
mas depois... Oh mulher então não ouves  
por vinho e luz bradar? “

II

E o vento ao longe a sibilar infrene  
por entre as fendas negras das janellas  
parece delirar!

E o vento vem lançar sobre esta fronte  
a poeira que deixa a caravana  
do seculo a passar!

III

„ Agora? inda vens cedo—vou fallar-te;  
o champagne me aclara a intelligencia,  
o conhac me anima!

Vem cá, mulher maldicta, anjo perdido...  
não vês? tens um logar sobre este banco...  
que fazes? te aproxima!

Não o sabes talvez, mas n'esta fronte  
já tive, inda creança, muitos beijos  
dos labios maternas!

Labios santos e nunca humedecidos  
do halito corrupto destes homens  
infames, e venaes!

Depois—amei um dia... Oh dá-me vinho!  
Sinto o craneo partir-se, e sinto o peito  
s'espedaçar de dôr!

Sinto ainda nos labios requeimados  
pelas calidas bordas de mil taças,  
o seu beijo traidor!

Depois... amei um dia... foi a pagina  
mais negra desta vida mal fadada!

Amei uma mulher!

Quantos risos nos labios seus—mentidos  
me fizeram das bordas do sepulchro  
de novo reviver!

Fui traído depois! *A virgem pura*  
abraçára-se aos seios corrompidos  
de infames sybaritas!

Arrebatou-a a onda dos perdidos...  
e depois eu a vi—bebendo a infamia  
em amphoras maldictas!

Arrancando do corpo as vestes puras  
que beijavam-lhe as fôrmas peregrinas  
em candida nudez,  
mergulhou-se nas sedas salpicadas  
do sangue da innocencia, que humilhára  
até cahir-lhe aos pés!

Depois a vi ainda—tinha n'alma  
adormecida aos beijos orvalhados  
dos prantos da innocencia,  
muito fél derramado, e muita infamia,  
muita lama das praças recalcando  
a voz da consciencia!

.....  
.....

Oh mulher, dá-me vinho... inda mais vinho!  
Não me falles sequer... como que escuto  
um écho da perdida!

Depois que a vi assim toda coberta  
de sedas que respiram e que derramam  
odôres de—vendida:

Quiz esconder no fundo de mil taças  
transbordando de bacchicos vapores  
de orgias infernaes,  
o veneno terrível que nest'alma  
derramavam seus risos desprendidos  
em horas saturnaes!

O conhac me perverteu as crenças ;  
galvanizei a alma nos reflexos  
das luzes das orgias!  
Deitei o corpo sobre um chão d'espinhos...  
preparei a sorrir para esta fronte  
um leito de agonias!

Adormeci á luz pallidecida  
dos lugubres casebres onde a infamia  
levanta-se orgulhosa!  
Sevei muita ventura em muitos labios!  
— Arranquei muita mascara de gêsso  
de moça indecorosa!...

Hoje... dá-me, mulher! oh dá-me vinho!  
Não creio nestas faces velludadas  
e cheias de carmim!

Tem muita infamia o labio da perdida!  
Tem muito fél o labio ennegrecido!  
E tudo mente emfim!

Ah deixa-me beber! a luz vacilla;  
o conhac se finda; o vinho estalla  
as taças de crystal!

Oh pudesse eu sorver muita ventura  
a transbordar champagne em craneo escuro  
á luz da bachanal!

.....

Vai-te, vai-te mulher! já te aborreço!  
E quero adormecer sobre estes copos,  
quero sonhar emfim!  
Não venhas despertar-me!... dás-me um beijo?..  
— o teu labio tem fogo que requeima  
n'um escaldar sem fim! “

.....

#### IV

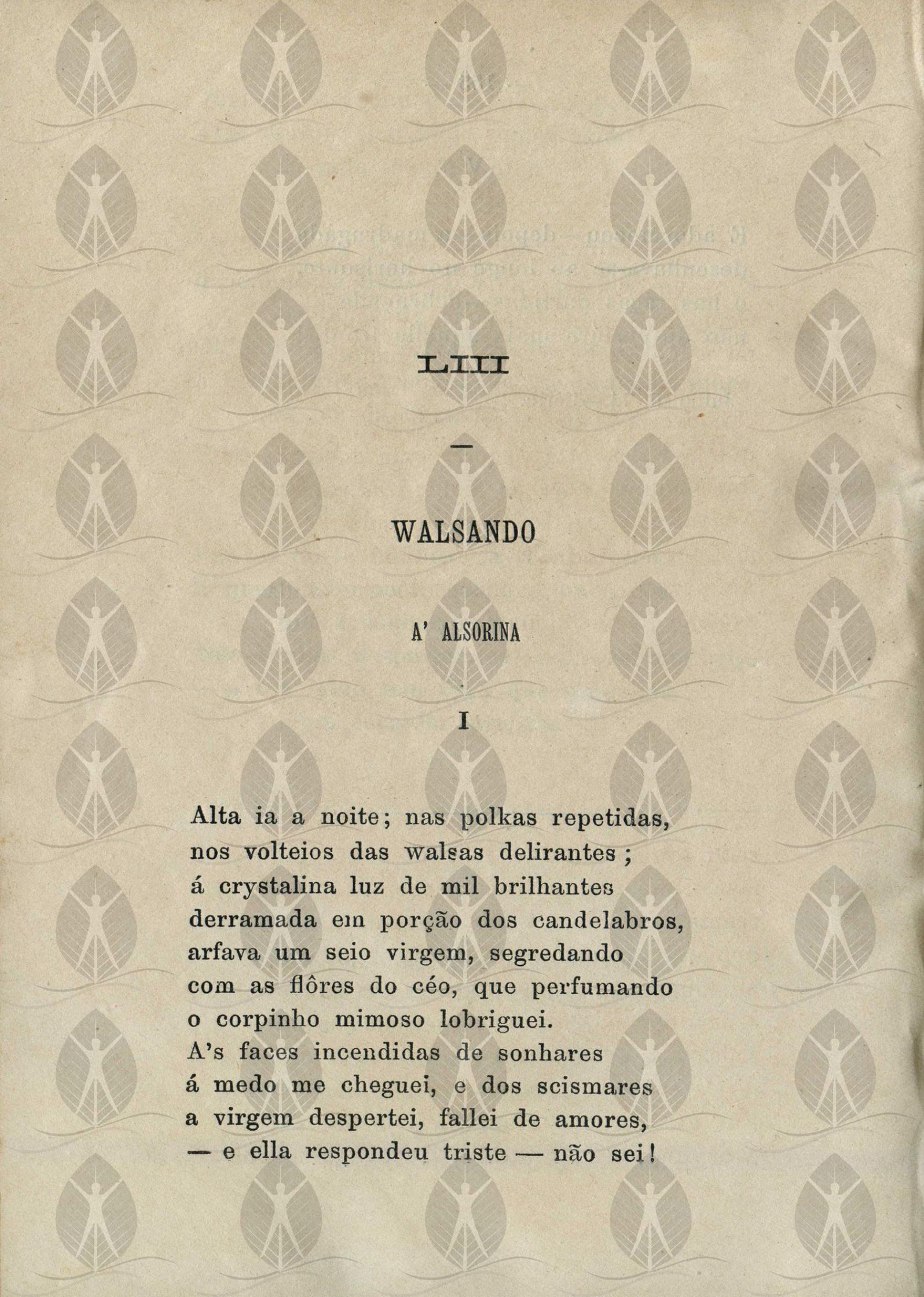
E o vento ao longe a sibilar infrene  
por entre as fendas negras das janellas,  
parece delirar!

E o vento vem lançar sobre este corpo  
a poeira que deixa a caravana  
do seculo a passar!

V

E adormeceu—depois—a madrugada  
desenhava-se ao longe no horisonte,  
e nas taças partidas—debruçada  
não despertára mais aquella fronte!

Julho de 74.—Côrte.



LIII

—  
WALSANDO

A' ALSORINA

I

Alta ia a noite; nas polkas repetidas,  
nos volteios das walsas delirantes ;  
á crystalina luz de mil brilhantes  
derramada em porção dos candelabros,  
arfava um seio virgem, segredando  
com as flôres do céo, que perfumando  
o corpinho mimoso lobriguei.  
A's faces incendidas de sonhos  
á medo me cheguei, e dos scismares  
a virgem despertei, fallei de amores,  
— e ella respondeu triste — não sei!

II

O piano se ouviu — era uma walsa.  
Como nuvens de gaze transparente  
no salão se lançaram novamente  
vestidos mil a voltejar nos ares.  
Procurei-a — voava no delirio  
que a walsa faz nascer, como ao empyreo  
buscando se abraçar, subir aos céos.  
No voltejar ligeiro o pé de fada  
mal tocava na sala alcatifada.  
Ao passar junto á mim fallei-lhe ainda  
e como um echo ouvi dizer — só Deos!

III

Findára a walsa; seios arquejantes  
reclinavam-se inertes nos divans;  
mas como o doce rócio das manhãs  
reanima e revive a flôr crestada,  
o piano se ouviu — todas se ergueram,  
ao longe como que echos morreram  
reflectidos na luz da serpentina...  
walsavam, que walsar vertiginoso!  
— Parecem suspirar, morrer n'um gozo!  
Nas ancias do walsar fallei-lhe ainda  
e ouvi n'um murmurio — se é minha sina ....

IV

Pallida era a luz das serpentinas ;  
emmurhecera rosas ; como um beijo  
suspirou o piano inda um harpejo ;  
cahiram pelo chão as alcatifas...  
e o echo do festim morreu gemendo  
pelo azul dos espaços se perdendo.  
Foi um somno ligeiro, a madrugada  
saudou mais estas flôres embuçadas  
em mantas odoríferas banhadas  
dos vapores da festa... inda fallei-lhe :  
— descrê? me disse, não direi mais nada!

Agosto de '74.—Côrte.

LIV

—  
QUE NOITE !

Que noite ! pallida a lua  
beijava as faces do mar ;  
a estrella da madrugada  
começava a desmaiar...  
a orchestra tinha findado  
com o ultimo som vibrado  
adormeceu âmplidão,  
tudo silente no espaço  
succede á orchestra o compasso  
pausado do coração.

Que noite ! quanta harmonia  
n'aquella noite de amores !  
As serpentinas tremiam...  
pendiam murchas as flôres...  
sob um céu todo estrellado  
o ambiente perfumado  
regorgitava de luz ;  
de mil virgens que walsavam  
— astros puros que brilhavam  
um maior brilho produz.

Oh nessa noite de amores  
quanta esperança surgiu!  
Mas tambem quanta descrença  
muitos peitos bipartio!  
Quanta alma apaixonada  
não vio fanar-se mirrada  
a sua ultima illusão!?  
E a minha que entrou descrente  
sahio, meu Deos, sahio crente  
na vida do coração!

E foi um anjo mimoso  
que fallou-me lá do céu;  
deu-me as crenças do sublime  
roubou-me as crenças de atheo!  
Quem mortal podéra vê-lo  
— um'alma mesmo de gelo  
sem de novo se animar?  
Quem adora a poesia  
quem é escravo d'harmonia  
ha de cultos lhe votar.

Sim, que ella identifica  
a sua fronte á poesia;  
tem nos labios roseados  
d'aquella deusa a magia;  
tem no olhar enlanguecido  
santo poema escondido  
que falla de Deos, do amor;  
oh quanta stróphe sublime  
aquelle olhar não imprime  
n'alma d'um trovador?

Harmonia! oh nessa noite  
quanta harmonia eu senti!  
Nos doces sons do piano  
quanta expressão traduzi!  
A's notas apaixonadas  
minhas crenças apagadas  
surgiram cheias de vida;  
minh'alma gemeu saudosa  
mas depois... toda orgulhosa  
de novo se achou erguida!

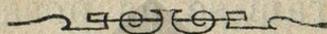
Quiz fallar-lhe—nesse instante  
dos labios fugio-me a voz!  
Foi um supplicio tremendo!  
Oh foi um supplicio atroz!  
Fallei apenas... não digo  
á campa voará comigo  
o que os labios proferiram...  
— Ligaram-se as nossas almas  
os anjos bateram palmas  
e nossas vidas se uniram...

.....  
.....  
.....  
.....

Findára a festa--a saudade  
á alegria succedeu;  
ao orvalho da madrugada  
a flôr do valle pendeu.

E em sua fronte uma rosa  
se ostentava inda orgulhosa  
de seu throno soberano;  
*depois... passado um momento...*  
não, não quebro o juramento  
tão santo amor não profano!...

Nitherohy.—Setembro 73.



LV

—  
ESCUTA

(PEDIDA)

Escuta, não fujas, donzella formosa ;  
me attende um momento, não sejas maldosa  
ingrata não roubes-me assim a esperança ;  
lançando a tuas plantas as flôres mais bellas  
imploro sómente que pouzes sobre ellas  
as plantas mimosas d'um pé de creança.

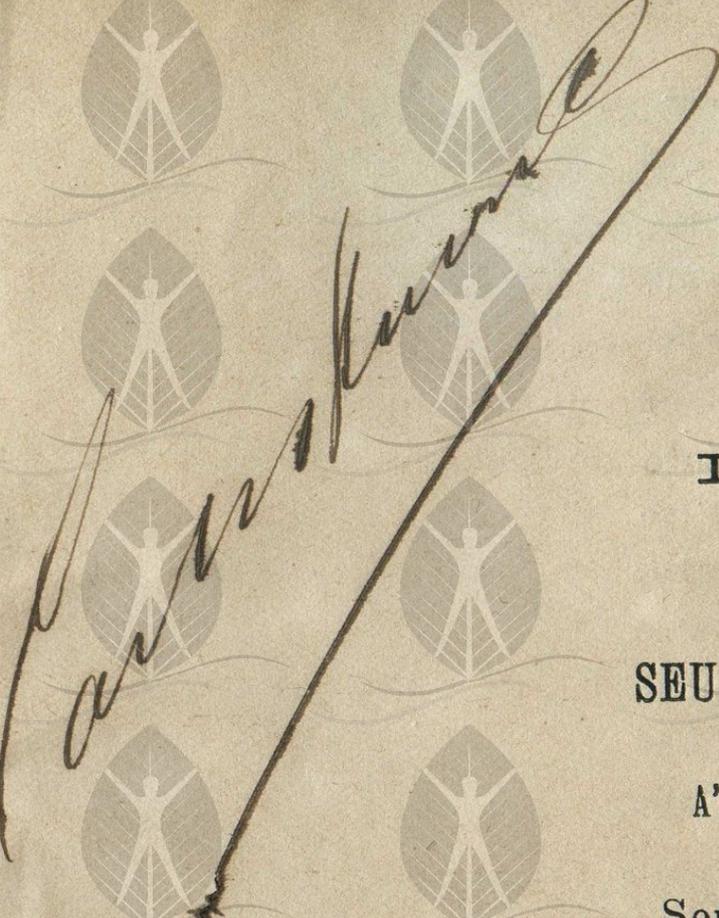
A chamma que sinto lavrar-me no craneo  
— imagem mesquinha d'um sonho titaneo  
— levando-me aos ares buscando a amplidão,  
inspira-me as vezes desejos bem grandes...  
mas... morre-me a crença na falda dos Andes  
entregue aos motejos de teu coração.

E' sonho—quem sabe? dizel-o quem ousa?  
mas olha e não tremas, feliz mariposa,  
isenta ainda hoje d'um fogo traidor,  
lá bem nas alturas, bem junto ás estrellas  
inscriptas em fogo se ostentam mui bellas  
as santas strophes d'um hymno de amor.

Agora que a febre devora-me a alma  
imploro-te, virgem, não negues-me a palma  
— legado sublime das virgens dos céos;  
ingrata não queiras matar-me a esperança,  
me dá essa palma d'um amor de creança,  
estrella mais bella do manto de Deos.

Nitherohy.—73.





LVI

—  
SEUS OLHOS

A' ALSORINA

Seus olhos  
são negros,  
mimosos,  
formosos,  
tremendo  
nas orlas  
sedosas  
da palpebra  
ardente;  
são olhos  
tão bellos  
com tantos  
encantos,  
que fazem  
fitando-os  
morrer-se  
sorrindo  
de amores  
sômente.

Seus olhos  
são langues,  
são vivos,  
captivos  
das chammas  
terriveis  
do fogo  
de amores;  
são olhos  
que fallam;  
teem luz  
que seduz  
um'alma  
que sente.  
São olhos  
que obrigam  
vaidosos  
chamal-os  
— senhores.

Seus olhos!  
As vezes  
tremendo,  
morrendo  
na febre,  
que mata;  
na vida  
de gozos  
supernos,

são settas  
que ferem  
um peito  
sugeito  
aos féros  
ataques  
de ardente  
paixão;  
seus olhos  
são doces,  
são meigos,  
são ternos.

Seus olhos  
são astros  
que brilham,  
que trilham  
nas noites  
saudosas  
os plainos  
cobertos  
de nuvens  
de anil;  
são olhos  
tão bellos,  
pequenos,  
serenos  
brilhando  
no rosto  
faceiro;

são lindos,  
mais lindos  
que os astros  
que correm  
no céu  
do Brazil.

Eu gosto  
de vê-los  
tremendo,  
volvendo,  
lançando  
mil chsipas  
sagradas  
do fogo  
de amores;  
seus olhos!  
Quizera  
curvado,  
humilhado  
ante elles  
chama-los  
contente  
sorrindo  
feliz:  
meus doces  
senhores!

Côrte.—74.—Agosto.

---

LVII

TRES CANTOS

( N'UM ALBUM )

I

Dorme a virgem.—Nos seios escondidos  
entre as dobras nevadas da cambraia  
do corpinho rendado,  
o Senhor como que langue desmaia  
respirando os odôres desprendidos  
de thuribulo sagrado.

II

Sonha a virgem.—Os seios estremecem,  
o coração palpita apressurado...  
a fronte pallidece...  
o Senhor ergue a fronte—desfallecem  
as rosas do semblante nacarado:  
— é o homem que apparece!

III

Desperta a virgem.—O céu perde uma estrella,  
aos pés do altar as rosas da innocencia  
esfolhadas estão ;  
de esposa Deos nas mãos põe-lhe a capella,  
e faz-lhe palpitar com vehemencia  
de mãe um coração.

Julho.—74.—Côrte.



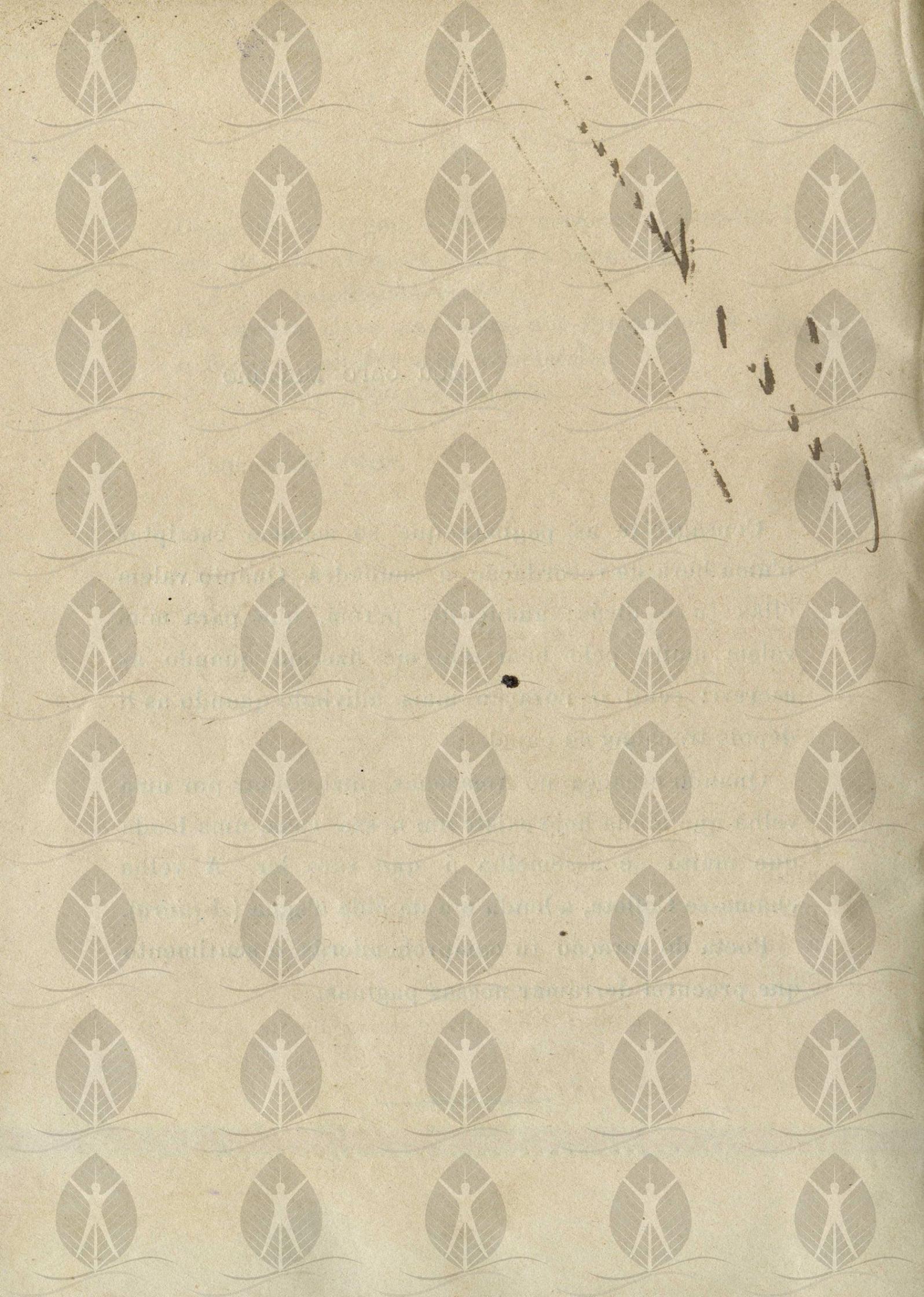
Meu caro Mariano

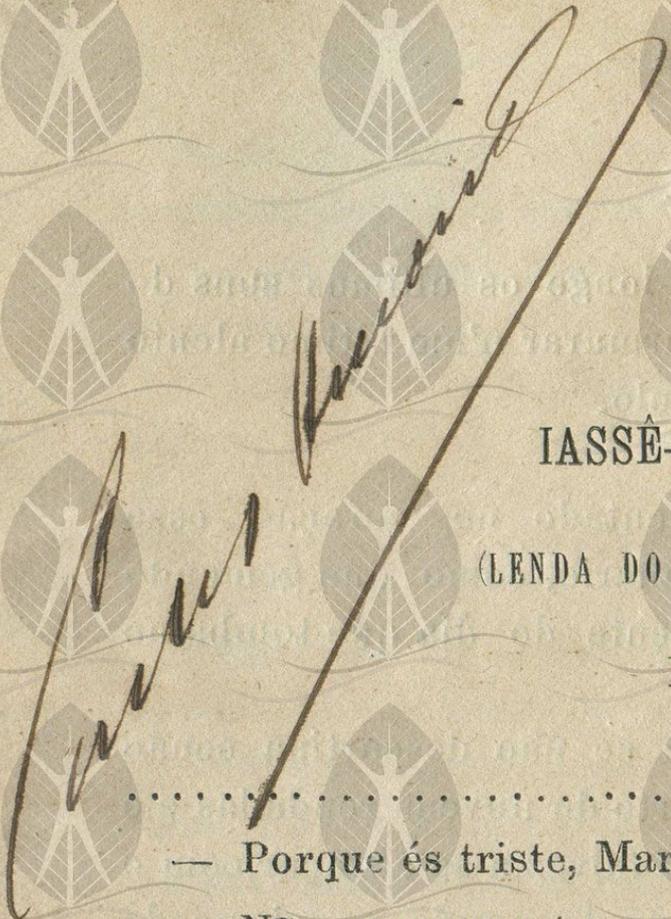
Consagro-te as paginas que se seguem escriptas n'uma hora de recordação e saudades. Quanto valem ellas tu o dirás; affianço-te, porém, que para mim valem muito pelo bem que me fizeram quando as escrevi: senti o coração mais alliviado quando as li depois traçadas no papel.

Quando creança, no Amazonas, ouvi contar por uma velha que ainda hoje existe em nossa casa, uma lenda que muito se assemelha á que vaes lêr. A velha chama-se Colleta, a lenda é a da Mãe d'agua (*A viára*).

Poeta do coração tu comprehenderás o sentimento que procurei derramar nessas paginas.

---





## IASSÊ-TATA'

(LENDAS DO AMAZONAS)

### I

.....

— Porque és triste, Maria?

— Não me perguntes, meu querido; não te contarei nunca o que sinto no coração. Quando vejo a *iassê* correr no céu quero voar e me abraçar com ella; quando oiço o *tangurupará* cantar na *samaumeira* do terreiro sinto um não sei que percorrer-me o corpo, sinto-me prostrada; sinto triste o coração.

— Que linguagem, Maria! Não sabes que te votei o coração e que o sinto morrer contigo? Quando a *papacea*, tua antiga companheira de vigílias se mostra além, onde tu dizias que vias a minha imagem, me parece que já não a fitas com amor. Vives triste como a *juruty* da *capoeira* que suspira á tardinha nos galhos seccos da *murta*.

— Ah meu querido, não me falles assim. Porque me exiges o sacrificio de te contar o meu segredo? *Ella* depois me faria morrer...

.....

.....

II

Lamentosos morriam ao longe os ultimos sons do sino da aldeia. Pareciam murmurar n'um ultimo alento a nenia saudosa do crepusculo.

Soava Ave-Maria.

Quem não tem experimentado no coração essa harmonia lugubre do campanario, como que gemendo sobre o cadaver ainda quente do dia que tomba ao passado?

E então no alto mar, onde se não descortina senão o horisonte longinquo coberto de nuvens rendadas e o oceano tremulo de emoções talvez a se abraçar com o espaço? Ahi então, esquecido do mundo e debruçado sobre a pôpa do navio, ouvindo o ranger da cana do leme, escutando o murmurio confuso das ondas e soltando os cabellos ás brizas do oceano, sente-se na mente um mundo de recordações e o abatimento do espirito domina as emoções do coração: sente-se muita saudade!

Mas... Não foi sobre o oceano e nem em suas margens que se escutaram os derradeiros lamentos do sino da aldeia. Foi bem distante delle. Foi bem distante daqui.

III

A noite era estrellada e saudosa.

O céu tinha como que um riso nas faces: estava coberto com o manto azulado que as mãos do Creador burilára no espaço.

.....

Maria escutava nas quebradas da serra o ruído queixoso do regato que corria.

A casa de Maria ficava na margem do riacho que se espreguiçava medroso.

O *uraricuêra* se deslisava vagaroso no seu leito de pedras.

.....

Como são limpidas as aguas em que Maria vê espelhado o seu semblante?!

Todas as noites quando a *iassê* vaga solitaria nos céos, ella vae alli passar horas inteiras admirando-se na sua imagem que se retracta á flôr d'agua, parecendo querer abraçal-a. Tem vontade quasi irresistivel de se atirar no rio. E' a *viára* que lhe falla do seio das ondas e ella escuta n'um amoroso enleio.

A *viára* a levará um dia consigo ao seio das aguas e a fará adormecer no seu leito de espumas.

Ninguem a vem despertar do seu silencioso e concentrado scismar.

Conversa com sua imagem : a *viára* a fascina.

.....

Morrem ao longe nas dobradas do valle os gritos da *araponga* medrosa.

O *acuráo* começa o seu lugubre e melancolico gemer.

Maria fita a sua imagem na flôr do rio, tremulo e cristallino.

Canta : escutemos seu canto :

Minha mãe a *uiára* me chama,  
me offerece palacios sem par;  
não lamentos se um dia nas ondas  
fôr com ella contente habitar.

A *uiára* me falla de amores...  
já respiro o perfume das flôres...

.....

O sino da aldeia —lá muito longe— como que accompanha o som triste e melancolico do canto de Maria, e a noite já vae caminhando além...

— A *iassê* brilha no céo.

— A face do rio é tranquillã.

— As flôres da matta abrem os seios aos orvalhos da noite.

— Corre medroso o *inambù* da campina.

— O *tangurupará* soltou o grito prolongado e factidico do silencio das mattas...

— Maria caminha vagarosa e pensativa. O orvalho do caminho humedece o seu vestido branco.

Canta baixinho: escutemos ainda:

*Uiára*, eu me vou, já nos ares  
a *iassê* preguiçosa apparece;  
amanhã, minha amiga, em teu leito  
a minh'alma p'ra sempre adormece.

A *uiára* me falla da amores...  
já respiro o perfume das flôres...

.....

E ninguem sabe que a *viára* enganou aquella pobre flôr da aldeia !

— Miseranda !

IV

— Maria, toda de branco, está sentada á margem do rio.

— A *iassé* vae se erguendo nos ares. Ascendem-se nos céos os cyrios do sacrificio.

— Os brandões do enterro illuminam a fronte da virgem.

— As estrellas brilham tremulas.

— Sobre a face do rio se desenrola o sudario da morte : as espumas escrevem o epitaphio da victima, sobre as dobras da mortalha.

Maria canta : escutemos :

Minha mãe a *viára* me chama,  
vou em breve com ella viver ;  
não lamentos tua filha querida :  
ao luar has de sempre me ver.

Que a *viára* no fundo dos mares  
realisa meus doces sonhos.

Meu querido, não chores a falta  
de quem vae para sempre deixar-te ;  
lá no fundo tranquillo das ondas  
meu querido, hei de sempre adorar-te.

Que a *viára* no fundo dos mares  
realisa meus doces sonhos.

Lindas flôres das mattas, não chorem  
por quem sempre vos trouxe no seio.  
Vou viver com a *uiára* nas ondas  
não lamentem tão doce recreio...

Que a *uiára* no fundo dos mares  
realisa meus doces sonhos.

Bellas aves do ar, vossos cantos  
venham sempre comigo entoar;  
quando a aurora surgir no horisonte  
cantarei lá do fundo do mar.

Que a *uiára* no fundo dos mares  
realisa meus doces sonhos.

Minha triste *iassê*, teu semblante  
vem nas ondas do mar desenhar.  
Minha mãe, meu querido, aves, flôres.  
Todos vós vou p'ra sempre deixar.

Que a *uiára* no fundo dos mares  
realisa meus doces sonhos...

.....  
.....  
Suspendeu o canto sentido.  
Soltou os cabellos negros e.... atirou-se no fundo  
das aguas...

Foi na margem do *Uraricuera*. A *iassê* desmaiou nos  
céos e cahio no regaço das nuvens...

O *tangurupará* soltou o grito prolongado e factidico  
e mergulhou-se nas aguas com o corpo de Maria...

.....

V

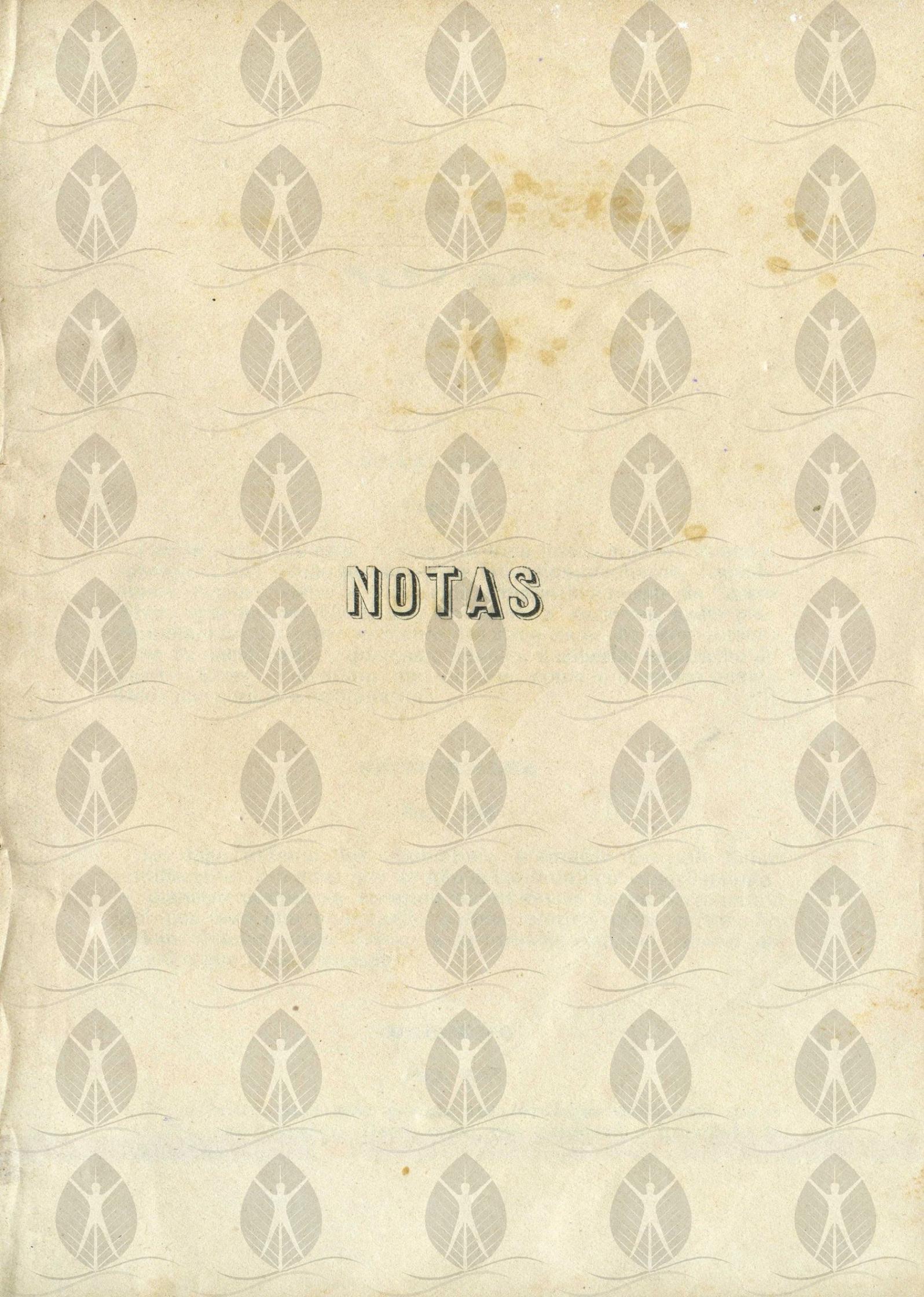
Desde então no céu da aldeia apparece uma estrella brilhante, quando na margem do rio, alta noite e ao luar se vê um vulto de mulher e se escuta ainda o seu ultimo adeos, triste e saudoso como o canto do cysne.

— E' Maria que vaga nos céos e os velhos da aldeia a chamam — *iassê-tátá*.

Côrte — 74.







**NOTAS**



## NOTAS

### FATALIDADE

Pag. 26

Foram escriptos estes versos em uma dessas noites em que o *cynismo* tinha vindo passar a meu lado algumas horas. Casualmente deparei sobre a mesa com a magnifica poesia de Castro Alves, que tem aquelle titulo. Principiei a escrever, quasi machinalmente, por entre as linhas das strophes e.. fiz estes versos!

Se foi sacrificada, o que quasi afianço, a soberba inspiração de Castro Alves, consintam que eu diga como o mavioso poeta: Deos me perdôe a profanação.

### GRITO D'ALMA

Pag. 135

Ao fogo ardente dos vinte annos o coração não póde fectar indifferente, a menos que se não deixe humilhar covardemente, a maneira porque se encaram os interesses de seu berço natal. Foi por isso que n'um *grito d'alma* escrevi estes versos. Se valem alguma cousa devo-o á sinceridade com que esbocei no papel o que ia pelo coração.

### MALDICTO

Pag. 147

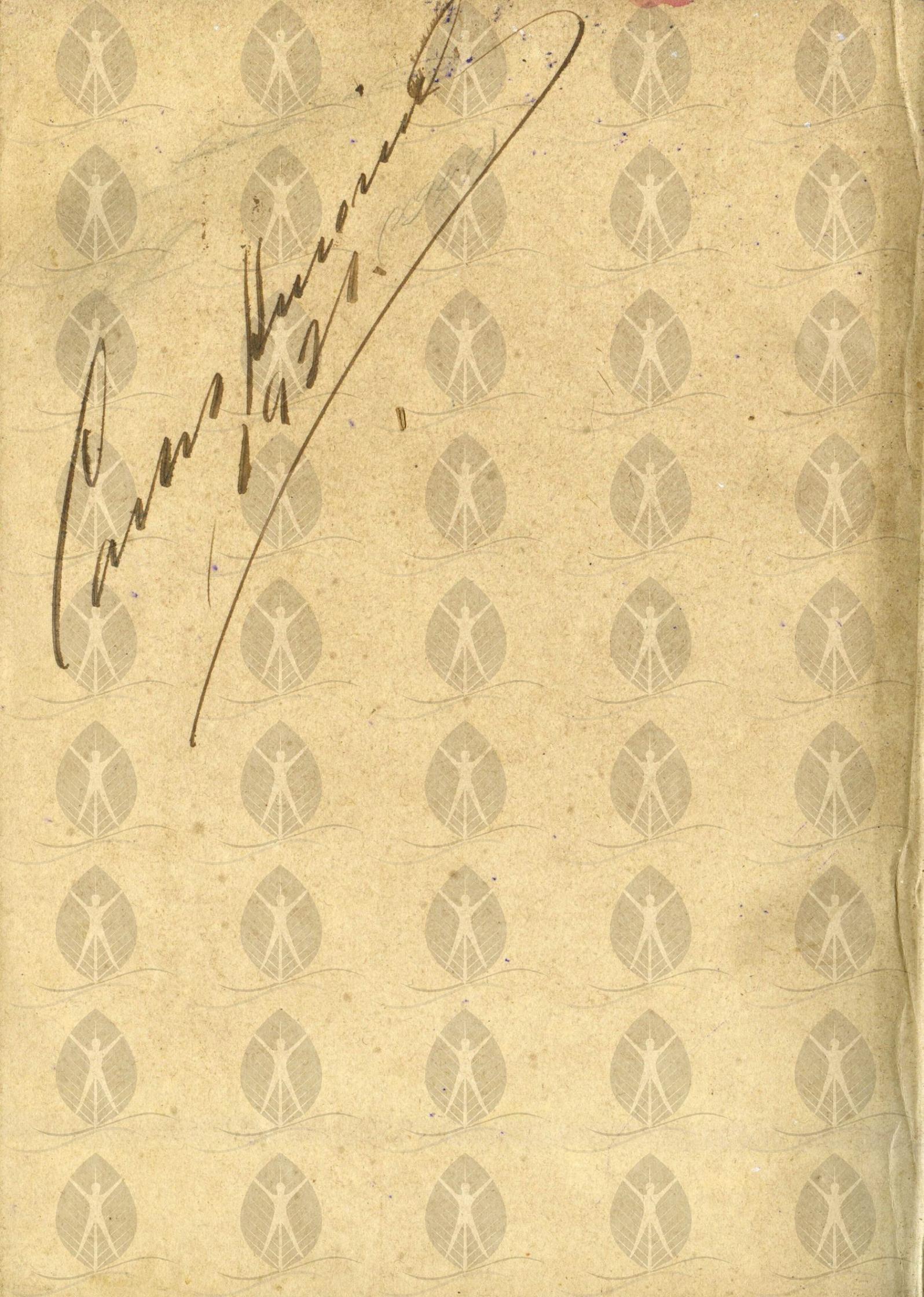
Peço *venia* para esta poesia aos *theologos* modernos e aos crentes phanatisados. Deos, creio, me perdoará a liberdade da linguagem.

**IASSÊ TÁTÁ**

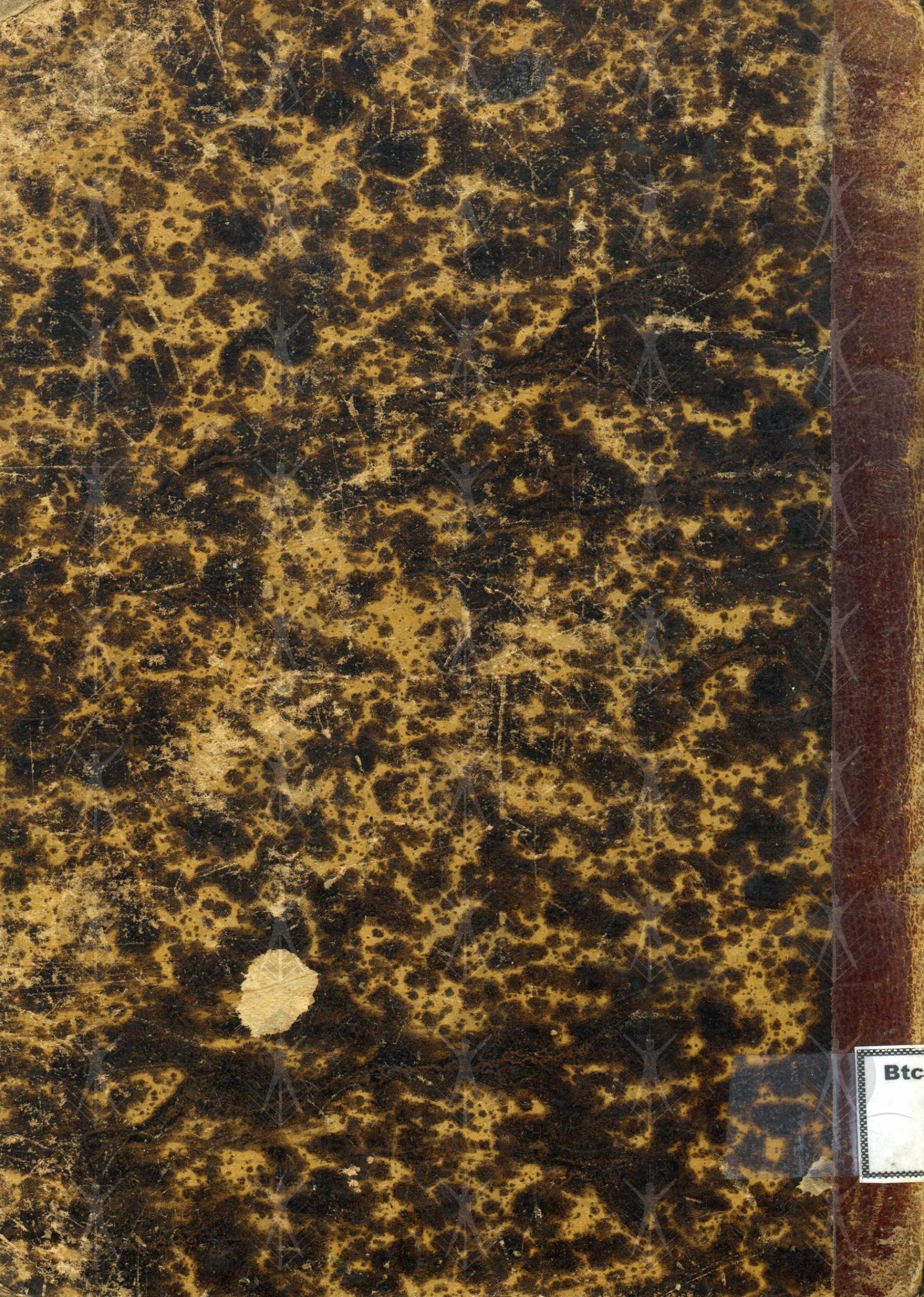
Pag. 173

No Amazonas, entre muitas lendas que os velhos vão transmittindo ás gerações que surgem, se conta a da *Uiára* (Mãe d'agua). Foi esta que procurei traçar nas paginas que vão sob o titulo—*Iassê-Tátá* (Estrella d'alva). Assim, pois, fica mais ou menos explicado o sentido das linhas de que trato, pela fôrma um tanto confusa com que as escrevi, buscando tornal-a quasi propria unicamente dos filhos d'aquella terra, e que conhecem, de alguma fôrma, a lenda da *Uiára*.









Btc



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA